



José Paulo Lombardi

O Coração de Barretos

fotos: Wanderlei dos Santos (Tininho)
Barretos - SP

O Coração de Barretos

Lombardi, José Paulo
O Coração de Barretos

Lombardi - Barretos, SP: J. P. Lombardi, 2002

Capa: Abílio Batista da Silva

Impressão: Gráfica Barretos

1 . O Coração de Barretos
Barretos (SP) - História



O autor com o papa João Paulo II, no escritório de S. S. no Vaticano, aos 20/03/1995, apresentado pelo bispo Dom Fré

José Paulo Lombardi é jornalista, formado em Comunicação Social pela Unaerp-Rib. Preto, publicitário, ex-proprietário dos jornais *O Colinense* - (Colina-SP) e *Folha de Guaíra* (este não mais existente); membro da equipe diocesana de Liturgia da diocese de Barretos, desde 1993; membro do Conselho Diocesano (ampliado) de Pastoral; coordenador de um grupo de canto litúrgico no Santuário São Benedito; um dos animadores de canto litúrgico na Capela Santo Antônio de Pádua, no bairro Derby Clube; atual presidente do Conselho Central de Barretos da Sociedade de São Vicente de Paulo; ex-presidente e atual tesoureiro da Conferência Vicentina São Marcos, no bairro Jockey Clube; ex-editor do jornal *Voz Diocesana*, por 29 meses; ex-integrante de diversas Pastorais, nas paróquias de cidades onde já residiu; ex-presidente da Associação de Moradores do bairro Jockey Clube, em Barretos; ex-editor do *Jornal 24 horas*, na internet; atual diretor da empresa “*Lomb Arts*”, administradora de propagandas junto à empresa “*Viasa*”, de transporte coletivo urbano; possuidor de vários certificados de participação em cursos, workshops e seminários.

Notas

Apresentar esse trabalho é uma realização pessoal, tão grande sempre foi a admiração que tive por essa igreja, onde nasci de novo, em sua pia batismal, aos 22 de junho de 1947, pelas mãos do Pe. Plácido Campos, SS.CC., o mesmo padre que, no ano seguinte, batizaria, no mesmo lugar, minha esposa, Maria Isabel.

Meus avós já a frequentavam, desde quando chegaram a Barretos por volta de 1915. Meu pai, Ântimo Santo Lombardi, e minha mãe, Natália, nela cresceram e dela participavam ativamente. Ele, congregado mariano, vicentino; ela, na década de 30 e 40, a “prima voce” do coral que as irmãs do Educandário Sagrados Corações mantinham, e posteriormente Filha de Maria. Nessa igreja se conheceram, se casaram e batizaram seus nove filhos. Depois de minha primeira comunhão, em 1956 (foto na p. 122), fui coroíinha e respondia em latim decorado as respostas rituais, nas missas, no Altar-Mor. Quantas vezes, porém, ao admirar tanto desenho, tanta decoração, ficava a me perguntar o que significava tudo aquilo. Talvez tenha sido por aí que passei a gostar tanto de liturgia, e a estudá-la., descobrindo então a beleza dos significados de tudo isso que nos encaminha direto para Deus. Tive ainda a graça de ir a Roma e ao Vaticano, em março/abril de 1995, e a oportunidade de visitar inúmeros museus romanos, admirando e conhecendo parte de toda a arte sacra de séculos e séculos. Agora, com esse trabalho, nosso desejo é que ele ajude muitas pessoas a também descobrir a vontade do Pai, que se dirige a nós de várias maneiras, cabendo-nos a tarefa de encontrá-lo.

No cumprimento dessa tarefa, e por ser a renda auferida com a venda desse livro destinada às obras da Sociedade de São Vicente de Paulo, contamos com o auxílio precioso do fotógrafo e amigo Wanderlei *Tininho Santos*, que nada cobrou por seu serviço paciente de fotografar toda a igreja, em vários dias de trabalho. Chegou ele a subir andaimes, armados no presbitério, que atingiram 11 metros de altura, para as fotos da cúpula. Nosso muito obrigado e nosso reconhecimento!

Também registramos aqui nosso agradecimento especial ao pároco Pe. Deusmar, que não pôs obstáculos ao nosso trabalho, e deu as autorizações necessárias para a sua realização.

Destinada a todos quantos admiram esse marco da cristandade, em nosso Chão Preto, essa obra não está completa, talvez até tenha pequenas falhas históricas, dada a dificuldade de se obter os detalhes de época tão remota, mesmo contando com pesquisas em Livros do Tombo existestes. É um primeiro passo, contudo, e uma contribuição à história.

O Amor - **Espírito Santo** - escolhido como Padroeiro pelos fundadores dessa cidade, mova todos os corações dos barretos de ontem, de hoje e de sempre - *fratres summus omnes*” -, e nos una em torno dos Dois Corações (de Jesus e de Maria) a quem somos consagrados, formando então um único Coração a impulsionar o Corpo Místico da Igreja, que formamos, na caminhada rumo à pátria definitiva.

O autor.

Dedicatória

*Ao Espírito Santo, idealizador e inspirador dessa obra;
À minha esposa, Maria Isabel, companheira de sempre;
Aos meus filhos, Paulo Henrique e Paulo Eduardo;
À minha neta, Gabriela;
Aos meus pais, Ântimo Santo (in memoriam) e
Natalia, que nesta igreja se conheceram,
se casaram e educaram seus filhos.*

PREFÁCIO

Uma cidade se constrói graças ao sacrifício, à luta, à fé e à perseverança de homens e mulheres corajosos e idealistas. Barretos nasceu do desejo de se constituir um patrimônio dedicado ao Espírito Santo, onde deveria ser construída uma capela. Esta capela tornou-se “o coração de Barretos”, pois foi nela que os primeiros habitantes destas terras buscaram força e inspiração.

Um povo se forma, se organiza e se mantém quando em seu meio se cultiva a solidariedade, a partilha e o amor ao próximo. Os vicentinos são homens e mulheres de fé que praticam a solidariedade, testemunhando o valor da partilha e do amor para com os pobres.

O autor desta obra uniu estas duas realidades: valoriza a cidade que desde o seu nascimento teve como coração, a irrigar sangue por todas as suas veias, uma capela dedicada ao Amor, pois o Espírito Santo é Amor; e valoriza também o trabalho dos vicentinos a serviço dos pobres, quando oferece todo o resultado financeiro deste trabalho, rico de informações e conhecimentos eclesiais e litúrgicos, às obras vicentinas.

Na obra “O Coração de Barretos” tem fotos históricas de nossa Igreja Catedral, desde as várias etapas de sua construção até aos dias atuais. Temos também fotos dos vários símbolos presentes na pintura interna, além das imagens, vitrais, quadros, altares, sinos, cruzes, etc, e tudo com uma análise detalhada de significados, que demonstra o interesse do autor pela arte sacra e pela evangelização através dos sinais e símbolos.

O autor procura também ser fiel à história, mostrando vários acontecimentos relacionados à vida de nossa Igreja Catedral, e assim mostra fotos e fala sobre os vários párocos que por ela passaram, homens que dedicaram grande parte de suas vidas não somente para o seu embelezamento espiritual: são tantas as crianças que por estes receberam o sacramento do Batismo, milhares receberam Jesus pela primeira vez na Eucaristia; inúmeros casais foram abençoados pelo sacramento do matrimônio, é incontável a fila dos pecadores que fizeram a experiência do retorno a Deus, através do sacramento da Reconciliação e do aconselhamento parterno destes pastores do povo de Deus. Também nas paredes de nossa Catedral ecoaram as vozes de nossos bispos, sucessores dos apóstolos, que desde o coração de Barretos, Igreja-Mãe de nossa diocese, confirmam na fé os discípulos de Jesus, presentes nesta porção do povo de Deus.

No silêncio da Catedral, quantos com certeza conseguiram entrar em comunhão com Deus pela oração e pela contemplação tão favorecida pela pintura interna, imagens etc...

Para o enriquecimento de nosso conhecimento, o autor nos presenteia, no final desta obra, com um pequeno vocabulário de termos litúrgicos. Isto tudo serve para que nós possamos entender melhor nossa religião, conhecer em detalhes a nossa Igreja Catedral e assim viver com maior intensidade a nossa fé cristã.

Ninguém ama aquilo que não conhece; como 20º pároco desta paróquia, que tem como sede a Igreja-Mãe de nossa diocese, o Coração de Barretos, acredito que esta obra poderá ajudar e muito a todos aqueles que a adquirirem, no conhecimento histórico e litúrgico de nossa Igreja e, assim, com certeza irão amá-la com maior intensidade e dedicação.

Pe. Deusmar Jesus da Silva

Tininho Santos

8



Tininho Santos



Explosão de símbolos

O ser humano, em sua caminhada terrena rumo ao Infinito, não tem como não se relacionar com os milhares de símbolos, sinais e ícones, codificados e convencionais, que ao longo da história vão sendo criados, daí resultando todo um complexo sistema a ser catalogado, aprendido e compreendido.

Não raramente, dada essa profusão de símbolos por toda a parte, o homem tenta se afastar dessa compreensão, às vezes até considerando tratar-se de cultura inútil, diante da necessidade pragmática da própria sobrevivência, em um mundo que, na atualidade, prioriza o consumo fácil de coisas e idéias.

“O que querem dizer ao irmão que lê e contempla essas monstrosidades ridículas, essas belezas assombrosamente disformes e essas deformidades admiravelmente belas que povoam os átrios do mosteiro? A que vêm os macacos volúveis, os lobos furiosos, os tigres malhados, os centauros horríveis, os esgrimistas lutando, os caçadores soprando em seus instrumentos musicais? Numa só cabeça, eis que vês muitos corpos, e num só corpo, por sua vez, muitas cabeças. Ora uma cauda de serpente num quadrúpede, ora um peixe e cabeça dum quadrúpede. Noutro lugar, eis uma rês com frente de cavalo e a parte posterior de cabra, alhures um animal de chifres com a parte de trás de cavalo. Em suma, por toda parte se vislumbra uma multiplicidade, variegada e assombrosa, das mais diversificadas imagens, de sorte que com mais prazer se lê nas pedras que nos livros, preferindo-se admirar essas singularidades a tomar a peito os mandamentos de Deus. Santo Deus, se não se peja das farsas, pelo menos por que não se tem medo dos custos?”

O trecho acima, introdução do “Dicionário dos Símbolos”, foi escrito em 1153 por Bernardo de Claraval, em carta ao abade superior de um mosteiro, comentando a pintura ornamental da igreja abacial de Cluny, hoje já destruída. Uma espécie de revolta contra a explosão de pinturas, com suas figuras simbólicas e alegóricas, muito utilizada na arquitetura da época.

Essa constatação também se faz nos dias de hoje, sobretudo pelos materialistas, conforme vemos em Carl Gustav Jung (1968), em “O Homem e seus Símbolos”:

“À medida que nossa compreensão científica cresceu, nosso mundo desumanizou-se. O homem sente-se isolado no cosmos, porque não mais se liga à natureza e sua ‘identidade inconsciente’ emocional com fenômenos naturais foi perdida. Isso veio a prejudicar-lhe sua substância simbólica. O trovão não é mais a voz de um deus irado e o raio não mais seu meio de lançar castigos. Em nenhum rio vive mais um espírito, nenhuma árvore é o princípio de vida do homem, nenhuma serpente é corporificação da sabedoria, nenhuma gruta dos montes é a morada de um grande demônio. Nenhuma voz fala mais ao homem das pedras, das plantas e dos

animais, e também ele não mais fala a eles crendo que o entendam. Perdeu-se seu contato com a natureza e, sendo assim, a forte energia emocional que essa ligação simbólica exercia.”

A Catedral do Divino Espírito Santo de Barretos, notadamente em seu interior, é uma dessas raras preciosidades em cultura artística sacra, pela riqueza de sua simbologia expressa por todo lado, em paredes, teto e vitrais. É impossível, ao frequentá-la ou mesmo em curtas visitas, não se maravilhar diante de tantos pormenores, por todo canto, cada um deles rico em significado, no esforço de seus autores em transmitir sua visão íntima do sagrado. Por isso, apesar de vez por outra nos depararmos com escritos de pessoas aparentemente insensíveis, na verdade até os mais simples dos humanos quedam-se diante da arte, especialmente a arte sacra, que nos remete instantaneamente a Deus.

A Igreja, ao longo dos séculos de sua existência, sem qualquer dúvida sempre foi e é a grande incentivadora dessa criatividade artística, e depois pela sua própria manutenção, porque nas artes enxerga reflexos da beleza do Todo-Amoroso. Sem a pretensão de aprofundar o assunto, por não ser o objetivo dessa obra, convém no entanto irmos a documentos conciliares, para sentirmos, pelo menos superficialmente, o enorme valor dado pela Igreja às artes sacras, ricas em simbologia:

“Entre as mais nobres atividades do espírito humano, contam-se com todo o direito as belas-artes, principalmente a arte religiosa e a sua melhor expressão, a arte sacra. Por sua própria natureza, estão relacionados com a infinita beleza de Deus a ser expressa de certa forma pelas obras humanas. Tanto mais podem dedicar-se a Deus, a seu louvor e à exaltação de sua glória, quanto mais distantes estiverem de todo propósito que não seja o de contribuir poderosamente na sincera conversão dos corações humanos a Deus.”
(Sacrosanctum Concilium, 730)

Além dessa função primordial de levar os corações humanos na direção do Criador, as artes servem especificamente às próprias celebrações litúrgicas, e por isso têm a colaboração e o incentivo da Igreja:

“Também em nossos dias e em todos os povos e regiões, a arte goze de livre exercício na Igreja, contanto que, com a devida reverência e honra, sirva aos sagrados templos e às cerimônias sacras;”
(id, 733)

Essa preocupação, quanto ao correto direcionamento da devoção dos fiéis, é constante na Igreja. Embora a veneração a imagens de santos e santas seja até recomendada, costume este que deve permanecer “firme”, nunca é demais repetir que o ponto central de

nossa vida é o próprio Deus, para que não ocorram desvios por parte de pessoas que, ao entrarem em igrejas, se sintam impelidas a buscar primeiramente as imagens de santos ou santas, ao invés de se dirigirem preferencialmente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo:

“Firme permaneça o costume de propor nas igrejas as sagradas imagens à veneração dos fiéis; contudo, sejam expostas com moderação quanto ao número, com conveniência quanto à ordem, para que não causem admiração ao povo cristão nem favoreçam devoções menos corretas.” (id, 737)

A Igreja, ao longo da história, sempre incentivou, e o continua fazendo, a cultura de um modo geral, e particularmente as artes sacras, porque acredita na ação da Sabedoria de Deus junto aos seus filhos, com os quais se delicia:

“Quando se aplica às múltiplas disciplinas da filosofia, da história, das ciências matemáticas e naturais, e se ocupa das artes, o homem pode contribuir em alta medida para que a família humana se eleve às noções mais nobres do verdadeiro, do bom e do belo e a um juízo de valor do universo e seja mais claramente iluminado pela Sabedoria admirável, que estava junto de Deus desde toda a eternidade, dispondo com Ele todas as coisas, brincando sobre o globo da terra e encontrando as suas delícias junto com os filhos dos homens.” (Gaudium et Spes, 385)

Enfim, a grande importância das letras e artes se destaca ao se verificar que elas contribuem eficazmente na caminhada humana, em luta contínua para dominar o mundo e o fazê-lo cada vez melhor, mais bonito, mais fraterno:

“Também a seu modo as letras e as artes são de grande importância para a vida da Igreja. Procuram compreender a índole própria do homem, seus problemas e suas tentativas enérgicas de conhecer e aperfeiçoar a si mesmo e o mundo. Esforçam-se para descobrir o seu lugar na história e no universo inteiro e elucidar as misérias e alegrias, as necessidades e as energias dos homens e antecipar um destino humano melhor. Deste modo, conseguem elevar a vida humana, expressa de variadas formas, segundo as épocas e as regiões.” (id, 407)



Convém, ainda, antes do término dessa introdução, nos referirmos ao contemporâneo “Documento 43” da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que trata da “Animação da Vida Litúrgica no Brasil”. Nos trechos, que a seguir destacamos, sentimos toda a magnitude de um templo como o da Catedral de Barretos porque, apesar de construído a partir dos últimos anos do século XIX, guarda todas as recomendações hoje ainda feitas:

138. “Embora as exigências pastorais façam surgir hoje novos lugares para celebração litúrgica, o templo é o espaço mais conveniente para nosso culto.

139. O templo é sinal da presença e ação salvífica do Pai; é imagem do Corpo Místico de Jesus Cristo, único e verdadeiro templo, construído com pedras vivas para oferecer sacrifícios novos (cf. Jo 2,19 e 21). O próprio Deus consente que nossos edifícios sejam sua casa, pois nesse espaço ele nos dá vivenciar a sua união conosco e a união fraterna entre nós.

140. Por isso, a igreja-edifício é sinal também da Igreja-Comunidade. Assim este edifício não é uma construção qualquer: é sinal da Igreja peregrina, é imagem da Igreja celeste.

141. A Igreja, como família de Deus, precisa de uma casa para reunir-se, dialogar, viver na alegria e na comum-união os grandes momentos de sua vida religiosa. (...)

142. A Igreja-edifício deve ser funcional e significativa, favorendo, através de configuração e distribuição dos dois espaços fundamentais, tanto a execução da ação litúrgica quanto a participação ativa dos fiéis.

Para que cada um possa exercer corretamente a sua função, tenham o devido destaque o presbitério, o altar, a sede da presidência, a mesa da Palavra, a cruz, o tabernáculo e lugar para os diferentes ministérios, para favorecer a participação dos fiéis.

143. A ornamentação do local concorre muito para expressar o sentido do templo. Por isso, nossas igrejas e também os outros lugares onde se celebra o culto, devem recorrer à arte e ao bom gosto para criar um ambiente religioso digno, cômodo, funcional e simples, sem ser banal. Cuidado especial se deve ter com a acústica, para possibilitar a comunicação da palavra e a execução da música, que pode impregnar o ambiente de nobreza e religiosidade quando ressoa bem.

144. Os vasos sagrados, os lugares, os livros e as vestes merecem atenção especial. No altar mantenha-se apenas o estritamente necessário para a Celebração eucarística.

É tradicional o costume de empregar material nobre para os vasos sagrados, dando-se liberdade aos artistas para executá-los com criatividade e bom gosto. (...)

146. As vestes litúrgicas, com suas formas especiais e cores variadas, são sinais para o povo e para os próprios ministros de que eles agem aqui e agora em nome e na pessoa de Cristo e da Igreja. Indicam ainda a diversidade dos serviços prestados na celebração através do ministro.

147. A CNBB aprovou o uso da túnica ampla de cor neutra, com a estola da cor do tempo ou da festa. Na confecção destas vestes deixa-se campo aberto à criatividade artística, que sabe respeitar o decoro do culto e a expressão de nossa cultura.

148. Os *elementos-sinais na celebração*. Como sacramento de Cristo, a Igreja revela e realiza a glorificação de Deus e a santificação da humanidade através de elementos naturais: pão, vinho, óleo, água, luz, fazem parte do comer, beber, ungir, lavar e iluminar, que são sinais nos sacramentos. A Liturgia recupera assim o sentido do mundo criado, revelando nos vários elementos a sua capacidade de expressar simbolicamente a bondade do Criador.

É conveniente que esses elementos, para melhor serem sinais, sejam usados com certa abundância, que representem a refeição, o banho purificador, a unção reconfortante.” (Animação da Vida Litúrgica no Brasil, CNBB, doc. 43)

Resumo histórico

Para se ter uma rápida idéia da história da catedral de Barretos, mister se faz ir brevemente aos primórdios da comunidade barretense. Atualmente, a cidade comemora sua data magna nos dias 25 de agosto, e 1854 é o ano considerado de sua fundação. Isso nos é informado através de dados da Secretaria Municipal de Cultura, que a respeito descreve:

“Por quê 25 de Agosto?”

A fundação de Barretos não se deu precisamente no dia 25 de agosto de 1854. Não foi exatamente nesse dia que Francisco Barreto e Simão Antônio Marques, o “Librina”, fincaram um marco no chão, dizendo que estava fundada a cidade que levou mais tarde o nome da família do primeiro.

Eram tempos do império, reinado de Dom Pedro II. A independência do Brasil, diante de Portugal, acontecera há pouco mais de 30 anos. 25 de Agosto de 1854 é uma data simbólica, adotada conven-

cionalmente, e reconhecida depois por lei municipal, por ser o dia em que se lavrou a escritura de doação de terras, pelos descendentes de Francisco Barreto e de “Librina”, ao Divino Espírito Santo, a fim de se constituir um patrimônio em que deveria ser construída uma capela para sua adoração. Desta forma, por ser o documento mais antigo relacionado com os primórdios da população, embora por aqui já residissem centenas de pessoas, passou, assim, a ser considerado como marco da fundação de Barretos.

16 anos antes de 1854

Os fundadores já residiam por estas bandas desde o ano de 1838, aqui tendo se “apossado” de grandes extensões de terras, sendo esta região então denominada “Fortaleza”, “Monte Alegre” e “Posse Seca”. Vieram de Caldas Velhas, então Província de Minas Gerais, embora fossem naturais de São José da Campanha, da mesma província. Eram, como milhares de outros, netos e bisnetos dos paulistas que adentraram as Minas Gerais no ciclo da mineração, e que retornaram mais tarde para a terra de origem de seus ascendentes, já agora em busca de solo fértil para a lavoura, na eterna preocupação pela sobrevivência.

Francisco Barreto chegara com a família, a esposa Ana Rosa e oito filhos, além do irmão Antônio, enquanto Simão Antônio, o “Librina”, seu cunhado, se mudara para cá com a esposa Joana Maria de Azevedo, filhos e irmão.

Doação de 82 alqueires

Vindo a falecer Francisco Barreto, em 1848, e sua esposa Ana Rosa quatro anos mais tarde (1852), aconteceu que em 1854, no dia 25 de agosto, seus filhos, noras e genros, e mais Simão “Librina” Antônio Marques, sua esposa, filhos e irmãos, incumbiram Antônio Leite de Moura de passar a escritura “de mão”, ou seja, instrumento particular pela qual, perante as testemunhas presentes ao ato, Felisbino José Pereira e Dorício Barbosa de Oliveira, doaram ao Divino Espírito Santo: o primeiro grupo, 62 alqueires de terra, “em campos e serrados e cultura na forquilha da última barra, na mesma morada da fazenda”, intitulada “Fortaleza”, situada no Curato de Jaboticabal e Termo de Vila São Bento de Araraquara; e, o segundo grupo, 20 alqueires na “Fazenda Monte Alegre”, contíguos àqueles, totalizando 82 alqueires. O objetivo da doação estava ex-

presso no documento: “para no dito lugar se constituir hum Patrimônio para Capella dommo. Divino que pretende edificar”.

Em atenção a tal propósito, o filho de Francisco Barreto, de nome José Francisco Barreto, juntamente com Simão “Librina” Antônio Marques, erigiu a capelinha sob a invocação do Divino Espírito Santo, ao lado de onde hoje se ergue a Catedral que guarda também esta designação, em torno da qual foram se agrupando casinhas de sapé, num salto que deram essas desde a sede da Fazenda Fortaleza, residência dos Barreto, ali pelos altos da rua 8, subindo depois pelas encostas do córrego até à rua 14, com o que nasceu o Arraial dos Barretos.”

Primeiro “vigário”

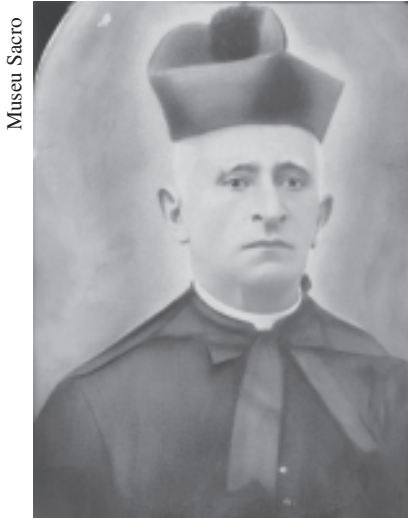
Como se mostrou, de início era apenas uma capelinha, erguida na primeira metade do século XIX, logo que os primeiros moradores aqui chegaram. Não demorou muito para ser construída uma segunda igreja, pouca coisa maior, próxima da primitiva capela e no lugar onde hoje se encontra o presbitério e sua cúpula. À sua frente, onde hoje é a nave, foi erguido um barracão, onde se realizavam festas e quermesses beneficentes.

Em março de 1874, a povoação de Barretos (ainda conhecida como “Ponta do Rio Pardo”), foi elevada à categoria de “Freguesia”, territorialmente sob a jurisdição do município de Araraquara, e anos mais tarde passando para Jaboticabal. O nome oficial da nova freguesia ficou sendo “Espírito Santo do Alto Pardo”; que no mês seguinte passou a ser “Distrito de Paz”. Nesse mesmo abril, foi ratificado o nome de “Espírito Santo” como padroeiro do local, popularmente “Espírito Santo dos Barretos”. Foi então que o bispo diocesano de São Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues, instituiu oficialmente a “Paróquia do Divino Espírito Santo de Barretos”, por provisão datada de 2 de julho de 1877.

Até essa época, não havia um padre que aqui residisse. Para os batizados e celebrações de núpcias, além de outros ofícios, vinham padres de outras cidades atender as necessidades dos moradores. Com a instituição da paróquia, no entanto, o padre Henrique Sassi (não há foto dele) passou a dela cuidar, mas sua nomeação oficial como primeiro “Vigário” só aconteceu a 1º de março de 1878. Lembre-se que, naquela época e até o Concílio Vaticano II, o título do sacerdote responsável pela paróquia era “vigário”. Se outros padres houvessem, eram chamados de “coadjutores”. Só depois da década de 60 (do séc. XX) é que foi adotado o nome “pároco” para o titular, passando os demais a ser conhecidos como “vigários”.

Vigários seguintes e Construção da “Matriz”

A igreja-edifício principal de uma localidade também sempre foi conhecida como “igreja-matriz”. Em Barretos, essa idéia se reforçou mais ainda quando outras capelas começaram a surgir em pontos isolados, ainda no final do século XIX, sobretudo na zona rural.



Pe. Francisco Valente

O segundo vigário foi nomeado aos 4 de setembro de 1880: Padre Francisco Valente, italiano, que permaneceu no cargo por 29 anos, ou seja, até 1909. Seria o pároco que por mais tempo administraria a paróquia, até agora. Eram tempos difíceis, sem comunicação rápida, sem meios de transporte a não ser por tração animal. Só no séc. XX chegaria até aqui a estrada de ferro. Não havia uma casa paroquial, e a capela ainda podia ser considerada pequena e rústica, o seu altar era de madeira. Mesmo assim, aos 08 de dezembro de 1884, Pe. Valente a consagrou ao Sagrado Coração Jesus. Bastante gente participou da cerimônia.

Pe. Valente, porém, começou a convencer os moradores que estava se fazendo necessário construir uma nova igreja, bem maior. A idéia foi tomando corpo, até que, aos 10 de agosto de 1893, começaram as obras. A nova matriz seria construída na frente da antiga, que continuaria sendo usada

nos cultos. O dinheiro, porém, acabou logo, e os serviços foram paralisados, ficando assim por pelo menos 10 anos. No início do século XX, a obra era às vezes retomada, sempre com dificuldades financeiras, e por isso frequentemente os serviços paravam. Às vezes, chegava-se até à deterioração de algumas partes já construídas. Em 1904, já havia seis imagens na igreja: Sagrado Coração de Jesus, N. Sra. das Dores, Senhor Morto, Senhor dos Passos, São Sebastião e N. Sra. Aparecida.

O terceiro vigário, Pe. Ramiro de Campos Meirelles, tomou posse a 6 de junho de 1909 - foi quem abençoou a nova Capela de N. Sra. do Rosário -, mas ficou pouco tempo no cargo. Aos 26 de setembro assumiu um substituto, Pe. Mariano Patella, sendo na gestão dele que veio a Barretos o bispo de São Carlos, Dom José Marcondes Homem de Mello, para sua primeira visita pastoral à paróquia do Divino Espírito Santo, que passara a ser vinculada à sua diocese. Isso se deu nos últimos três dias de outubro e início de novembro de 1909, quando fez um veemente apelo ao



Pe. Ramiro Meireles

povo barretense para que retomasse definitivamente as obras de construção da igreja-matriz, “que levantada no meio desta futura cidade, será um padrão de glória da geração presente, que legará ao futuro um atestado eloqüente de esforço e de fé”, disse o bispo.

O apelo foi bem recebido e houve um novo ânimo na cidade, com essa finalidade. Um outro vigário em exercício, de nome Pe. Antonio Biscardi, no dia 27 de fevereiro de 1910 foi quem inclusive nomeou uma Comissão de pessoas para encabeçar as obras.

Como quarto vigário oficial, chegou o italiano Padre José Ceccere, tomando posse aos 8 de abril de 1910, tendo sido o responsável pela paróquia até 1916. Foi ele quem iniciou a construção das duas torres e da fachada da igreja, com os empreiteiros Irmãos Tonelli, sendo José Scannavino o mestre-de-obras. No final de 1910, uma das torres já estava quase pronta.

Padre Ceccere era culto, afeiçoado a eventos literários, e incentivou moradores influentes da cidade a fundar uma associação literária. Daí resultou, de imediato, a fundação do atual Grêmio Literário e Recreativo de Barretos, em 1910. Recorde-se que o nome simplificado de “Barretos” passara a ser oficial desde 1906.

Museu Sacro



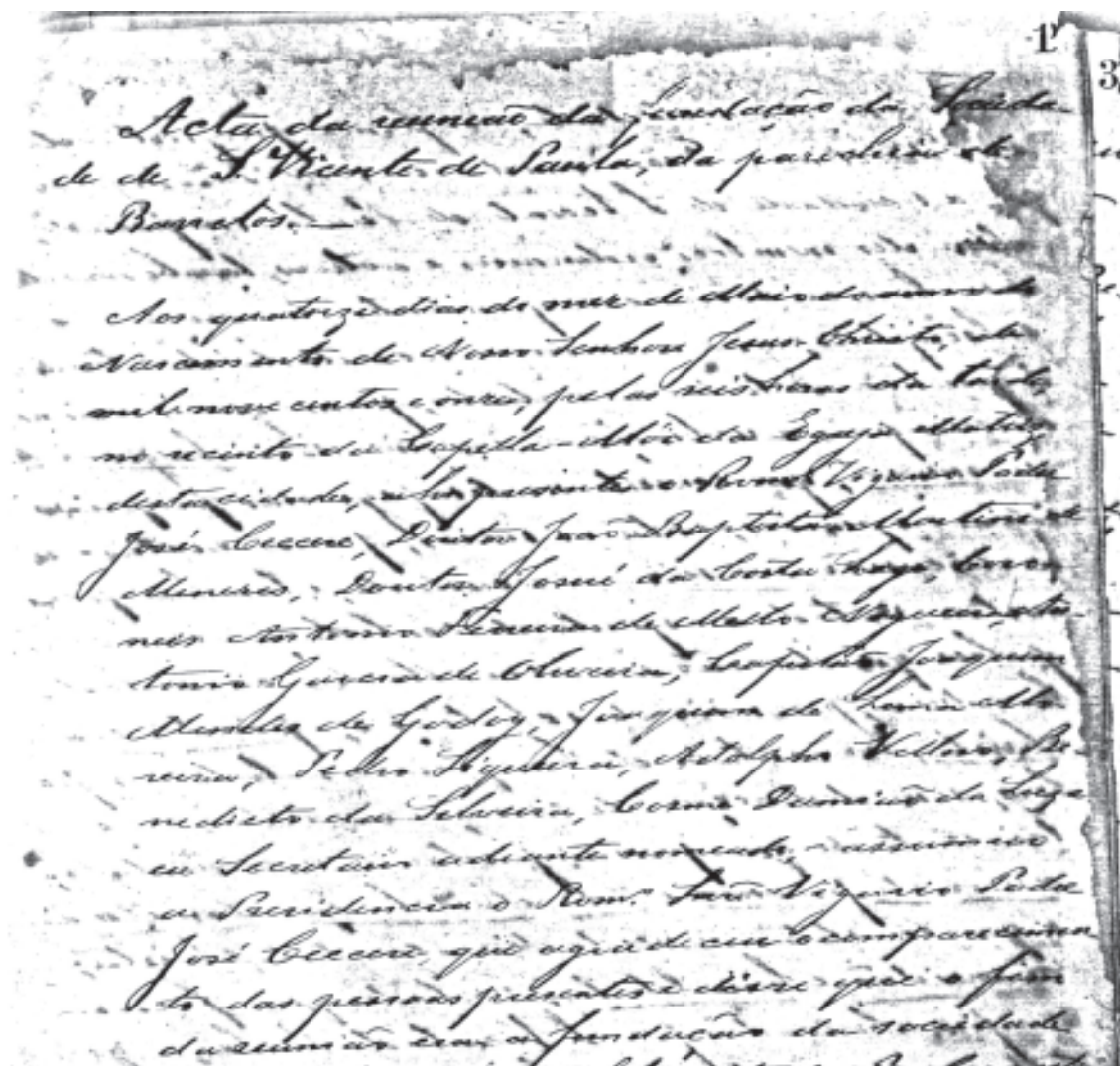
Pe. José Ceccere

Foi também sob a influência de Padre Ceccere que a Sociedade de São Vicente de Paulo, instituição religiosa internacional e presente no Brasil desde 1872, chegou a Barretos. Aos 14 de maio de 1911, foi fundada a primeira “Conferência Vicentina” na cidade, conforme lemos na

primeira ata lavrada a respeito (*reprodução de parte dela, na próxima página*):

“Acta da reunião da fundação da Sociedade de S. Vicente de Paulo, da paróchia de Barretos. Aos quatorze dias do mes de maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e onze, pelas seis horas da tarde, no recinto da Capella-Mór da Egreja Matriz desta cidade, ahi presente o Revmo. Vigário Padre José Ceccere (...)”

O primeiro presidente dessa conferência vicentina foi o Cel. Antonio Ferreira de Mello Nogueira, que já tinha sido presidente da Câmara Municipal nos períodos de fev/1903 a jan/1904 e de janeiro a abril de 1906. O secretário, autor dessa Ata, foi Elias Pimenta, que sucedera Mello Nogueira naquele cargo da Câmara, de abril de 1906 a janeiro de 1908.



Reprodução do início da Ata de Fundação da primeira
Conferência vicentina em Barretos, ocorrida aos 14 de Maio de 1911.
A Sociedade de São Vicente de Paulo é a instituição religiosa mais antiga da cidade.



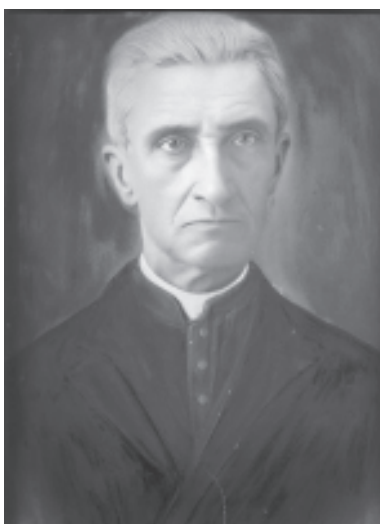
Vista do restante da capela anterior, lado da rua 18. Derrubado, nesse local foi construído o presbitério e a cúpula da nova igreja.

Em novembro de 1913, o bispo de S. Carlos, Dom Marcondes, fez sua segunda visita pastoral a Barretos, e ficou feliz ao ver a igreja com obras bastante adiantadas, com nave, a fachada e as duas torres praticamente prontas. Por volta de 1915 a 1916, começou-se uma nova frente de trabalho: a construção do fundo da igreja, constituído por presbitério e sua cúpula.

Para se iniciar essa parte, foi derrubado o que sobrara da capela anterior.



Mesma vista do restante da capela anterior, lado da rua 16.



Pe. José Martins

Dessa forma, a igreja toda foi construída em três etapas. De início, a nave central. Em seguida, a fachada, com as duas torres e o átrio. Finalmente, o presbitério e a cúpula.

Para suceder Padre Ceccere na direção da paróquia, veio o português Padre José Martins, 5º vigário, assumindo a 1º de abril de 1916. Ficou conhecido por ser disciplinador e rígido. Nessa época, Barretos contava cerca de 7.000 habitantes, em aproximadamente 1.300 prédios.

No período de 1915 a 1919, o presbitério e a cúpula foram erguidos.



Elisete Greve Tedesco

Um outro padre português substituiu o anterior: Pe. Manoel da Costa Gomes, portanto o sexto vigário, tomando posse aos 2 de agosto de 1919.

Dom Marcondes de Mello, bispo de São Carlos, fez sua terceira visita pastoral a Barretos nos dias 21 a 23 de maio de 1920. No dia 22, sagrou um novo Altar-Mor, todo em mármore, além de abençoar novas imagens então adquiridas: de São José, de São Francisco de Assis e de Santa Maria Madalena. Mas ainda não era aquele Altar-Mor, demolido em 1973. Em junho de 1920, com o presbitério e sua cúpula octogonal terminados, as obras da nova igreja foram dadas por terminadas. Mas sem qualquer decoração, pinturas a cal, portas e janelas comuns, sem relógio, e apenas um pequeno sino.

Museu Sacro



Pe. Manoel da Costa Gomes

Em 1921, foram instalados três altares laterais, em madeira. Aos 15 de maio desse ano, foi fundado o “Conselho Particular da Sociedade de São Vicente de Paulo”, uma vez que o número de vicentinos havia crescido bastante, em várias “Conferências”, nome com que até hoje os grupos de seus membros são conhecidos. A reunião de fundação aconteceu na igreja, onde costumeiramente aconteciam os encontros comunitários. E aos 22 de novembro, foi abençoada a nova Pia Batismal, em mármore e tampo de madeira, à entrada da Igreja.

Em março de 1922, chegou a imagem de Cristo Ressuscitado, para ser usada em procissões da Páscoa. E nesse ano, já admirado por sua grande humildade e doçura, Pe. Gomes voltou para Portugal.



Na foto acima (cerca de 1920), dá para se notar que ainda não havia o relógio, os campanários eram fechados com venezianas, não havia os vitrais, mas apenas janelas comuns, nem sequer ajardinamento e árvores próximas.

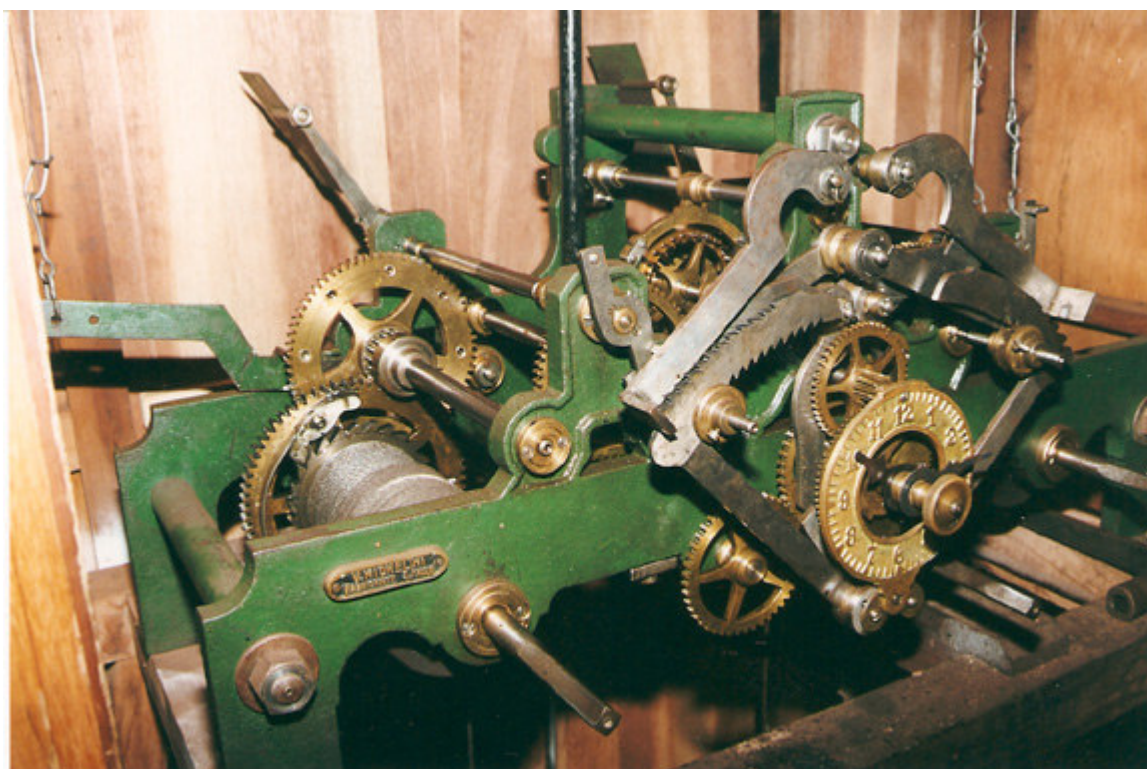
De junho de 1922 a fevereiro de 1923, o Pe. José de Castro dirigiu a paróquia provisoriamente. Aos 18 de março de 1923, assumiu o 7º vigário oficial, Pe. Vicente Coira, nela ficando até 1930.

Em 1927 foi substituída a Mesa da Comunhão, em madeira, por uma toda em mármore.

É praticamente certo que tenha sido ele quem adquiriu e instalou o relógio, entre os anos de 1926 a 1928. Não há registros da data precisa em que isso se deu. Só mais tarde, em 1933, ao ser feito um inventário do que havia na igreja por um novo pároco recém-chegado, foi anotada a existência desse relógio na torre, mas sem especificar quando havia sido feita sua instalação.

A característica desse relógio, fabricado na Itália por Vitaliano Michelini mas montado no Brasil, era a de ter capacidade de “bater as horas”, em um pequeno sino já colocado na torre. Os sinos maiores só chegariam quase ao final da década de 40.

Na estação da Cia. Paulista de Estrada de Ferro já tinha um relógio “Michelini” desde 1909, mas sem essa característica de bater. Também na igreja de Miguelópolis, região de Guaíra, há um relógio idêntico ao de Barretos.



Trininho Santos

Essa máquina controla os três mostradores das horas, cada um medindo 1,40 m de diâmetro, e faz soar o sino a intervalos de 15 minutos. Sua manutenção tem sido feita gratuitamente, desde 1985, pelo relojoeiro Carlos Jesus Rodrigues, que sobe 63 degraus de duas escadas internas para chegar até ela, duas vezes por semana, para “dar corda”. Foi ele também quem a recuperou totalmente, por ocasião da restauração da igreja para o ano 2000, uma vez que suas peças já apresentavam sensível desgaste. Antes de “Carlito”, tanto dar corda como manutenções simples tinham sido feitas pelos próprios sacristãos, como Tibúrcio e Juvenal. Mesmo assim, nessas sete décadas desde sua instalação, por vezes chegou a ficar parado alguns anos, por precisar de reparos.



Pe. Carlos Otaviano Dias

Após o cônego Vicente, assumiu a paróquia o oitavo vigário: Pe. Carlos Otaviano Dias, aos 24 de fevereiro de 1930. Vemo-lo também na foto abaixo, em maio de 1931, à porta da igreja, com membros da “Confraria dos Irmãos do Santíssimo”. Essa Confraria existia desde 19 de maio de 1898. Era integrada por fiéis que participavam de missas, então em latim, mais próximos do altar, e intensamente de Adorações e Visitas ao Ssmo. Sacramento. Vestiam uma capa vermelha (chamada “opa”), sem mangas, até aos joelhos, ornadas, e carregavam uma lamparina - na verdade, um recipiente hexagonal, em metal, cada lado com vidro, na ponta de um cabo em madeira. Dentro do recipiente se acendia uma vela, e assim paramentados acompanhavam o sacerdote, “guardavam” o Ssmo. Sacramento, e caminhavam tanto próximos aos andores, nas procissões, como as abriam. Por isso, eram também apelidados, popularmente, de “lamparinas”.



José Paulo Lombardi

Em pé, à esquerda, Vicente Lombardi, avô do autor. Ao seu lado, o inesquecível Zebedeu, de admirável vida piedosa e dono de uma voz marcante e inconfundível.



Museu Municipal

Por volta de 1930, a igreja ainda não havia recebido os vitrais, mas já estava com o seu relógio. Nota-se na Praça Francisco Barreto, ajardinada, como as palmeiras imperiais e demais árvores ainda eram de pequeno porte. Atrás da igreja, o velho 1º Grupo Escolar dr Antônio Olympio, existente desde 1912.



Jesus no batistério, a maior parte das imagens hoje na igreja, o relógio na torre, dois sinos, um pequeno e um médio.

Dinâmico, colocou iluminação nos três mostradores do relógio em maio de 1933. No dia 1º de janeiro de 1934 inaugurou os três vitrais - do coro, e das duas laterais da igreja - e os doze “óculos” (vitrais redondos, com desenhos sacros), sendo seis de cada lado, todos comprados da “Casa Conrado Ltda.”, de São Paulo, confeccionados em chumbo e cristal importados da Bélgica. Em maio desse mesmo ano, adquiriu um terceiro confessionário. Sempre através de doações (como já havia acontecido com a grande maioria das imagens na igreja), chegaram as de São Pedro e de São Paulo. Por fim, promoveu uma primeira reforma no presbitério, mandando instalar um novo Altar-Mor, com quatro nichos, novas imagens e se adquiriu uma nova e grande “lâmpada” do Ssmo. Sacramento. Esse novo Altar-Mor foi sagrado aos 23 de setembro de 1934.

Em seguida, ainda junto a Theodósio Morescalchi e

A Diocese de Jaboticabal havia sido desmembrada da de São Carlos em 1929, sendo seu primeiro bispo Dom Antônio Augusto de Assis. A Paróquia do Divino Espírito Santo passou a ser vinculada à nova diocese, bem como as demais já existentes aqui e na região.

A foto ao lado é do período entre 1930 a 1932, com jardins à sua frente, mas ainda sem os vitrais.

O nono vigário foi o Pe. Vicente Francisco de Jesus, depois chamado de “monsenhor” pelos barretenses. Assumiu aos 19 de fevereiro de 1933. Ao tomar posse, ele fez um inventário de todo o mobiliário existente. Dentre tudo o que havia, deixou registrado a má condição de móveis e alguns utensílios em uso, e da deterioração da casa paroquial. Na sacristia, já estava na parede o quadro de “Jesus, o Bom Pastor”. Era usado um púlpito de madeira, portátil. Havia dois confessionários, um quadro do Batismo de



Pe. Vicente Francisco de Jesus

seu filho João, de Jaboticabal, foram encomendados três altares menores, em mármore, para as laterais da igreja, sagrados respectivamente nos dias 6, 7 e 8 de dezembro de 1935. Foram três dias de igreja lotada de fiéis. Durante essa sua rápida passagem pelo governo da paróquia, além de todas essas e outras realizações, ainda reformou a casa paroquial.

No seu último ano de 1935, mais precisamente no dia 27 de março, o “Monsenhor” Vicente de Jesus abençoou os atuais quatorze novos quadros da Via Sacra, coloridos e em relevo. Os antigos ficaram guardados, e em 1939 foram levados para a capela de Colômbia.

Cada um desses quadros é uma obra-de-arte. Um a um, ao retratar as cenas da Paixão de Cristo, demonstra toda a preocupação em se criar peças com ricos detalhes, desde a expressão de personagens à própria moldura. Olhando-os em perfil, o relevo os torna ainda mais belos.

A Via-Sacra é uma antiga devoção da Igreja, que recorda o “caminho sagrado” percorrido por Cristo, desde sua condenação no pretório, por Pilatos (1ª Estação), continuando na seguinte seqüência: 2ª - Carregando a cruz; 3ª - Primeira queda; 4ª - Encontro com a Mãe; 5ª - Ajuda do cirineu; 6ª - Verônica; 7ª - Segunda queda; 8ª - Com as mulheres; 9ª - Terceira queda; 10ª - Jesus é despido; 11ª - Pregado à cruz; 12ª - Morte; 13ª - Descido da cruz; 14ª - Sepultamento.

Desde os primeiros cristãos, visitar a “Via-Dolorosa” já se tornara um costume. A partir da Idade Média, depois que os “lugares santos” de Jerusalém foram dominados por muçulmanos, passou-se a repetir essas “estações” em igrejas, cemitérios e outros lugares.

Quem divulgou bastante essa devoção foi também São Francisco de Assis.



Timinho Santos

Em geral, uma Via-Sacra é feita em grupos, e a distribuição das 14 estações pela igreja é justamente para se marcar esse “caminho” feito por Jesus. Esse ato de piedade e contrição deve ser sempre feito, pois é um momento forte a nos mostrar o imenso amor de Deus para conosco, permitindo a morte de seu próprio Filho a fim de nos dar a Salvação.

Museu Municipal



Nessa outra foto, entre 1935 a 1940, nota-se que a cidade, em seu setor norte, não ia muito além da Avenida 23. Daí para a frente eram loteamentos ou chácaras. Vê-se ainda que não aparece o prédio do Sindicato Rural do Vale do Rio Grande, à Rua 18, pois só foi construído a partir de 1941. Dá ainda para perceber a altura das palmeiras imperiais na Praça Francisco Barreto, já bem mais altas que na foto anterior (V.pg.19).



O Altar-Mor, inaugurado em 1934, todo em mármore, era constituído por quatro nichos principais: em cima, no ponto mais alto, sobre um globo, um arranjo de sustentação à imagem de uma pomba, símbolo do Espírito Santo, o Padroeiro. Sob ele, o nicho com a Imagem de Jesus e seu Divino Coração, a quem a igreja é consagrada. Nos outros dois nichos, cada um com uma cruz na sua parte superior, harmonizando o conjunto, a imagem do Imaculado Coração de Maria e a de São José. Nas colunas laterais, os dois anjos com lampadários, que atualmente estão no altar da Capela do Santíssimo Sacramento.

Seis castiçais, com velas em torno de um metro, eram acesas nas celebrações. Os vasos para flores, em metal, castiçais e outros objetos, se encontram hoje no museu sacro, na parte superior da igreja.

Pinturas e Inauguração, com Bênção Solene

Com o padre Vicente encerrou-se a primeira fase de padres seculares, que dirigiram a paróquia desde a sua criação. Vieram, em 1936, aqui ficando até 1950, os religiosos espanhóis da Congregação dos Sagrados Corações, que tiveram enorme influência no término das obras da igreja, notadamente em sua decoração final. Por toda a igreja, nos mais diversos locais, notamos a presença do símbolo maior dessa instituição, os Sagrados Corações de Jesus e Maria, como veremos.

Assim, o décimo vigário, Padre Raimundo Fuentes, assumiu aos 16 de fevereiro de 1936, administrando a paróquia até 1943. Logo no seu primeiro ano de trabalho, conseguiu trazer para Barretos as Irmãs Franciscanas da Penitência, que chegaram em agosto de 1936 para dirigir um educandário para crianças, na esquina da Rua 6 com a Av. 19, onde funcionava um asilo. O prédio passou por reformas, sendo reinaugurado meses depois, e ganhando o nome que até hoje mantém - Educandário Sagrados Corações.

Mandou fazer um quarto altar lateral, em mármore, que é o atual altar de São Sebastião, sagrado aos 15 de Agosto de 1937. Houve uma grande e concorrida procissão pela cidade, com as imagens deste Santo, de Santo Antônio de Pádua e de Santo Expedito.

Em 1939, encomendou um novo armário para a Sacristia, junto a Frederico Scannavino, muito bonito e ainda hoje uma peça admirada. Em dezembro de 1939, inaugurou dois alto-falantes à frente da igreja, e respectiva aparelhagem de som. Com frequência, esse som era conectado à Rádio Barretos, para transmissão de cerimônias litúrgicas.



Museu Sacro

Pe. Aurélio Arbeloa



Museu Sacro

Pe. Raimundo Fuentes

Seu sucessor foi o padre Aurélio Arbeloa, que esteve à frente da paróquia por dois períodos; primeiramente, de 1943 a 1945; depois, de 1947 a 1950, ano este em que a Congregação deixou a cidade.

Ao assumir, o Padre Aurélio começou um trabalho de convencimento, junto aos fiéis, para que se reformasse a igreja, que estava em “estado deplorável”. Havia rachaduras em paredes, e até nos arcos internos, as pinturas estavam velhas, descascando... Só o presbitério, com seu altar-mor em mármore, e os quatro altares laterais, eram novos. Os

bancos também estavam em estado precário; o forro, e o coro, de madeira, em más condições, vazamentos de água no telhado, móveis bastante usados... A iluminação deixava a desejar. O lustre, com 40 lâmpadas, ao centro, precisava de revisão... A igreja estava muito “feia...”

Não foi fácil, mas o Pe. Aurélio conseguiu formar uma Comissão de pessoas para encabeçar uma grande reforma no templo, oficializada aos 29 de janeiro de 1944, tendo Antônio Brandão Filho como coordenador e Teófilo Benabem do Vale como tesoureiro. Os empreiteiros Rigoletto e Theodósio Morescalchi, de Jaboticabal - o primeiro, brasileiro, o segundo, italiano - deram um orçamento de Cr\$ 170 mil cruzeiros para os serviços, dentre os quais: trocar o forro de madeira para “estuque” (laje), construir o coro, consertar os trincados de paredes e arcos, pintar quadros sob orientação dos padres, decorar todas as paredes com figuras e símbolos sacros, trocar portas e janelas.

Foi programada uma “grandiosa” quermesse para arrecadar os recursos necessários. Foi um sucesso. A arrecadação atingiu quase CR\$ 300 mil cruzeiros, dando para fazer um segundo contrato com os empreiteiros, incluindo na reforma a troca do piso para ladrilhos mais modernos (hoje já substituídos), aquisição de duas pias de água benta e um púlpito, em mármore, tudo no valor de CR\$ 57 mil cruzeiros. Pelos contratos firmados, os empreiteiros teriam que começar as obras em abril de 1944, depois da Páscoa, com prazo de oito meses para término, caso contrário haveria multa.

Junto aos Scannavino, por outro contrato, foram encomendados 64 bancos em jacarandá, cada um com 3,10 metros; novas portas de entrada e laterais, estrados para ministros que ficavam no presbitério, e várias outras peças em madeira. Há que se lembrar que praticamente tudo o que há em madeira, na igreja, desde os anos 20 (inclusive escadarias para os pisos superiores), eram normalmente confeccionados por essa Carpintaria e Fábrica de Móveis.



Natália Ribeiro Lombardi

Da esq. p/ direita - em pé: os padres Vicente Cirauqui e Plácido Campos;
sentados: Alfredo Pereda, Félix Gonzalez e Sebastião Maria Martin,
todos da Congregação dos Sagrados Corações - SS.CC.

No início de 1945, o padre Aurélio foi transferido, voltando ao Rio de Janeiro. Aos 14 de março desse ano, assumiu a paróquia o seu 12º vigário, Pe. Félix Gonzalez, que já estava em Barretos desde 1936. Enquanto o pároco anterior, Pe. Aurélio, batalhara no sentido de viabilizar a reforma necessária, e a iniciou, ao Pe. Felix coube completá-la, finalizá-la, com a colocação dos bancos e dos estrados, genuflexórios novos, recuperação de móveis, e cuidar dos últimos detalhes para a solene inauguração da igreja, 52 anos depois de lançada a primeira pedra.

Essa “inauguração e bênção solene” da igreja aconteceu, finalmente, aos 19 de maio de 1945, um sábado, mas sem a presença do bispo diocesano de Jaboticabal, dom Antonio Augusto de Assis, que não pôde comparecer.



Museu Sacro



Tininho Santos

Nesta placa, situada no alto do átrio (hall de entrada da catedral), lado esquerdo, com “homenagem de gratidão” principalmente ao Padre Aurélio Arbelôa, (SS.CC. - abreviatura utilizada pela sua congregação religiosa), vê-se na sua parte superior o escudo dos “Sagrados

Corações”. Como já observamos, esse símbolo é encontrado nos mais diversos locais da catedral, deixando uma marca indelével da passagem dessa importante Congregação por Barretos, por um período de 14 anos (1936 a 1950).



Tinho Santos

Nessa outra, fixada também no átrio, lado direito de quem entra, o símbolo que a ornamenta é o do Padroeiro da paróquia - hoje também Padroeiro da Diocese - o Divino Espírito Santo. A inauguração, com autoridades, foi no sábado 19. O contentamento foi geral. A igreja tinha ficado realmente bela. Os quadros, os painéis, imagens dos apóstolos, púlpito em mármore, bancos, a decoração com milhares de minúsculos espelhos, até o teto, etc etc, tudo novo, uma beleza! No dia seguinte, 20, foi um domingo de festa, com três Missas celebradas com júbilo e entusiasmo.

Em 1946, foram adquiridos novos confessionários. Os quatro antigos foram repassados para outras igrejas.

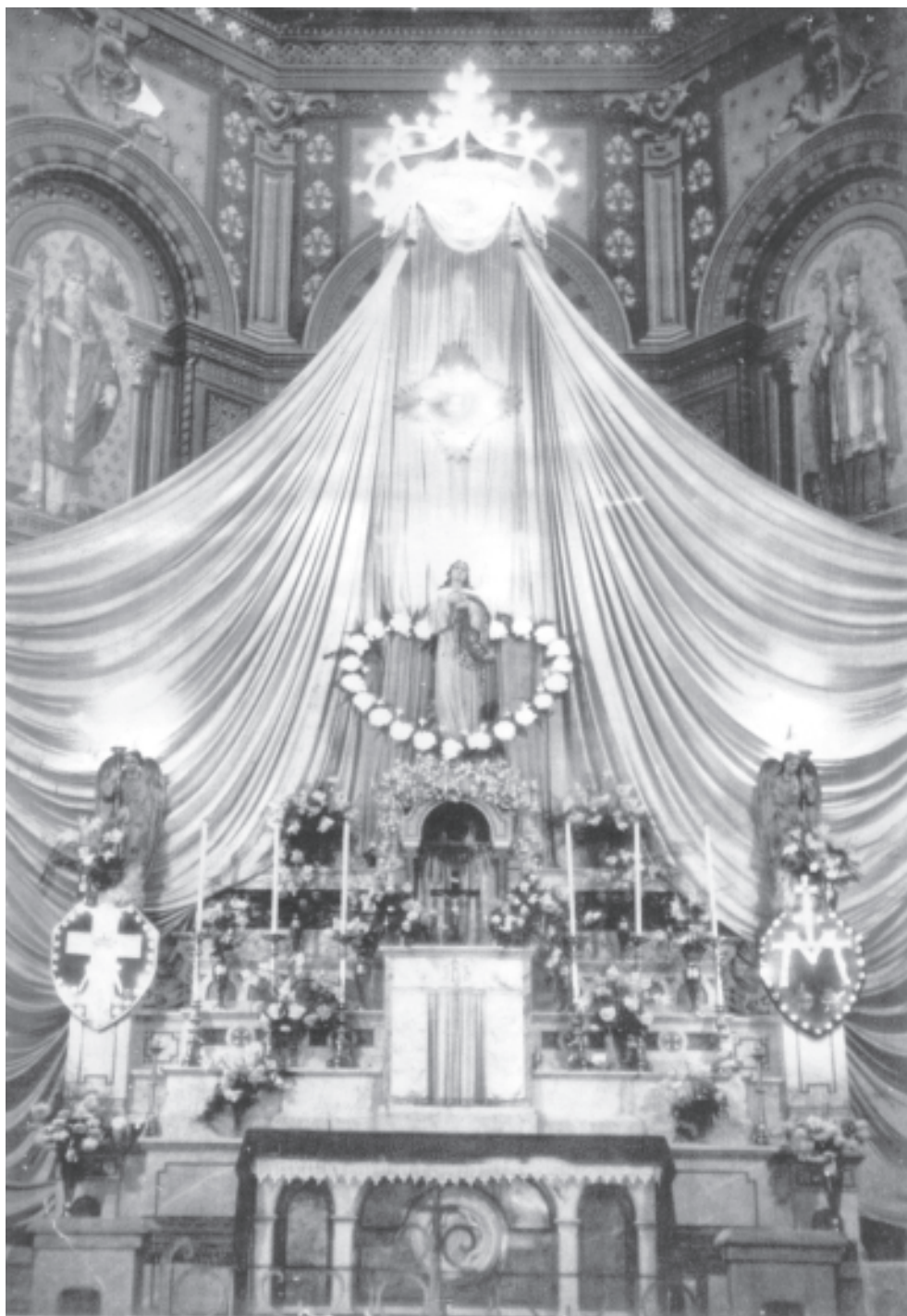
Em 1947, o Pe. Aurélio voltou e de novo assumiu a direção da paróquia, a partir de 26 de outubro.. Foi no final desse ano, em dezembro, que as irmãs de Santo André, que cuidavam do colégio da Rua 28, se despediram de Barretos, elas que dele cuidaram por 12 anos, desde 1935. Em seu lugar, no início de 1948, assumiram o “Colégio Maria Auxiliadora” as freiras salesianas (de Dom Bosco), que lá ficariam até 1971, quando o colégio foi fechado.



Nos anos 50, a Praça Francisco Barreto já havia sido remodelada pela primeira vez. Note-se que a cidade, a oeste, não ia além das ruas 30 e 32. Nessa época, a igreja-matriz já estava pronta, decorada e inaugurada.



Atrás da igreja, em ambas as fotos, nota-se como era a Av 21, onde havia pontos de “biribas”, nome popular de alguns tipos de táxis. Parte do antigo prédio do “Antônio Olympio” também é visualizado aqui.



O antigo Altar-Mor ricamente ornamentado e iluminado, em uma festa solene de Nossa Senhora.

“Vigários”, ou párocos seguintes

Ao se iniciar 1950, os padres da Congregação dos Sagrados Corações deixaram a cidade de Barretos. Sucederam-lhe os padres da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, mais conhecidos como “estigmatinos”, que permaneceram na sua direção até dezembro de 1975.

Aos 31 de março de 1950, como 14º vigário oficial, assumiu o Pe. Paulo Campos Dall’Orto, que a governaria até 1962, quando foi transferido para Campinas.

Museu Sacro



Pe. Paulo Campos Dall’Orto

O censo de 1960 revelou que Barretos, em suas zonas urbana e rural, contava com 58.427 habitantes.

Em 1962, houve uma nova e completa remodelação da Praça Francisco Barreto. Devido a isso, decidiu-se até a adiar uma pintura externa da igreja, que já se fazia necessária.

Museu Sacro



Pe. César Luzio Jr.

Museu Sacro



Dom Hélio Paschoal

O 15º vigário, Pe. César Luzio Jr, tomou posse aos 2 de março de 1963, em sua primeira gestão.

Transferido, o Pe. César foi substituído pelo Pe. Hélio Paschoal, que assumiu aos 20 de fevereiro de 1966. No ano seguinte, foi nomeado bispo da nova diocese de Livramento, na Bahia, sendo sagrado na catedral de Barretos aos 25 de junho de 1967.

Foi na gestão do 17º pároco, Pe. Antônio de Souza, que a governou de 7 de janeiro de 1968 a 1973, que tomou corpo a decisão superior de transformar Barretos em sede de diocese, desmembrando-a de Jaboticabal.

Confirmada essa decisão, para se ter mais espaço e adequar o presbitério às novas disposições litúrgicas pós-conciliares, surgiu a intenção de se demolir o altar-mor. Obtida a aprovação dessa medida junto ao então bispo de Jaboticabal, procedeu-se à sua demolição, a partir de fevereiro de 1973.



Museu Sacro

Pe. Antônio de Souza

Na foto abaixo, uma vista interna da igreja ainda com seu Altar-Mor e Mesa de Comunhão. O nicho superior do altar alcançava a altura do quadro onde hoje está pintado o símbolo do Espírito Santo. Uma imagem do Divino ficava nesse nicho. No quadro, atrás, estava desenhado o “olho vigilante da Trindade”. Imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, além da de São José, também se encontravam naquele altar.



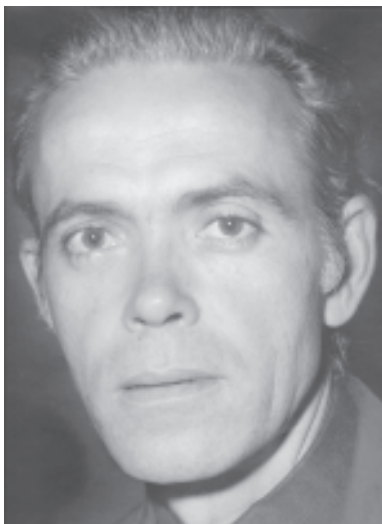
Elisete Greve Tedesco



Dom José de Mattos Pereira

A diocese barretense foi instituída pela Bula Papal “Adsiduum Studium” (Estudo assíduo), de 14/04/1973, publicado no jornal “L’Osservatore Romano”, órgão informativo da Santa Sé aos 6 de maio. Na mesma ocasião confirmou-se o nome do primeiro pastor diocesano: Dom José de Mattos Pereira, natural de Taiúva, Estado de São Paulo, Diocese de Jaboticabal, na época exercendo as funções de Superior Provincial da Congregação Claretiana e Vigário Episcopal da Região Centro da Arquidiocese de São Paulo. Iniciou seu ministério em Barretos com Missa Solene na catedral aos 09/06/1973.

Nesse mesmo ano, o Colégio Maria Auxiliadora, na Rua 28, foi adquirido pela Mitra Diocesana, que passou a usar aquele prédio como sede da Cúria Diocesana e Centro de Pastoral, o qual, porém, anos mais tarde, foi alugado para uma escola particular.



Mons. Francisco Esteves

O padre Antônio de Souza, futuro bispo de Assis-SP, deixou a paróquia em 1973. No ano seguinte, tomou posse o 18º pároco, Monsenhor Francisco Esteves, dirigindo a paróquia nos anos de 1974 e 1975.

Os padres estigmatinos se despediram dos paroquianos da catedral no final de dezembro de 1975, depois de a administrarem por 25 anos, ficando a partir de janeiro de 1976 somente no Santuário de São Benedito, nessa mesma cidade.

Mons. Esteves foi transferido para Ituverava e, com poucos padres, o próprio Dom José de Mattos ficou como Cura da catedral, tendo como coadjutor o padre Salvador Borges, recém-ordenado (foi o primeiro padre secular ordenado da diocese de Barretos).

Dom José, no entanto, foi acometido de câncer no estômago, só descoberto em abril/maio de 1976. Operado na Santa Casa, resistiu pouco tempo, morrendo aos 12 de agosto. Foi sepultado na catedral em clima de muita emoção.

Logo a Igreja de Barretos recebeu a notícia da nomeação de seu segundo bispo, o padre Antônio Maria Mucciolo, então em Sorocaba-SP. Sagrado bispo, assumiu seu ministério em Barretos aos 3 de setembro de 1977. Seu lema: “*Sentire cum Ecclesia*” - Sentir com a Igreja. Em seguida, deu posse ao Pe. César Luzio Jr, no dia 9 de outubro, que assim, como 19º pároco, assumia um segundo período de administração da paróquia.

Dom Antonio Maria Mucciolo governou a diocese

Cúria Diocesana



19º) Pe. César Luzio Jr.

barretense por cerca de 12 anos, até junho de 1989, quando foi nomeado Arcebispo de Botucatu. Em sua administração, promoveu novas

reformas na catedral, na década de 80, como troca do piso, mudança da pia batismal para o presbitério, traslado dos restos mortais de Dom José para o lugar onde hoje se encontram, dentre outros serviços complementares, no sentido de deixar a igreja mais funcional. Sempre, porém, teve a preocupação de não violar todo o passado de obras das décadas anteriores, e que se constitui num patrimônio histórico de tão alto apreço para os barretenses.

Mesmo assim, o tempo é sempre implacável em seus

rigores e intempéries, a exigir dos homens um policiamento e vigilância contínuos para que as obras não se deteriore. A pintura e decoração de toda a igreja começaram a dar sinais de necessidade de reparos, uma vez que já se passavam cinquenta anos de sua confecção.

O terceiro bispo diocesano, Dom Pedro Fré, iniciou seu ministério aos 11 de fevereiro de 1990, em missa campal à frente da catedral, e esteve à frente da diocese até ao Grande Jubileu do ano 2000. Seu lema: “*Sanare contritos corde*” - Curar os corações feridos. Coube a ele dar autorização ao então pároco, Pe. César, para dar início a essa restauração e reforma geral, tendo sido contratados os pintores e artistas Cesário Ceperó e Pedro Perozzi. Os serviços foram iniciados em agosto de 1998 e finalizados em dezembro de 1999.



Dom Antônio Maria Mucciolo

O Diário



Dom Pedro Fré, terceiro bispo

Cúria Diocesana

Com a morte do pároco Pe. César, aos 3 de dezembro de 1998, tomou posse como 20º pároco da catedral o Padre Deusmar Jesus da Silva, na Missa do Natal (24/12) do mesmo ano.

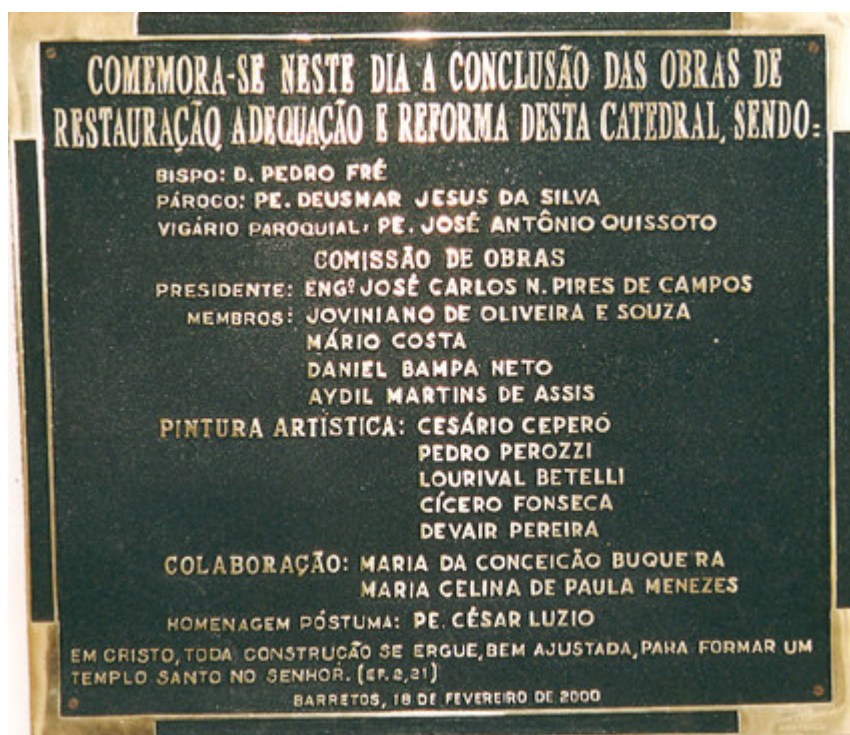


Pe. Deusmar Jesus da Silva

Pe. Deusmar em visita ao Papa João Paulo II em ago/1993

Nessa reforma de 98, os principais serviços efetuados na igreja foram os seguintes:

- restauração de todas as pinturas e quadros, em todas as paredes, colunas e teto, mantendo ao máximo possível as características originais;
- recuperação dos quatro altares laterais;
- construção de uma Mesa da Palavra no presbitério;
- mudança da Pia Batismal, que na década de 80 havia sido colocada aos fundos do presbitério, a oeste, para o local onde hoje se encontra;
- construção de um “altar-jazigo” para a imagem do Senhor Morto;
- recuperação de portas, janelas, bancos e outros móveis, restauração de todos os vitrais, além de serem colocados vitrais novos nas janelas superiores, na sacristia e na nova Capela do Santíssimo, com desenhos sacros, sendo que antes eram vitrais comuns;
- substituição de milhares de minúsculos espelhos, que fazem parte da decoração;
- criação da Capela do Santíssimo, em uma sala a leste, onde funcionava o Expediente Paroquial;
- criação de um Museu de Objetos Sacros e utensílios litúrgicos, nos andares superiores;
- troca da aparelhagem de som, de ventiladores e de toda a parte elétrica, incluindo novas luminárias;
- recuperação do relógio e dos sinos;
- pintura externa completa.



Trininho Santos

A placa que marca a inauguração das obras de restauração, adequação e reforma da catedral, ocorrida aos 18/02/2000, está situada também no átrio, lado direito.

Dedicação da Catedral

18 de fevereiro de 2000, no entanto, é uma data histórica não só pela inauguração de novas reformas da igreja, mas também porque se deu, neste dia, a cerimônia litúrgica da “Dedicação da Catedral de Barretos”, realizada pelo bispo Dom Pedro Fré.

Quem chega ao átrio, pode observar que, sobre cada uma das imagens de anjos ali existente, há uma cruz prateada (no estilo “cruz papal” - V.pg.110), e sob ela um castiçal. Toda vez que esse símbolo é encontrado em alguma igreja, (por exemplo, também no Santuário de São Luis Gonzaga, em Barretos), sabe-se que ela já foi “Dedicada”.

O Dia da Dedicação deve ser um dia de festa. Dessa forma, anualmente, nos dias 18

de fevereiro, a comunidade da Paróquia do Divino Espírito Santo e da própria diocese precisam celebrar essa data, com cerimônias especiais.

“Dedicação” é uma palavra que vem do verbo latino “dedicare”, que significa “consagrar”. Esta consagração especial pode ser realizada para igrejas novas, ou para igrejas antigas que venham a ser restauradas. De qualquer forma, o Ritual da Igreja recomenda que todas as catedrais sejam assim consagradas, e isso ainda não havia sido feito para a de Barretos. Como ela acabara de ser restaurada, a data de 18 de fevereiro de 2000, Ano do Grande Jubileu do Milênio, foi escolhida para essa cerimônia, “muito bonita e de grande significado, porque as pedras que formam um templo lembram as pedras

Timinho Santos





vivas que somos nós e que formamos a Igreja de Jesus Cristo”, lembrou Dom Fré na ocasião.

A cerimônia aconteceu a partir das 19h30, com a presença de todo o clero diocesano, em Missa Solene. Cada uma das quatorze cruzes, e paredes de toda a igreja, foram incensadas e aspergidas, além de outros rituais próprios.

Além das duas cruzes no átrio e das duas nas paredes laterais do presbitério,

outras dez se encontram pela igreja, notadamente nas colunas, como na foto acima. A existência do pequeno castiçal, sob elas, se deve ao fato de que, anualmente, nos dias 18 de fevereiro, uma vela deve permanecer acesa o dia todo, em cada uma delas, lembrando e comemorando a Festa da Dedicção, que passa até a figurar no Diretório Litúrgico do Brasil.

Atualmente, Dom Fré é Bispo Emérito da diocese.



O quarto bispo da diocese barretense é Dom Antônio Gaspar (na foto acima, ladeado pelo pároco Pe. Deusmar e pelo vigário Pe. Dionísio). Dom Gaspar foi nomeado pelo papa João Paulo II aos 20 de dezembro de 2000. Era bispo-auxiliar em São Paulo, cidade onde nasceu aos 11 de novembro de 1931, tendo recebido a ordenação episcopal aos 6 de fevereiro de 1983. Seu lema é *“Ut unum sint”* - Para que todos sejam um.

O início de seu ministério em Barretos aconteceu aos 3 de março de 2001, em Missa Campal na Praça Francisco Barreto.



A porta principal de entrada forma todo um conjunto harmônico: o acesso é feito por duas portas tipo vai-e-vém, cada uma com vitrais da década de 30 do século passado. De cada lado, há a “pia de água benta”, não mais utilizada para esse fim. Sobre cada uma delas, a pintura de um vaso de onde se projetam flores para dentro de uma moldura vertical, até o teto. Sobre a porta, outro conjunto de quatro desenhos simbólicos, ladeado por imagens de anjos prostrados em adoração.

Nessa parte superior da porta principal, o destaque é para o quadro em que no centro está um dos símbolos mais conhecidos do Cristianismo: as letras **J H S**, com uma cruz nelas centralizada. Essas letras provêm da frase em latim “**J**esus **H**ominum **S**alvator”, que se traduz por “Jesus, Salvador dos Homens”.

Sob o quadro, há outros três símbolos relacionados a ele, emoldurados por plantas em estilo de brasões:

- à esquerda, a cruz, sinal universal do sacrifício de Cristo, mostrando a unidade de dois pontos extremos - o céu e a terra, ou seja, entre Deus Salvador e os Homens salvos, e estes entre si vivendo a fraternidade;

- no meio, a âncora, que no cais ou em pleno mar, nas tempestades, firma o navio, e é sinal de esperança do homem na salvação e na eternidade. A âncora também é vista como um sinal da cruz, desde os primeiros séculos, no seu formato de cruz em **T**, provavelmente a do tipo utilizado na crucificação de Jesus.

- à direita, a figura do coração ferido e inflamado do Senhor Jesus: no ferimento, a dor causada a Cristo pela ofensa do homem ao Criador Todo-Amoroso; nas chamas, esse Infinito Amor a procurar os homens incessantemente, movido pela sua Infinita Misericórdia.

Tininho Santos



A representação de anjos é por demais freqüente em todo o mundo. Até o século IV, a arte cristã chegou a recusar a figura de anjos “alados”, ou com auréolas, talvez para evitar confusões com antigas figuras pagãs. Aceitas, suas asas passaram a significar a sua rapidez e prontidão em servir, adorar e louvar o Senhor, sendo seus mensageiros junto aos homens.

Na arte-sacra, sempre fazem a corte à volta de imagens de Jesus e Maria. Inicialmente, foram representados em figuras de jovens e varões, mas no Renascimento passam também a ter formas femininas. Suas vestes são geralmente brancas e brilhantes, a representar sua pureza, mas também são utilizadas outras cores, como rosa, azul, amarelo, em tons claros. Raramente em tons fortes, como a púrpura, cor esta utilizada nos anjos genuflexos existentes no arco do presbitério. Nesse caso, a cor púrpura, ou mesmo o vermelho, simbolizam Amor, Martírio, Sangue, Fogo.

Suas atitudes demonstram o serviço que prestam, ora como músicos, ora com ramos de vitória, ou com espadas a defender o Reino de Deus, ou vivazes como rostos de crianças, forma esta que apareceu por volta do século XII.

Esses puros espíritos, criados por Deus em número imenso (Dn 7,10), gozam

continuamente das maravilhas de estarem sempre face a face com Deus, como seus mensageiros diretos, numa felicidade inimaginável pelos humanos.

A arte sacra também se esmerou, em vários lugares, na representação da hierarquia dos anjos, difundida como existindo em 9 graus: Serafins (aqueles que “ardem” em amor, por se encontrarem os mais próximos de Deus), Querubins (os que têm grande Conhecimento de Deus), Virtudes, Potestades, Principados, Dominações, Tronos, Arcanjos e Anjos.



Timinho Santos

Dentre as pinturas de anjos na catedral, as que de mais perto podem ser admiradas pelos fiéis se encontram na porta principal, em belos vitrais vindos da capital paulista nos anos 30 do século passado. Mostram anjos envoltos na luz da graça de Deus, simbolizada pelo sol.

São numerosíssimas, nas Sagradas Escrituras, as citações aos anjos de Deus. E o próprio Jesus se referiu a eles por diversas vezes. São criaturas muito mais inteligentes que os homens, mas a liberdade de uns e de outros se equívale. Tanto os anjos como os seres humanos devem caminhar livres no sentido de Deus, e por amor. É por isso que muitos, dentre eles, decaíram e se condenaram, assim como muitos homens preferem se dedicar prioritariamente às coisas e prazeres terrenos, do que às celestiais.

O arcanjo Gabriel (“fortaleza de Deus”, em tradução do hebraico), é o que anunciou a Encarnação a Maria. O arcanjo Miguel (“Quem como Deus?”), é o guerreiro de Deus.

Segundo a lenda, foi quem chefiou a expulsão dos anjos decaídos do paraíso. E o arcanjo Rafael (“Deus que cura”), protetor dos viajantes, é aquele jovem que acompanhou o filho de Tobias numa difícil viagem, à busca de cura para a cegueira de Tobias. A festa dos três arcanjos Gabriel, Miguel e Rafael, é nos dias 29 de setembro. E a de todos os Anjos da Guarda é nos dias 2 de outubro.

Tininho Santos



Muito utilizada até aproximadamente nos anos 80, hoje ambas as “pias de água benta”, situadas uma a cada lado da porta principal, ali permanecem como simples ornamento. São belas peças em mármore, da mesma Marmoraria Morescalchi, de Jaboticabal, que forneceu, no início do século passado, o material necessário para a confecção dos altares. Datam da década de 40. Motivos de saúde pública são a justificativa para a sua desativação.

A água benta, porém, continua sendo usada pela Igreja e pelos fiéis, de outras maneiras, como por exemplo nas aspersões nos ritos penitenciais. A água, fonte de vida, é abençoada em toda a Sagrada Escritura, sendo sinal salvífico de Deus para com os homens. O uso da água benta tem íntimo relacionamento com atos de purificação. No batismo, a água simboliza a purificação de todo o pecado, conduzindo o homem a um novo nascimento (Jo 3,37).

A água benta, contudo, deve ser distinguida da água batismal. Com aquela, asperge-

se seres humanos, animais, edifícios, e os mais variados objetos a servirem o homem na sua caminhada rumo ao Pai. Tem o sentido da oração, levando os homens a procurar a união com Deus. Já a água batismal, abençoada com a imersão do Círio Pascal na noite da Vigília, tem força sacramental, realmente lavando todo o pecado e tornando o ser humano um filho de Deus. Morrendo e ressuscitando com Cristo para uma nova Vida (Rm 6,3-11).

No canto esquerdo de quem chega à catedral, hoje se encontra a sala de jazigos, fechada por uma grade. Ali se encontram os restos mortais do primeiro bispo diocesano de Barretos, Dom José de Mattos Pereira. Na placa afixada em seu túmulo, constam as datas de seu nascimento (em Taiúva-SP) aos 06/01/1918, e morte na Santa Casa de Barretos ao anoitecer de 12/08/1976; e o lema de seu pontificado, em latim e em português: “Caritas Christi urget” - “O amor de Cristo nos impele”.

Originalmente, era nesse canto da igreja que se situava o local destinado a batizados, como normalmente ocorria na maioria das igrejas em todo o mundo. Admitia-se o costume de que os ainda não-batizados não podiam entrar na igreja. Nos primeiros séculos, os catecúmenos (adultos em preparação para receber o sacramento do Batismo) nem podiam assistir a Santa Missa, podendo permanecer no átrio apenas durante os seus ritos iniciais, sendo dispensados em seguida. Por isso, o batistério sempre se localizava na entrada das igrejas.



Tininho Santos

Quando esse costume deixou de ser seguido, pós-Concílio, e por ocasião das reformas empreendidas pelo bispo Dom Antonio Mucciolo, a pia batismal foi transferida para o lado oposto, sendo instalada aos fundos do presbitério, a oeste. Na verdade, como a catedral não tem cripta (local subterrâneo de igrejas, onde há jazigos), para o sepultamento de Dom José de Mattos foi providenciado um local, de última hora, à porta da sacristia, onde hoje se encontra o monumento do Senhor Morto. Posteriormente, na reforma em questão, com a remoção do batistério original, esse atual jazigo, destinado a sepultamentos de bispos da diocese barretense, foi instalado.

Daquele batistério, muitos ainda se lembram de um quadro na parede, da cena do batismo de Jesus por João Batista, com a figura da pomba simbolizando o Espírito Santo de Deus.

Do lado direito, o destaque atualmente é o quadro pintado pelos artistas Perozzi e

Ceperó, na restauração de 1998, retratando a Ressurreição vitoriosa de Cristo. Em sua mão esquerda, a bandeira dessa Vitória, que a arte sacra só costuma utilizar nas figuras ou imagens do Cristo Ressuscitado e do Cordeiro de Deus. Os dois soldados, prostrados e vencidos, demonstram também essa vitória do Reino dos Céus sobre os impérios opressores desse mundo, em que a Vida derrota a Morte, realizando assim um dos grandes sonhos da humanidade, que é o de viver para sempre. Para obter essa Vida, basta seguir esse Cristo Ressuscitado, passando inicialmente pela vida terrena em clima de fraternidade, de justiça e de paz. A fé na Ressurreição é o centro do cristianismo, sem a qual nada teria valor (1Cor 15,14).

Tininho Santos





Trininho Santos

Olhando-se para o interior da igreja, sobressaem-se as 12 colunas, seis em cada lado da nave (palavra esta proveniente de “navio”, adotada justamente devido à Igreja ser comparada a um barco na travessia do mar da vida terrena). Nas 12 colunas, símbolo máximo dos 12 Apóstolos, “colunas da Igreja”, todas em estilo romano, estão colocadas 11 imagens, na seguinte seqüência:

- na parte anterior, a leste: São Mateus, São Judas Tadeu e São Lucas;

Timinho Santos



- ainda na parte anterior, a oeste: São Simão, São Matias e São Tomé.



Mateus, “o publicano”, como ele mesmo se denomina, ou Levi, como os demais apóstolos o chamam, era do tipo de pessoas desprezadas pelos judeus, pois trabalhava a serviço dos romanos “opressores” que “esfolavam o povo”, cobrando-lhe altos impostos. Por isso, houve grandes murmúrios quando deu uma festa em sua casa, em Cafarnaum, para comemorar com Jesus o seu chamado (Lc 5, 27-32).

Nesta sua imagem, na mão esquerda segura um pergaminho enrolado, símbolo do Evangelho por ele escrito, em aramaico (dialeto do hebraico) e dirigido aos hebreus. Teria escrito seu evangelho entre os anos 50 a 60, ou seja, mais de quinze anos após a ressurreição de Jesus. Sua intenção foi mostrar claramente que Cristo é o Messias previsto nos livros de Moisés, dos Salmos e dos profetas.

Enquanto durante a vida pública de Jesus permanecesse à sua sombra, a tudo observando, consta que, posteriormente, foi missionário nas regiões da Etiópia e da Pérsia. Em seu livro, há lindas passagens como o Sermão da Montanha, as parábolas do Reino, e também por isso é denominado “O Evangelista da Igreja”. Mas por ter trabalhado tanto como recolhedor de impostos, soube anotar os ensinamentos do Mestre sobre o seu mau uso: *“Não acumuleis tesouros sobre a terra (...). Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”* (Mt 6). Segundo alguns, morreu mártir. Ou de morte natural, segundo outros. Seus restos mortais são venerados em Salerno, na Itália. Sua festa é celebrada nos dias 21 de Setembro.

Apesar de São Judas Tadeu ser um dos santos mais populares do mundo, como no Brasil, sabe-se muito pouco de sua biografia. A passagem nos evangelhos mais citada, a seu respeito, está em João 14, 22ss, quando, na última Ceia, pergunta a Jesus: *“Senhor, porque vais manifestar-te a nós e não ao mundo? Jesus respondeu-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada. Aquele que não me ama, não guardará as minhas palavras. E a palavra que vocês ouvem não é minha, mas sim do Pai que me enviou.”*

Judas era chamado de “irmão de Tiago”, o menor. O termo “irmão”, entre os hebreus, não significava irmão de sangue, necessariamente. Como esse Tiago era primo de Jesus, provavelmente Judas também seria um “primo” de Jesus. São João, quando a ele se refere, sempre diz “Judas, não o Iscariotes”, para diferenciá-lo do apóstolo traidor, também de nome Judas.

Nessa sua imagem na catedral, ele também aparece com um pergaminho na mão esquerda. O motivo é ter sido atribuído a ele as chamadas Epístolas Católicas, colocadas depois das Epístolas (“Cartas”) de Paulo. Chamam-se “católicas” por serem dirigidas a todos os fiéis, embora possam ter sido cartas específicas para algumas comunidades.

São Judas Tadeu é invocado popularmente nos supremos momentos de angústia. Segundo a tradição, foi apóstolo na Pérsia (hoje, Iraque), onde teria sido martirizado. Sua festa é nos dias 28 de Outubro.



Timinho Santos

São Lucas, autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, não conheceu pessoalmente Jesus, mas é o único que conta maiores detalhes sobre a sua infância, e até mesmo da própria Virgem-Mãe, razão pela qual se acredita ter ele ouvido esses relatos diretamente dela mesma. Lucas diz ter investigado minuciosamente tudo, antes de se pôr a escrever, em belo estilo grego.

E como seu Evangelho começa com a narrativa do sacerdote Zacarias no templo, onde recebeu o anúncio de que sua mulher, Isabel, estéril e em idade avançada, teria um filho a quem deveria chamar de “João”, a arte sacra coloca como “atributo” de Lucas a figura de um touro (nessa imagem, aos seus pés), símbolo dos animais oferecidos em

sacrifícios. Lucas, nascido na Antioquia, e que exercia antes a profissão de médico (hoje, Padroeiro dos Médicos e dos Artistas), foi um atento observador de fatos, tendo colhido suas histórias diretamente nas fontes, pois conheceu os apóstolos, as mulheres seguidoras de Jesus e São Paulo, de quem foi amigo, companheiro e discípulo.

Por vários anos viajou com Paulo, até Roma, onde este caiu prisioneiro e foi martirizado. Daí em diante, pouco mais se falou dele, acreditando-se ter continuado sua missão apostólica pelas regiões por onde passara. Pode ser que tenha sido martirizado - não há segurança nesse fato -, e diz a tradição que morreu com cerca de 84 anos.

Sua festa anual é nos dias 18 de Outubro.

Timinho Santos



Eram dois apóstolos com o nome de “Simão”: o principal deles, o “Simão bar Jonas”, ou “filho de Jonas” - que teve seu nome mudado para Pedra, pelo próprio Jesus; e esse Simão, conhecido como “o cananeu” (proveniente da Cananéia) ou como “o zelote”, para aludir a um partido político daqueles tempos, integrado por ferrenhos adversários dos romanos. Crê-se que, no entanto, os zelotes do tempo de Cristo não eram ainda tão violentos e radicais como os da época da destruição de Jerusalém, no ano 70 da era cristã.

Nada se diz desse Simão, porém, nos evangelhos ou nos demais livros do Novo Testamento. É um dos mais desconhecidos dos apóstolos. Por isso, São Simão é identificado com todos os milhões de anônimos e fiéis seguidores de Jesus, que cumprem sua missão com humildade e desprendimento.

Seu dia na Igreja é também aos 28 de Outubro, o mesmo de São Judas Tadeu.



Timinho Santos



no ministério do apostolado, para dirigir-se ao lugar que era o seu”. Lançaram sorte sobre eles, e a sorte veio a cair em Matias, que foi então contado entre os doze apóstolos (Atos dos Apóstolos 1,21-26).

Dáí se conclui que ele tinha acompanhado toda a vida pública de Jesus, do qual provavelmente foi um dos 70 discípulos enviados pelo Mestre em pregação por lugarejos da Palestina. Fácil também é reconhecer que, sendo um dos doze, tenha partido em missão para evangelizar as nações. A tradição assegura que ele foi martirizado, por decapitação, ou na Etiópia africana, ou na Pérsia. Sua festa é comemorada nos dias 14 de Maio.

São Matias, com um cajado e um evangelho às mãos, é aqui representado em seu trabalho apostólico, ele que foi escolhido ainda antes da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, como substituto do traidor Judas, o Iscariotes. Assim os Atos dos Apóstolos descreve a sua eleição: *“É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio, a começar do batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição? Apresentaram então dois: José, chamado Barsabás e cognominado Justo, e Matias. E fizeram esta oração: “Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, mostra-nos qual destes dois escolheste para ocupar o lugar que Judas abandonou,*

Tomé, apelido “Dídimo” (“Gêmeo”) talvez não se tornasse tão conhecido, se não tivesse sido o grande descrente dentre os apóstolos. Quando Lázaro morreu, Jesus os chamou para ir a Betânia. Tomé deve ter sido um dos que não gostou, porque Jesus, por aqueles lados de Jerusalém, estava sendo procurado pelas autoridades. Jesus os convenceu, e Tomé disse: *“Vamos todos morrer com ele.”*

Na última ceia, Jesus lhes disse que eles sabiam onde Ele iria, inclusive o caminho. Tomé não entendeu, e retrucou: *“Se nós nem sabemos aonde o senhor vai, como sabemos o caminho?”* Mas sua passagem mais famosa foi não acreditar que Jesus havia ressuscitado: *“Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos pregos, e não puser o meu dedo no lugar dos pregos, e*

não introduzir a minha mão no seu lado, não acreditarei” (Joa 20,25). Mas esse grande Apóstolo termina suas poucas passagens pelos evangelhos com um grande grito de fé dirigido a esse Jesus, que tanto lhe teve paciência e docilidade: *“Meu Senhor e meu Deus!”*

Da mesma forma que em outras, nessa imagem ele é representado com o Evangelho e um cajado, símbolos do trabalho apostólico. Em escritos piedosos, Tomé também é citado como o apóstolo que chegou a Éfeso logo depois da morte de Maria. Teria insistido para que o seu túmulo fosse aberto, mas o corpo da Mãe de Jesus havia desaparecido, concluindo todos que havia sido levada com corpo e alma para os céus.

A tradição ensina que São Tomé também foi martirizado. Sua festa é dia 3 de Julho.



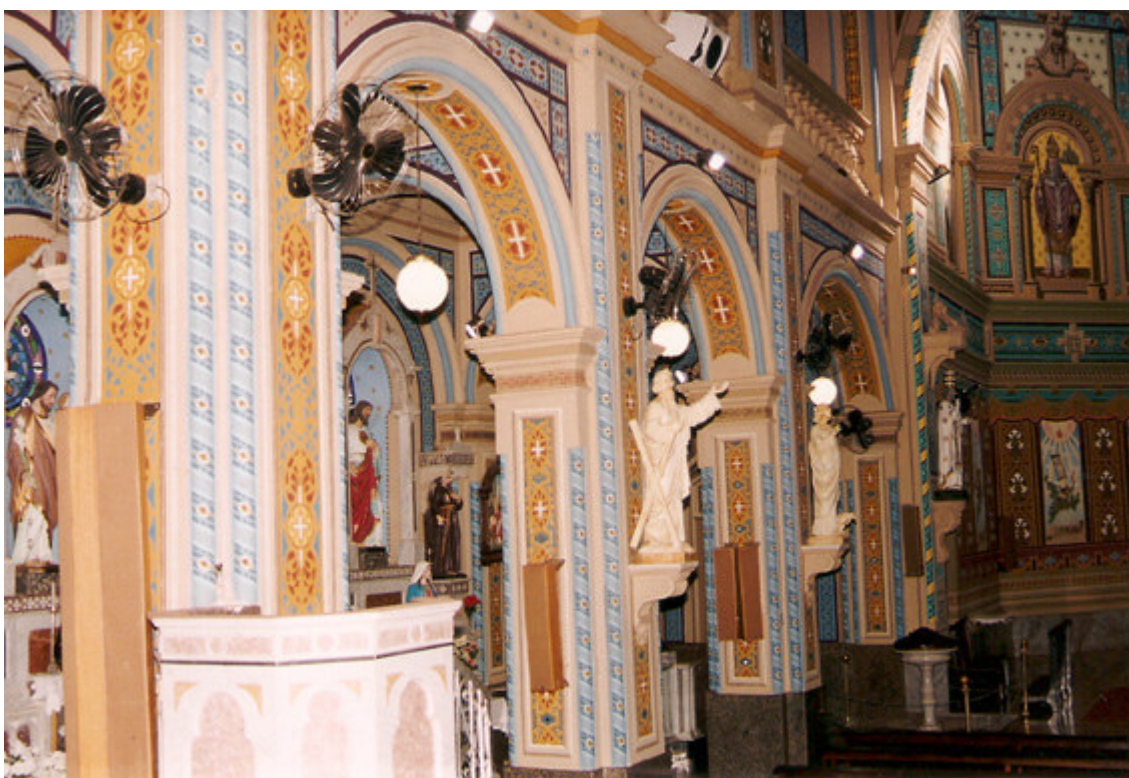
Trininho Santos

As imagens, que se encontram nas colunas, do meio da igreja até ao presbitério, são as seguintes, seqüencialmente:



Trincho Santos

- do lado leste: São Bartolomeu, São Felipe, São Tiago e São Paulo, esta última já no início do presbitério.



Do lado oeste, a primeira coluna, no meio da igreja, foi reservada para o púlpito (hoje não mais utilizado), local de onde o pregador - Apóstolo contemporâneo - anuncia e ensina o Evangelho.

Nas demais, e na mesma ordem: Santo André, São João evangelista e São Pedro, esta última também no início do presbitério.

Felipe se encontrou com Natanael e lhe disse de imediato: *“Encontramos o Messias, Jesus de Nazaré.”* Natanael, em tom irônico, respondeu: *“E pode vir algo de bom de Nazaré?”* Mas foi com Felipe ao encontro de Jesus, para conhecê-lo também. Quando se aproximavam, Jesus disse a respeito de Natanael: *“Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento.”* (Jo 1,47). Assustado, Natanael perguntou a Jesus: *“Donde me conheces?”* Respondeu-lhe Jesus: *“Antes que Felipe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira.”* Respondeu-lhe Natanael: *“Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és rei de Israel. Ao que lhe disse Jesus: Porque te disse: Vi-te debaixo da figueira, crês? coisas maiores do que estas verás. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem.”*

Foi assim o primeiro encontro entre Natanael e o Mestre. Nunca mais esse amigo de Felipe deixou Jesus. Só o evangelista João o chama de Natanael. Os demais, de “Filho de Tolomeu”, compondo o nome metade hebraico, metade grego “Bartolomeu”, pelo qual é mais conhecido até hoje.

Uma antiga tradição conta que foi torturado na Armênia pelo rei Astiago, que mandou lhe tirarem a pele vivo, e em seguida decapitá-lo. Michelângelo, em seu célebre quadro do “Juízo Final”, na Capela Sistina, no Vaticano, o retrata segurando essa pele, mas o rosto de São Bartolomeu é do próprio artista, que assim se autoretratou.

Sua festa é aos 24 de Agosto.



Trininho Santos



Felipe era da cidade de Betsaida, situada na região do lago de Genesaréth, a mesma dos irmãos Pedro e André, dos irmãos Tiago e João, e também de Natanael.

Também pouco se sabe a respeito de sua vida. Nos evangelhos, aparece especialmente em duas célebres passagens: uma, por ocasião da multiplicação dos pães, quando Jesus, “para o experimentar, pois bem sabia o que haveria de fazer”, perguntou-lhe: “*Onde compraremos pão para toda essa gente?*” Felipe, homem simples, não sabia: “Nem duzentos denários dariam.” (Joa 6). E na última Ceia, Felipe, sem ainda entender os ensinamentos de Jesus, questionou-lhe: “Mostramos o Pai, e isso nos basta!” Respondeu-lhe Jesus: “*Há tanto tempo que estou convosco, e*

ainda não me conheces, Felipe? Quem me viu a mim, viu o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” (Joa, 14).

Nessa imagem, ele segura uma cruz. Segundo antigas tradições, ele teria morrido crucificado, à maneira do Mestre, com idade entre 85 a 90 anos, depois de ter percorrido inúmeros países pregando o Evangelho. Suas relíquias são veneradas em Roma, na igreja dos Santos Apóstolos.

Sua festa é nos dias 3 de Maio, mesma data em que também se comemora o dia de São Tiago, filho de Alfeu, também chamado “o menor”, outro dos doze apóstolos.

Essa é a imagem de São Tiago Maior, que tem esse acréscimo em seu nome para diferenciá-lo do outro Tiago, já que eram dois apóstolos com esse nome. Tiago Menor era o “filho de Alfeu”, primo de Jesus, tendo sido o primeiro bispo de Jerusalém, inclusive presidindo, nesta cidade, o primeiro “Concílio dos Apóstolos”, no ano 49.

Tiago Maior, por sua vez, era irmão de João, o Evangelista, ambos filhos de Zebedeu e Salomé. Nascidos em Betsaida, mesma cidade de Pedro, André e Felipe. Tinha sido discípulo de João Batista, juntamente com seu irmão. Mais tarde, Jesus apelidou Tiago e João de “boanerges”, ou “filhos do trovão”, certamente por serem impetuosos, tanto que, uma vez, quiseram invocar fogo dos céus para destruir samaritanos que lhes negavam hospitalidade (Lc 9,52-54).

Doutra feita, com apoio da mãe Salomé, tentaram obter de Jesus o direito de ambos se assentarem um à sua direita e outro à sua esquerda, no Reino, provocando indignação em outros apóstolos. Jesus lhes disse que não sabiam o que pediam (Mt 20,20-28). Com Pedro e João, Tiago sempre estava muito próximo de Jesus, tendo presenciado a Transfiguração do Senhor e a agonia, no Horto das Oliveiras. Tiago Maior foi o primeiro apóstolo a ser martirizado, a fio de espada, no ano 42 d.C., por Herodes Agripa. É reconhecido como evangelizador da Espanha, estando suas relíquias em Compostella, famosa em todo o mundo pelos milhares de peregrinos que para lá se dirigem, trilhando o chamado “Caminho de São Tiago”.

Sua festa é nos dias 25 de Julho.



Tininho Santos

O púlpito é uma das belas peças em mármore conservadas na catedral de Barretos, localizado no meio da nave, em uma das colunas a oeste. Foi aí colocado em 1944, substituindo o antigo em madeira. Deixou de ser utilizado após o advento dos microfones, e pós-Concílio. Antes da existência dessa tecnologia - lembrando-nos que a eletricidade é invento moderno -, os pregadores precisavam de toda a força de seus pulmões para serem ouvidos em toda a igreja. Por isso mesmo, era estratégico o seu posicionamento no meio do templo, a uma altura compatível com essa necessidade. Pelo mesmo motivo, a acústica em uma igreja era um dos requisitos sempre muito bem estudados, tanto para a voz do pregador como para a dos integrantes dos corais e instrumentos de música.

Quando era utilizado, após o Evangelho (toda a Missa em latim), o celebrante se dirigia até esse púlpito precedido por um “irmão do Santíssimo” (V.pg.18), que permanecia aos pés da escada até o fim do “sermão”, quando voltavam para o presbitério.



Tinho Santos

Santo André está aqui representado com a famosa cruz em forma de “X”, usada em sua crucificação. Antiga tradição conta que suas últimas palavras foram esta oração: “Salve, Santa Cruz, tão desejada, tão amada! Tira-me do meio dos homens, entrega-me ao meu Mestre e Senhor, para que eu de ti receba O que por ti me salvou.” Seu irmão Pedro também morreu numa cruz, mas de cabeça para baixo.

Ambos, filhos de Jonas, tinham nascido em Betsaida, (ao norte do Lago de Genesareth, ou “Tiberíades”, hoje “Mar da Galiléia”), mesma cidade dos irmãos Tiago e João, de Natanael Bartolomeu e Felipe. Eram pescadores em Cafarnaum, às margens do mesmo Lago, onde Jesus estava morando e os chamou para segui-lo. Aliás, de todos os 12 Apóstolos, André foi o primeiro a ser convidado. Estava com João, e quem lhes indicou Cristo foi João

Batista. Vendo que o estavam seguindo, Jesus lhes perguntou: “*Que procurais?*” - Eles lhe responderam: “Mestre, onde moras?” - Jesus os chamou: “*Vinde e vede.*” Isso foi por volta das 16h.

Nas páginas dos evangelhos, André é citado outras duas vezes: quando indica a Jesus um jovem que tinha cinco pães e dois peixes, que foram multiplicados e servidos a 5 mil pessoas (Joa 6,10); e quando serve de intermediário para apresentar alguns gregos a Jesus, que queriam conhecê-lo. Fora isso, seu nome só aparece quando os doze são citados, como em Atos 1, na vinda do Espírito Santo.

Consta que André foi martirizado na Rússia. Algumas relíquias estão na Alemanha. Sua festa é nos dias 30 de Novembro.

Tininho Santos



Uma imagem tem sempre a função específica de nos passar uma mensagem. Esta, de João, o apresenta como um jovem, protótipo portanto de toda a juventude que é chamada por Jesus em todos os tempos. Apesar das feições de jovem, a imagem já o apresenta com uma pena na mão direita, e com um pergaminho, na esquerda, lembrando-nos ser ele quem escreveu o quarto evangelho, nos últimos anos do primeiro século, portanto já com idade avançada, e mais de trinta anos depois de terem sido escritos os três primeiros.

João também é o autor do último livro do Novo Testamento, o “Apocalipse” (palavra grega que significa “Revelação”), escrito quando se encontrava exilado na pequena ilha de Patmos, no Mar Egeu. João teve especial destaque dentre os Apóstolos. Ele mesmo diz ter sido o “discípulo predileto” de Jesus, estando sempre presente nos grandes acontecimentos de sua vida pública. Presenciou a Transfiguração no Tabor, com Pedro e seu irmão Tiago (Maior), as Bodas de Caná, as multiplicações de pães, a Agonia de Jesus no monte das Oliveiras, enfim, a todos os prodígios e milagres do Cristo. Foi quem chegou a se encostar no peito de Jesus, na última Ceia, quase como uma despedida de seu amado Mestre, e foi o único dos discípulos a ficar com Ele até à Cruz. Onde, aliás, recebeu a Mãe de Jesus como sua própria Mãe, com quem teria ficado até aos últimos dias dela, na cidade de Éfeso, na hoje Turquia, um dos países da Ásia. João, ainda, certamente pela sua juventude, foi o primeiro dos apóstolos a chegar correndo ao túmulo, quando ficou sabendo que Jesus havia ressuscitado. E comprovou a



Timinho Santos

ressurreição, tanto ao entrar com Pedro no túmulo, como posteriormente nas aparições de Cristo (Joa 20 e 21).

Como já foi referido, João e seu irmão Tiago também receberam um apelido de Jesus: “boanerges”, que quer dizer “filhos do trovão”. Certamente por serem muito afoitos, fogosos, arrebatados (V. Tiago).

Os cristãos de sua época chegaram até a achar que João, já bastante idoso, não morreria, com base numa frase de Cristo, certa ocasião: *“Alguns há, dos que estão aqui, que de modo nenhum provarão a morte até que vejam o reino de Deus”* (Lc 9,27). O apóstolo Paulo, que conheceu João pessoalmente, também se refere a essa frase enigmática de Cristo, interpretando-a como uma referência feita por Jesus sobre a sua volta gloriosa, no final dos tempos, quando regenerará todas as coisas (1Cor 15, 35-57), manifestação esta à qual os teólogos chamam de “Parusia”.

Nessa imagem de João, na catedral, e geralmente em quase todas em que ele é representado, tem junto a si a figura de uma águia, aqui a seus pés. É o seu atributo, ou símbolo, distintivo. Assim como o touro é o atributo de Lucas (V. Lucas), o leão o é de Marcos e o “ser vivente”, de Mateus. Mas esses atributos também se referem ao denominado “tetramorfo”, ou quatro formas relatadas em Ezequiel 10,14, livro também do gênero literário enigmático ou apocalíptico, como o livro de Daniel e o próprio Apocalipse de João. A águia, pelos antigos, era considerada o mais forte dos animais, raínha dos ares, a única que conseguia fitar diretamente o sol..., a que tinha o olho mais aguçado de todos. Até pelos povos pagãos era considerada símbolo da majestade divina. Assim, esse atributo dado a João foi justamente pela beleza e pujança do seu evangelho, que se principia com a pompa digna dessa majestade: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.” Esse Deus, porém, é sempre apresentado como o Pai Amoroso, que convida os homens, seus filhos, a se amarem e viverem como irmãos. Daí a sua contínua ênfase nas recomendações de Jesus a que todos sigam esse grande mandamento do Amor, a essência da mensagem, da “boa-nova”.

Além do quarto evangelho, e do Apocalipse, João foi o autor de três cartas (epístolas), dirigidas a todos os cristãos. Nelas, o apóstolo insiste: “Filhinhos”, o amor é o grande mandamento. Quem diz amar, mas pratica a injustiça, é mentiroso. Devemos fugir do pecado, mas sabendo que, se cairmos, Deus é Misericórdia e está sempre disposto a perdoar a quem lhe pede o perdão com sinceridade.

Percebe-se, em todos os seus escritos, que João se dirige principalmente aos cristãos, já vítimas, como ele próprio, de perseguições cada vez mais cruéis. A expectativa de que Jesus voltaria logo, para a libertação final de todos, era muito grande, e muitos já não suportavam a ansiedade: “Marana tá” (“Vem, Senhor Jesus”, Ap 22,20). Surgiam ainda várias doutrinas estranhas, e João então escreve apresentando Jesus como realmente Deus, sofredor mas glorificado, o “Pão Vivo descido dos Céus”, o “Caminho, Verdade e Vida”, a “Vida eterna”, o “Bom Pastor”, a “Luz do Mundo”... O “discípulo predileto” é o apóstolo que tem sua festa em data a mais próxima do Natal: nos dias 27 de Dezembro.



Esses atributos, como a águia de João evangelista, estão em destaque nos chamados “óculos” (vitrais redondos), nas laterais da primeira metade da igreja. Foram inaugurados em janeiro de 1934 (V.pg.20). Do lado leste (foto acima), primeiramente vê-se uma representação da Eucaristia; no meio, o leão alado, com feições de homem; e, em seguida, a figura da águia.



Tininho Santos

Na parte anterior da nave, lado oeste, outros três vitrais: a pomba-símbolo do Espírito Santo, o “Ser Vivente” e o touro alado.



O leão, considerado desde épocas remotíssimas, como o rei dos animais da terra - assim como a águia é a rainha dos ares -, é utilizado em larga escala em todos os tipos de arte, e representado nas mais variadas formas, sem qualquer pretensão de exatidão com sua imagem natural. Povos assírios, babilônios, egípcios, os próprios israelitas e cristãos, de todos os tempos, colocam-no em evidência em imagens, túmulos, fachadas, frontispícios, quadros etc., com os mais variados objetivos. Um destes é o de significar força e coragem, inclusive para afugentar demônios e maus espíritos.

Na arte cristã, contudo, a forma mais comum de vê-lo é a que está nesse vitral, como atributo do evangelista Marcos, porque seu evangelho começa com a pregação de João Batista, “a voz que clama no deserto” (Mt 3,3 referindo-se a Isaías 40,3). Ora, o leão sempre foi símbolo do sol, sendo inclusive seu signo no zodíaco em julho, o meio do verão no hemisfério norte, e o deserto lembra o sol.

A atribuição desses distintivos aos evangelistas remontam ao século V, especialmente feita pelo Padre da Igreja São Jerônimo (V.pg.140), inspirado nos textos de Ezequiel 1 e repetidos em Apocalipse 4,6: *“também havia diante do trono como que um mar de vidro, semelhante ao cristal; e ao redor do trono, um ao meio de cada lado, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás; e o primeiro ser era semelhante a um leão; o segundo ser, semelhante a um touro; tinha o terceiro ser o rosto como de homem; e o*

quarto ser era semelhante a uma águia voando. Os quatro seres viventes tinham, cada um, seis asas, e ao redor e por dentro estavam cheios de olhos; e não têm descanso nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, e que é, e que há de vir.”

O leão também é utilizado como símbolo de Cristo, por referência a ele como o “leão de Judá” - *“E disse-me um dentre os anciãos: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e romper os sete selos (Ap 5,5).*



Tininho Santos

Quanto à águia, atributo do quarto evangelista (V. João), São Jerônimo ressalta que nesse relato do discípulo predileto, o Espírito Santo fala de forma mais vigorosa, comparando a sublimidade de seu estilo e ensinamentos ao majestático pairar da águia nas alturas, como se beirasse o sol, da mesma maneira que a teologia joanina se aproxima da região mais elevada da consciência humana.



O “Homem Alado”, outro dos quatro “Seres Viventes” - não um anjo, como erroneamente alguns pensam -, é atributo de Mateus, porque começa seu evangelho com o nascimento humano do Filho de Deus, de início com a sua Genealogia, “filho de Davi, filho de Abraão...”, seguida da narração do aviso dado a José por um anjo sobre a gravidez de sua esposa Maria, e sobre o próprio fato desse menino ser EMANUEL, ou seja, “Deus Conosco”. O “Ser Vivente”, portanto, é a manifestação humana de Deus, uma vez que Cristo é o “Ser Humano” por excelência, por ser “Humano-Divino”.

Por fim, a quarta figura é a de um “touro alado”, atributo do evangelista Lucas que, como já contamos (V. Lucas), principia sua narrativa com a presença de Zacarias no templo, a oferecer sacrifícios, quando um anjo vai lhe anunciar que sua mulher Isabel iria dar à luz um menino, a quem deveria pôr o nome de João. Nos sacrifícios, eram oferecidos animais, pássaros e frutos das colheitas.



Timinho Santos

Ora, o touro é antigo símbolo da fertilidade. A narrativa de Lucas ressalta que Isabel era já avançada em anos e, além disso, estéril. Para uma mulher israelita, o fato de não poder gerar filhos era motivo de tristeza e decepção. Assim, de início Zacarias nem acreditou no anúncio do mensageiro celeste, ficou mudo, e quando o menino nasceu, recobrou a voz logo depois que escreveu, numa pequena tábua, que “João” deveria ser seu nome.



Da mesma maneira que na porta principal, as portas laterais, cada uma, formam todo um conjunto arquitetônico, como um enorme quadro, do solo ao teto. vitrais, molduras e pinturas, na metade de baixo, e grandes vitrais de São José (lado leste)...



... e de Nossa Senhora da Imaculada Conceição (lado oeste), culminando com inscrições latinas no teto, uma de cada lado, com Títulos de Maria. Esses dois vitrais, com o que está na fachada da igreja, foram também inaugurados em janeiro de 1934 (V.pg.20).

Na porta lateral a leste, o vitral esquerdo apresenta a pintura da exposição da Eucaristia em uma custódia, e embaixo a inscrição “Santo, Santo, Santo”. Essa exclamação, um Hino de Louvor ao Senhor, aparece desde Isaías 6,3 - *“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos; a terra toda está cheia da sua glória.”*, sendo repetida em Ap 4,8 - *“Os quatro seres viventes tinham, cada um, seis asas, e ao redor e por dentro estavam cheios de olhos; e não têm descanso nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, e que é, e que há de vir.”* Hoje faz parte da Missa, sendo recitada ou cantada festivamente por todos os fiéis encerrando o Prefácio, momentos antes da Consagração.



Tírinho Santos

O vitral direito dessa mesma porta, por sua vez, apresenta novamente o mais conhecido símbolo do Divino Espírito Santo, uma pomba, com a invocação “Vinde, Santo Espírito”. Aqui, Ele é a própria chama de uma vela a iluminar o mundo.

Tininho Santos





Sobre essa porta, há um quadro destacando o Sagrado Coração de Jesus, inflamado de amor pelos homens, mas por estes ferido de morte. Seu sangue escorre para um cálice, apoiado sobre um Missal, este ladeado por uvas e ramos de trigo. Tudo transmitindo a grande realidade do sacrifício pascal do Salvador do Mundo, repetido continuamente como memorial no Santo Sacrifício da Missa, onde todos os fiéis se alimentam dessa carne e desse sangue, que são “verdadeiramente comida e bebida” (Joa 6,55).

Sob esses símbolos, a inscrição em latim: “Cor Jesu, flagrans amore nostri, inflamma cor nostrum amore Tui” (Ó Coração de Jesus, ardente de amor por nós, inflama o nosso coração de amor por Ti).



A representação de São José com o Menino Jesus é a mais tradicional. Nesse vitral, porém, aparece uma moldura formada por igrejas, tanto sob seus pés, como sobre sua cabeça e em ambas as laterais, e expondo dessa forma o seu título de padroeiro universal da Igreja, por proclamação do papa Pio IX (1792-1878). Aliás, esse mesmo Papa foi quem proclamou o dogma da Imaculada Conceição de Maria.

Aqui, além de bucólica e estilizada paisagem, com casas, essa pintura nos lembra outros títulos de São José - o de Patrono das Famílias -, e dos Trabalhadores, como está a mostrar uma tora de madeira com uma serra, ele que era carpinteiro.

Não se sabe muito sobre a sua vida, contudo. Apenas dois evangelistas citam algumas passagens suas, como

Mateus e Lucas. Descendente da linhagem real de Davi, era um “homem justo” (Mt 1,19), mas pobre. Foi o chefe da Sagrada Família, e a protegeu (Mt 2,14). Fora isso, o restante é tradição cristã, com base ora em lendas, ora em livros apócrifos. Como os esposais de Maria e José, quando o sinal de sua escolha para se casar com Maria foi o seu cajado ter florido, ao contrário dos demais pretendentes.

São José também é venerado como o “Patrono da Boa Morte”, porque, ao chegar a sua hora, teve a incomparável graça de ter à beira de seu leito, fisicamente, o próprio Deus-Jesus, seu filho adotivo, e Maria.

São José tem duas festas principais: nos dias 19 de Março e 1º de Maio.

Por fim, finalizando essa parte da igreja, vemos no teto, desse lado leste, a inscrição em latim “**Stella Matutina**” (**Estrela da Manhã**), que se destaca dentre todas as outras à sua volta.

Esse é apenas um dos títulos de Maria. Se olharmos já o outro teto (próxima página), do lado oeste da igreja, por sobre o vitral de Maria Imaculada, vemos um outro: “**Rosa Mística**”.

O maior e mais sublime título de Maria é, logicamente, o de “**Mãe de Deus**”. Essa a sua grandeza. Por consequência lógica, é também nossa Mãe, como mãe de todo o gênero humano. No mistério mariano, embora resumidamente, convém recordar aqui que, ao se tornar Mãe de Jesus, verdadeiramente Deus, Maria se tornou também Mãe de Deus. João começa seu evangelho se referindo a Jesus como o “Verbo Divino” - “*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.*” (Joa 1,1-5).

O Apóstolo Paulo, posteriormente, declara que Jesus: “*é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas; também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência, porque aprouve a*



Timinho Santos



Deus que nele habitasse toda a plenitude, e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus.” (1 Col 1,15-20)

Evidentemente, como não há possibilidade de uma mulher ser mãe só da cabeça de uma pessoa, e não do restante do corpo, Maria é igualmente “**Nossa Mãe**” e “**Mãe da Igreja**”.

Dentre outros títulos de Maria, como centenas de nomes pelos quais é conhecida em todo o mundo, podemos lembrar os seguintes:

Raíinha dos Anjos,
Raíinha dos Patriarcas,
Raíinha dos Profetas,
Raíinha dos Apóstolos,
Raíinha dos Mártires,
Raíinha dos Confessores,
Raíinha das Virgens, Raíinha

de todos os Santos, Raíinha da Paz, Raíinha do Sacratíssimo Rosário, Auxiliadora dos Cristãos, Consoladora dos Aflitos, Dispensadora de todas as Graças, Saúde dos Enfermos, Refúgio dos Pecadores, Mãe de Misericórdia, Aurora do Perdão, Porta do Céu, Escada de Jacó, Mãe Puríssima, Mãe Castíssima, Mãe Amável, Mãe Admirável, Mãe do Bom Conselho, Mãe do Criador, Mãe do Salvador, Virgem Fiel, Virgem Prudentíssima, Virgem Venerável, Virgem Digna de Louvor, Virgem Poderosa, Virgem Clemente, Virgem Imaculada, Espelho de Justiça, Trono de Sabedoria, Causa de Nossa Alegria, Vaso Espiritual, Vaso de Honra, Vaso Insigne de Devoção, Torre de David, Torre de Marfim, Casa de Ouro, Arca da Aliança...



O vitral de Nossa Senhora da Imaculada Conceição é um dos três maiores existentes na catedral.

A representação aqui feita também segue a arte tradicional, extraída do primeiro versículo do cap. 12 do Apocalipse - *“E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça.”*, e do vers. 15 do terceiro capítulo do Gênesis - *“Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.”* Assim, Maria tem a auréola com essas 12 estrelas, significando os 12 Apóstolos

de Cristo; a lua sob os pés, como Rainha do Universo, enquanto que, com o pé direito, esmaga a cabeça da serpente, protótipo do mal sobre a Terra. O complemento da moldura é idêntico ao do vitral de São José, ou seja, com diversas torres de igrejas, a recordar que Maria é Mãe da Igreja, título esse sugerido pelo próprio Apóstolo, ao reconhecer a pessoa do Filho como “cabeça da Igreja”.

Embaixo do vitral, o destaque na parede desse lado é o Imaculado Coração de Maria, mais uma vez formando par com o Coração de Jesus, do outro lado.

Nesse quadro, os mesmos raios ressaltam a Cruz, e no seu centro o Coração Inflamado da Virgem Imaculada, rodeado por uma coroa de flores róseas. O símbolo do Divino Espírito, o Espírito Santo, aqui foi acrescentado, demonstrando a perfeita união entre Deus e Maria, e a excelência da ação desse Coração Amoroso de Mãe em favor de todos os seus filhos.

A frase em latim “Cor Mariae, Gaudium Cordium et Cor Unum cum Corde Christi” (Coração de Maria, Alegria dos Corações e um Único Coração com o Coração de Cristo”), é enfeitado por rosas e açucenas - estas, símbolo da pureza; aquelas, a Rainha das Flores.



Timinho Santos

Sob o quadro, vemos um belo exemplo de um anjo alado, só a cabeça, com auréola, nesse caso em forma juvenil. Mas “anjinhas” com feições infantis, vivazes e sorridentes, também são muito utilizados na arte sacra, junto a quadros e imagens piedosas. A figura dos anjos é por demais utilizada, e logo nos primórdios do cristianismo, a partir do séc. IV, começaram a aparecer providos de asas e auréolas. A auréola, um círculo brilhante ou disco de luz desenhado em volta da cabeça de santos, anjos, de Maria, e do próprio Cristo, é sinal hoje de santidade, mas originalmente era um símbolo pagão. Aliás, foi em Cristo que pintores sacros começaram a utilizá-la, já no séc. II, e pouco a pouco também se estendeu aos santos e santas. Depois, até em figuras de imperadores e reis foi também usada.

Os vitrais da porta lateral do lado oeste apresentam os Sagrados Corações e a Eucaristia.



Trininho Santos

“Honra e Glória aos Sagrados Corações de Jesus e Maria” é a frase impressa no vitral esquerdo da porta lateral do lado oeste da igreja.



A Hóstia e o Cálice, representados classicamente, têm embaixo a inscrição “Adoremos eternamente o Santíssimo Sacramento”. Com efeito, é o que os fiéis fazem, pois crêem na Eucaristia por recomendação do próprio Jesus: “*Minha carne é verdadeiramente comida e meu sangue verdadeiramente bebida*” (Joa 6,55)



Do meio da igreja até ao presbitério, temos quatro altares laterais, dois de cada lado, onde se acham imagens de Jesus e de Maria, de santos e santas. A maioria dessas imagens veio de São Paulo ou Rio de Janeiro no início da década de 30, no século passado, e expressam as diversas devoções preferidas pelos paroquianos da época, ou influenciados por membros de congregações religiosas então em Barretos.

Como vimos, eram cinco altares em mármore, que aos poucos substituíram os antigos em madeira. O primeiro foi um Altar-Mor, encomendado junto aos Morescalchi, de Jaboticabal, em 1920, sagrado pelo bispo de São Carlos, que seria substituído por outro em 1934, bem maior. Em 1921, foram encomendados mais dois altares, para as laterais. Como já haviam quatro, em madeira, daí em diante passaram a ser dois em mármore e dois em

madeira. Em 1935, foi adquirido o terceiro altar lateral em mármore, e o último (altar de São Sebastião) veio em 1937. Só o de Nossa Senhora Aparecida é que não tem sacrário. Em dois deles ainda se pode ver pequenas placas indicando sua procedência - “Marmoraria Brasil - João Morescalchi - Jaboticabal”. João, como já vimos, era filho de Theodósio, o artista que pintou e decorou a igreja em 1944.

O Altar-Mor foi demolido no início de 1973, antes do anúncio da criação da diocese de Barretos, com aprovação do bispo de Jaboticabal, Dom José Varani, no sentido de se adaptar a liturgia de acordo com as determinações do Concílio Vaticano II, encerrado em 1965. As Missas deixaram de ser em latim, passando a ser celebradas no idioma pátrio, e novos altares foram construídos em todas as igrejas do mundo, para que o presidente das celebrações ficasse de frente para o povo.

Esses quatro altares laterais foram habitualmente utilizados para Santas Missas. Recorde-se que, até às reformas do Vaticano II, uma missa só podia ser celebrada a partir da meia-noite e, no máximo, até às 11h desse mesmo dia. Não havia missa vespertina. Além disso, o jejum obrigatório para a santa comunhão também deveria ser a partir da meia-noite. Dessa forma, como havia outros padres na paróquia, geralmente se dirigiam à igreja todos para rezarem cada um a sua missa, e enquanto os fiéis assistiam a missa do altar-mor, outras às vezes estavam sendo celebradas concomitantemente nesses altares laterais. É interessante se recordar isso, já que as novas gerações poderiam pensar que foram construídos só por enfeite, ou para as imagens que neles se encontram.

De passagem, não custa dizer ainda que, até ao Concílio, a Missa da Noite Pascal e a de Natal, por exemplo, só começavam realmente à meia-noite e, por serem solenes, costumavam terminar por volta das 2h da madrugada, pelo menos. No caso da noite de Páscoa, uma procissão com a imagem do Senhor Ressuscitado saía depois da Missa das 5h da manhã, pelas ruas próximas. Era motivo de alegria também pela maior fidelidade ao próprio fato da Ressurreição, que aconteceu realmente ao amanhecer de um domingo, o primeiro dia da semana (Joa 20,1). Devido ao horário, aquelas missas da meia-noite ganharam o apelido de “missas do galo”, lembrando o cantar dessas aves nas madrugadas.

O altar de N. Sra. Aparecida, a Padroeira do Brasil - onde tantas pessoas se postam aos seus pés e a tocam, implorando bênçãos e proteção -, é o mais próximo da porta lateral a oeste da igreja. Aí estão também as imagens de São José, Santa Rita de Cássia e São João Bosco.

A história da Senhora Aparecida nas águas do Rio Paraíba do Sul, em 1717, e achada por três pescadores, é bastante conhecida dos brasileiros. Sua devoção se popularizou, e hoje a sua Basílica é uma das maiores igrejas do mundo.

Como Raíinha, essa imagem de Maria Morena tem sempre um manto azul e uma coroa, e o ato de sua coroação solene aconteceu na cidade de Aparecida aos 8 de setembro de 1904, ainda na antiga basílica. Foi declarada “Padroeira do Brasil” por Pio XI, em 1930.



Em 1967, na festa de 250 Anos de seu aparecimento, a Senhora Aparecida foi honrada pelo Papa Paulo VI com a “**Rosa de Ouro**”, honraria criada no início do séc. XIII pelo papa Inocêncio III, e só oferecida pelo Vaticano a reis, rainhas, grandes basílicas e igrejas de muito significado. A atual Basílica de Aparecida foi consagrada pelo papa João Paulo II em sua primeira viagem ao Brasil, em solenidade celebrada no dia 4 de julho de 1980. Daí em diante, por decreto presidencial, o dia 12 de Outubro é feriado nacional.

Em Barretos, nesses dias, desde 1983, uma grande procissão sai às 5h da manhã da igreja do Bom Jesus, se dirigindo até à Cidade de Maria, em um per-

curso de cerca de oito quilômetros, onde acontece uma Santa Missa em louvor à Padroeira. A “Cidade de Maria”, idealizada e construída pelo 2º bispo, Dom Antônio Mucciolo, inaugurada aos 05/09/1980, é um conjunto de oito prédios, erguidos à margem da Vicinal Nadir Kenan, que liga Barretos ao Distrito de Alberto Moreira. Cada prédio é cedido a congregações religiosas, que lá mantêm suas casas de formação e noviciado. Um deles, Casa de Betânia, é local de inúmeros encontros e retiros durante todo o ano.

A primeira romaria de barretenses a Aparecida, de que se tem notícia, é uma que saiu aos 11 de dezembro de 1920, com 37 pessoas. Daí em diante, dezenas de ônibus, durante todo o ano, saem da cidade lotados de peregrinos rumo a Aparecida do Norte, demonstrando sempre o grande amor de todos pela Mãe de Deus Aparecida no Brasil.



Tirinho Santos

São José tem um lírio na sua mão direita. O lírio é de tradição bíblica, simboliza eleição, escolha. O povo israelita foi escolhido por Deus, Maria foi escolhida para ser a Mãe do Salvador, e José para ser seu esposo castíssimo. Os “lírios dos campos, que não tecem nem fiam” (Mt 6,28), demonstram a entrega e confiança em Deus, que deles cuida. José confiou no mensageiro de Deus (Mt 1), recebendo Maria e o Menino, “dono do mundo”, em seus braços. Jesus tem um globo, símbolo da criação, em sua mão esquerda.

O vitral mostra um coração ardente em Amor, cruzado por uma Cruz e uma âncora (V.pg.39).

Olhando-se de frente para esse mesmo altar, à esquerda se encontra a imagem de Santa Rita de Cássia (1370-1447). Italiana, ainda adolescente foi obrigada a se casar com Paulo de Fernando, um jovem colérico e violento que, no entanto, foi assassinado poucos anos depois. Sobraram-lhe dois filhos que tentou educar com a sua doçura e piedade, mas não conseguiu. Ambos tinham herdado o mesmo tipo de caráter do pai, e ainda jovens também foram mortos em brigas.

Rita, então, passou a procurar a clausura do convento das Eremitas de Santo Agostinho, em Cássia, mas não estava conseguindo ser aceita. Certo dia, porém, ela apareceu milagrosamente no meio do coro, quando as monjas estavam recolhidas em oração. Ela mesmo disse que havia sido por interven-

ção de São João Batista, Santo Agostinho e São Nicolau de Tolentino. Daí em diante, foi sempre uma freira exemplar e extremamente piedosa, dedicada ao trabalho e à oração.

A mancha vermelha em sua testa é a marca de uma ferida provocada por um espinho que, também de forma miraculosa, ali foi cravado, chaga esta incurável e que lhe causou grandes sofrimentos, oferecidos a Deus pela salvação dos pecadores.

Sua imagem também é sempre acompanhada por rosas vermelhas porque, após sua morte, elas, com cor de sangue, passaram a florir milagrosamente à beira de seu túmulo. Milhares de fiéis conseguem graças e favores por sua intercessão.

Foi canonizada em 1900, e sua festa é nos dias 22 de Maio.



Trininho Santos



E do lado direito, a imagem simples de São João Bosco, ou popularmente “Dom Bosco” (1815-1888).

“É melhor prevenir que remediar”. Essa máxima, tão conhecida, é de autoria deste que é um dos mais simpáticos santos da Igreja. Italiano, filho de uma família pobre, teve em sua mãe, porém, uma mulher de fibra que o conduziu ao bom caminho. Com vocação para ser padre, isso soava estranho em uma época de implacável anticlericalismo e ateísmo, depois que a Revolução Francesa espalhara suas idéias pelo mundo afora. Ordenado em 1841, João logo decidiu se dedicar preferencialmente aos adolescentes e jovens pobres, filhos de operários ou abandonados. Fundou então os Oratórios, um jeito de motivá-los e mantê-los à

sua volta. Jovial, brincalhão, com sua inquestionável liderança passou a oferecer-lhes acolhida e cursos profissionalizantes, e mais à frente nesse serviço se engajaram tanto os padres como as freiras das congregações salesianas que instituiu. Recorde-se que, em Barretos, freiras salesianas administraram o Colégio Maria Auxiliadora, no quadrilátero das ruas 28 e 30 com avenidas 27 e 29, desde 1948, aqui encerrando suas atividades em 1971. O carisma dessas ordens religiosas até hoje é o trabalho com jovens. O nome “Salesianos” se deve à especial devoção de Dom Bosco por São Francisco de Sales (1567-1622). Dom Bosco morreu no dia 31 de janeiro de 1888, tendo sido canonizado por Pio XI em 1934. João Paulo II proclamou-o “Pai e Mestre da Juventude”.

Sua festa é nos dias 31 de janeiro.

O altar seguinte é o dos Sagrados Corações. Desde épocas remotíssimas, o coração sempre foi considerado o centro do corpo humano, inclusive sentimentalmente. Daí expressões como coração “entristecido”, “alegre”, “cativado”, “comovido” e outras. É ele quem tem a função de impelir o sangue - este considerado pelos antigos como a própria “vida” - por todo o corpo.

A frase de João evangelista - *“um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água”* (Joa 19,34), - prova o coração ferido de Cristo, numa sexta-feira. Ao longo dos séculos, a Igreja sempre ensinou que, apesar dessa ferida causada pelos pecados de todos, ela nunca se fechou, continuando a derramar misericórdia e proteção a todas as pessoas que O procuram com sinceridade. No entanto, só no séc. XVII, com Santa Margarida Maria Alacocque (1647-1690), a devoção ao Sagrado Coração de Jesus se espalhou pelo mundo. Durante dois anos, a partir de 1673, sempre nas primeiras sextas-feiras de cada mês, Jesus lhe aparecia, com um coração inflamado e ferido na mão, pedindo-lhe mais consideração por parte da humanidade, por



Trininho Santos

quem doara todo o seu sangue na cruz. E Jesus prometia abundantes graças a quem passasse a honrar o seu Divino Coração, recomendando a prática das nove primeiras sextas-feiras do mês, recebendo a comunhão em estado de graça: *“As pessoas não morrerão no meu desagrado e terão a oportunidade de receberem os Sacramentos, sendo o Meu Sagrado Coração refúgio e consolo para elas, naquele momento de transe extremo”*. E prometeu ainda bênçãos copiosas a quem entronizasse a imagem ou um quadro do seu Sagrado Coração em seus lares, nos ambientes de trabalho ou lazer.

Como vimos (V.pg.11), a igreja-matriz do Divino Espírito Santo de Barretos fora consagrada ao Sagrado Coração de Jesus aos 8 de dezembro de 1884, pelo padre Francisco Valente.

Já a devoção ao Imaculado Coração de Maria, embora tenha alcançado maior difusão por todo o mundo a partir de suas aparições em Fátima, no século passado, ela já havia se principiado quase cem anos antes, mais precisamente em 1830, em Paris. Em uma pequena capela, Maria apareceu a uma freira vicentina, hoje Santa Catarina Labouré (1806-1876), da congregação das Filhas da Caridade, fundada por São Vicente de Paulo. Em duas aparições, Nossa Senhora lhe recomendou que propagasse a devoção a Ela, através da cunhagem de uma medalha que, posteriormente, passou a ser chamada de “Medalha Milagrosa”, tantas as graças que foram concedidas a quem passou a usá-la com fervorosa disposição. Aí se iniciou a devoção a Nossa Senhora



das Graças. Foi dessas visões que surgiu a prece tão conhecida “Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”, que pode ser vista na medalha (foto acima, em francês: “*O Marie, conçue sans péché, priez pour nous qui avons recours a vous*”). A Igreja proclamou o dogma da Imaculada Conceição de Maria em 1854. Santa Catarina, embora analfabeta, soube transmitir toda a teologia desses símbolos da medalha, e ainda foi, por inspiração da Mãe de Deus, a fundadora da Associação das **Filhas de Maria**, que se espalhou por todo o mundo e marcou grande presença na história da igreja de Barretos.

No verso da medalha, vemos o inflamado Sagrado Coração de Jesus, com uma coroa de espinhos, enquanto o Imaculado Coração de Maria está atravessado por uma espada, mostrando o sofrimento de Maria pela paixão do seu Filho, já predito por Simeão no templo: “*E uma espada transpassará a tua alma, a fim de serem revelados os pensamentos de muitos corações.*” (Lc 2,35).

Em 1916, um ano antes das aparições de Fátima, um anjo começou a visitar as três crianças - Lúcia, Francisco e Jacinta -, como a lhes preparar para o futuro que lhes estava reservado nos desígnios de Deus, e já lhes recomendava uma maior devoção aos Sagrados Corações, inclusive lhes ensinando esta Oração: “*Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espí-*

rito Santo, ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração, e por intercessão do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores.”

Aos 13 de junho de 1917, durante a segunda aparição da Virgem às crianças, ela lhes disse: “*Jesus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração; a quem a abraçar, prometo a salvação e serão queridos de Deus estas almas como flores postas por Mim para adornar o seu trono.*” E lhes mostrou, em uma de suas mãos, o seu Coração Imaculado, com uma coroa de espinhos, sofrido com os ultrajes dos homens, a clamar por reparação. Nas visões seguintes, até à última em outubro desse mesmo ano, ocasião em que cerca de 70 mil pessoas se encontravam na Cova da Iria, a Mãe de Deus continuou a instruir as crianças sobre como deveriam proceder, lhes revelando segredos de acontecimentos futuros e realizando grandes milagres à vista do povo.

Desde então, iniciou-se a propagação da Devoção dos Cinco primeiros Sábados de cada mês, em que os fiéis se confessam e comungam num ato de reparação pelos pecados cometidos por tanta gente. Anos mais tarde, a irmã Lúcia disse ter sido instruída, de novo, para que a Igreja aceitasse esses Atos de Reparação até à oitava seguinte aos primeiros sábados do mês, ou seja, até ao domingo seguinte. E que o fato de serem cinco sábados se deve a que são cinco as espécies de ofensas principais ao Coração Imaculado de Maria:

- 1) As blasfêmias contra a Imaculada Conceição;
- 2) Contra a sua Virgindade;
- 3) Contra a sua Maternidade Divina, recusando, ao mesmo tempo, recebê-la como Mãe dos homens;
- 4) Os que procuram persuadir crianças a também desprezá-La, ser-Lhe indiferente, ou até mesmo a odiá-La;
- 5) Os que A ultrajam diretamente nas suas sagradas imagens.

A festa do Sagrado Coração de Jesus é sempre na primeira sexta-feira de junho, e a do Imaculado Coração de Maria no dia seguinte, sábado. Ambas foram colocadas pela Igreja nesse mês, imediatamente após a festa de “*Corpus Christi*”.

O vitral desse altar mostra também o Sagrado Coração de Jesus.



No altar dos Sagrados Corações, há duas outras imagens. De um lado, Santa Ana e Maria infante. Do outro, São Francisco de Assis.

Dos avós de Jesus - Ana e Joaquim - nada se fala nos evangelhos nem nos demais escritos do Novo Testamento. Há, sim, antigas tradições orais, com base em escritos apócrifos - livros que não foram considerados terem sido escritos sob inspiração divina - como o Proto-evangelho de Tiago, no qual se encontram alguns detalhes sobre a vida de ambos e da própria infância da futura Mãe de Deus. Se são verdadeiros, não se sabe. Mas a tradição cristã os conservou assim. Ali, por exemplo, se diz que a pequena Maria foi consagrada ao Templo desde a idade de três anos, e nessa imagem vemos sua mãe Ana a lhe passar ensinamentos sobre as Tábu-

as da Lei, ou os 10 Mandamentos, que se encontravam guardadas na Arca da Aliança, no Templo de Jerusalém.

A devoção à avó de Jesus surgiu primeiramente no Oriente, por volta do séc. VI. No ocidente, apenas no séc. X, mas só em 1584 teve seu nome inserido no calendário litúrgico.

A veneração a São Joaquim, por outro lado, permaneceu obscura por todo esse tempo, só surgindo também no séc. XVI, quando o nome de Ana foi inscrito para celebrações litúrgicas, e mesmo assim suas festas eram separadas. Foi em 1913 que, enfim, a comemoração da festa de São Joaquim e de Santa Ana passou para um único dia, anualmente a 26 de Julho.

Nessa imagem, São Francisco de Assis (1182-1226) está a mostrar o seu lado direito, onde há uma ferida à semelhança daquela do lado direito do Divino Mestre Crucificado. E foi com cinco chagas, do mesmo tipo das de Jesus, que Francisco morreu aos 44 anos, em uma simples cama, que havia sido preparada por Santa Clara (1194-1253). São Francisco foi um homem incomparável, que inspirou e até hoje inspira poetas, artistas e escritores, tão grande a sua influência por todo o mundo.

Nascido em família rica, depois de tentar o comércio e as honras militares, aos 25 anos abandonou tudo, passou a viver como maltrapilho, e em seguida se juntou a amigos, dando início assim a uma ordem religiosa, da qual nasceram diversas ramificações franciscanas, masculinas e femininas. Uma delas, as Franciscanas da Penitência, assumiram em 1936 o Educandário Sagrados Corações, da Rua 6, onde até hoje se encontram.

Tininho Santos



Incontáveis são os feitos desse homem, que viajou por vários países pregando o Evangelho, vivendo em extrema pobreza com os pobres e excluídos, convivendo com grandes santos, como Clara e Antônio de Pádua, dentre tantos outros, e dando uma nova vida à própria Igreja. São Francisco foi canonizado pelo papa Gregório IX em 1228, apenas dois anos depois de sua morte, demonstrando o reconhecimento geral à grande santidade do “pobrezinho de Assis”.

Sua festa é nos dias 4 de Outubro, quando morreu chamando a própria Morte de “irmã”, cantando e louvando o Criador.

Às portas da Sacristia, ainda no lado oeste da igreja, há duas imagens, com cenas da Paixão de Cristo: em cima, Jesus carregando a Cruz, uma imagem de 1935; embaixo, o “Senhor Morto”. Na parede atrás, uma pintura do Monte Calvário, com uma moldura, em arco romano, de flores.

A representação do “Santo Sepulcro”, em mármore e vidro, é uma criação nova, de 1999. Nesse local, originalmente, havia um móvel em madeira, e em cima a imagem do Senhor dos Passos. Em agosto de 1976, esse lugar foi escolhido, de última hora, para o sepultamento de Dom José de Mattos. Posteriormente, nas reformas da década de 80, os restos mortais do bispo foram trasladados para os atuais jazigos. Em 99, o pároco Pe. Deusmar decidiu construir ali essa representação do “Santo Sepulcro”, com uma antiga imagem do “Senhor Morto”, também do início do século passado.

A arte sacra só depois do séc. V começou a apresentar cenas da Paixão, ou cruces, mas raramente. A cruz era um instrumento que causava tristeza e horror, e os primeiros cristãos, com base na pregação apostólica, preferiram sempre as imagens de Jesus Ressuscitado. Só a partir da Idade Média é que Jesus na Cruz passou a ser mais retratado, em imagens mais plásticas, harmônicas e piedosas, do que em seu lado aterrador e cruel. E assim tem sido representada a Paixão, num formato artístico digno, aceito pelos cristãos e pela Igreja.

Os historiadores e estudiosos, contudo, acrescentam informações com maior riqueza



Trincho Santos



de detalhes a respeito de tudo o que realmente aconteceu, fatos esses nem sempre de conhecimento público. Exemplo disso é o fato de ter sido pouco provável que Jesus tenha carregado a cruz inteira, que seria de um peso desconunal até para um homem de muita força física, quanto mais para um prisioneiro, como Cristo, que já tinha passado a noite em claro, além de ter sido açoitado e torturado nas mãos dos soldados. Normalmente, o condenado precisava levar a parte superior da cruz, também chamada de “patíbulo”, mesmo assim uma madeira bastante pesada, em torno de uns 50 quilos, tanto que os soldados, depois de verem Jesus cair três vezes, e achando que poderia nem chegar vivo até ao Calvário, obrigaram um

homem de Cirene, de nome Simão, a ajudá-lo. Do pretório de Pilatos até o Calvário, era uma distância aproximada de 800 metros, mas Jesus já estava fisicamente fraco, com o rosto e cabeça inchados, por bofetões e pauladas, deformado, “nem parecia um ser humano...” (Is 52,14).

A condenação de Jesus à morte ocorrera por volta do meio-dia (hora sexta), quando o sol se escureceu. O local das execuções, em hebraico “Golgotha” - que quer dizer “lugar da Caveira”, já tinha as madeiras fincadas ao solo. Os soldados, então, deitavam o prisioneiro despido no chão, para pregarem seus braços, pelos punhos, no patíbulo, e o erguiam assim já pregado, encaixando essa parte superior da cruz no madeiro vertical. Em seguida, os pés, um sobre o outro, eram pregados nesse madeiro, sem aquele apoio (supedâneo) que muitas vezes vemos em imagens, mas que parecem não corresponder à realidade.

A imagem existente na catedral, na cena da Crucificação - do lado leste da igreja, à frente da atual Capela do Santíssimo -, é um desses milhares de exemplos da forma clássica como Jesus é representado na Cruz: com quatro cravos, segundo escritos de São Cipriano, Sto. Ambrósio e Gregório de Tours, um em cada palma das mãos e um em cada pé, mas não tinham a preocupação de serem exatos nem cientificamente e nem historicamente. Queriam mais apresentar um Jesus majestoso, em pé na cruz, não de joelhos dobrados, mas com os braços bem abertos, abraçando a humanidade.

Na verdade, acreditase que a cruz de Jesus, à semelhança das demais utilizadas pelos romanos e até por outros povos que costumavam usar esse tipo de pena de morte, tinha mais a forma de um “T”. Como as solas dos pés ficavam voltadas para o madeiro, sem se apoiarem em nada, o condenado ficava dependurado exclusivamente pelos cravos, sofria dores insuportáveis tanto nos punhos, como nos pés, e por todo o corpo, que pendia.

Segundo estudos realizados no Santo Sudário, de Turim, Jesus tinha cerca de 1,80 m e provavelmente de 80 a 90 quilos. Na cruz, suas pernas ficaram semidobradas, e não esticadas, e os braços levantados devido o peso do corpo, e não abertos horizontalmente como nessa imagem. O crucificado não conseguia respirar, e puxava com muito esforço e dores algum ar apenas no momento em que se firmava nos pregos dos pés para se suspender um pouco, mas não aguentava e caía novamente, ficando todo o seu peso



Trininho Santos

nos punhos. Dava-se aos condenados um narcótico (à base de fel, mirra, com vinagre), para alívio das dores, mas Jesus recusou-o.

Segundo os evangelhos, foi pregado à cruz “depois da hora sexta”, ou seja, depois do meio-dia, horário este em que o sol se escurecera. Suspenso na cruz, de imediato passou a sofrer câibras dolorosíssimas, que se transformaram em “tetania” - que no dicionário Aurélio é descrita como: *1. Síndrome que se caracteriza por manifestações neuromusculares*

bruscas, como parestesias das extremidades, dispnéia, dores torácicas ou abdominais, contraturas, em geral, dos membros superiores, embora os inferiores possam também ser comprometidos. Em certos casos, chega a haver perda de consciência.”

A morte sobrevinha por asfixia. Como consta que Jesus morreu à hora nona (15h00), vê-se que essa agonia mortal durou quase três horas.

Horas terríveis, de sofrimento intenso, mas que ainda serviram para demonstrar todo o amor de Deus para conosco, expresso pelas Sete Palavras e atitudes do Filho:

1) *Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem;* 2) *Em verdade te digo: ainda hoje estarás comigo no Paraíso*” (ao malfeitor arrependido, que lendas cristãs dizem que se chamava “Dimas”); 3) *À sua mãe:*

“Senhora, eis aí o teu filho” E a João, *“Eis aí a tua mãe”* (confiando ao discípulo predileto a guarda de Maria - e por extensão, João representava toda a humanidade; 4) *“Eli, Eli, lamá sabachtáni?”* que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes? -

Tininho Santos



frase que havia sido proferida pelo rei David, cerca de mil anos antes (Salmo 21,2); 5) “*Tenho sede*” - Jesus disse isso porque havia uma profecia (cf. Salmo 68,22) de que lhe dariam vinagre e fel, nessa hora, quando pedisse água. E foi o que aconteceu: ao dizer que tinha sede, ofereceram-lhe essa mistura, cumprindo-se então a profecia; 6) “*Tudo está consumado.*” - Tudo o que tinha sido predito nas Escrituras, e toda a Missão dada pelo Pai, haviam sido cumpridos; 7) E dando um grande brado: “*Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.*” Esse forte grito, destacado por três dos evangelistas, mostra que Jesus morria voluntariamente. Com estas sete atitudes, ensinou o perdão até aos inimigos, a mansidão, a paciência, a aceitação da vontade de Deus, a misericórdia divina, a sua bondade, a sua justiça, o juízo particular, a imortalidade, a ressurreição dos mortos, sua onipotência...

Como era uma sexta-feira, e no dia seguinte, sábado, era a grande festa da Páscoa dos Judeus, não se podia deixar corpos de condenados na cruz. José de Arimatéia, um homem rico, membro do Sinédrio judeu, mas discípulo de Jesus, criou coragem - porque era discípulo às ocultas -, e foi pedir a Pilatos que lhe permitisse retirá-lo da cruz. Às pressas, correu ainda a uma loja para comprar uma mortalha e perfumes para sepultamento, e voltou rapidamente ao Gólgota. Como a noite já vinha chegando, e para não infringir as leis todos precisavam se recolher antes que o sol sumisse no poente, o corpo de Jesus foi colocado num túmulo ali próximo, envolto por essa mortalha (“Santo Sudário”), sem que se cumprissem os rituais completos dos judeus em um sepultamento. As mulheres ficaram de voltar ao local ao amanhecer do primeiro dia da semana (domingo), para terminar esses rituais de praxe.





Eram várias as mulheres que, ali próximas, observavam todos esses acontecimentos. Aos pés da cruz, a Mãe, e só um dentre todos os apóstolos, aquele que Jesus mais gostava - João. Maria teve todos os sofrimentos que uma mãe poderia sentir, ao ver o filho tão machucado, tão deformado, ofegante, cheio de dores, numa agonia mortal.

O nome, pelo qual é conhecida nesse momento - *Nossa Senhora das Dores* -, aliado ao fato de ser a Mãe de Deus, Mãe da Igreja, Mãe da Humanidade, nos remete incontavelmente a uma questão teológica, cujos estudos ainda continuam, que seria o papel de Maria como medianeira da Redenção, ou Co-Redentora. É verdade que, até hoje, a Igreja, com a prudência que a caracteriza, evitou proclamar oficialmente o dogma da Co-Re-

denção de Maria, mas a encíclica “Redemptoris Mater” - “A Mãe do Redentor”, de João Paulo II, é um bom e significativo passo nesse sentido. Sabe-se que Cristo é o “*Único Mediador*”, mas o papa diz, entre outras coisas: “*Maria sendo, em virtude da eleição divina, a Mãe do Filho consubstancial ao Pai, generosamente associada à obra da Redenção, tornou-se para nós, na ordem da graça, nossa Mãe.*” A frase “generosamente associada à obra da Redenção”, dita por um papa como João Paulo, teólogo profundo e respeitável, é um desses momentos significativos no avanço daqueles estudos.

Os fiéis, porém, nas suas devoções populares, ao longo de séculos, sempre associaram o papel de Maria na Obra Salvadora de seu Filho, ela que lhe deu corpo, vida, educação, companhia, prestando-lhe contínuos serviços, desde o início e até aos primeiros anos da Igreja, pós Ressurreição e Pentecostes. Por isso, João Paulo II, na mesma encíclica,

continua: *“Após a partida do Filho, sua maternidade permanece na Igreja, como mediação maternal: intercedendo por todos os seus filhos, a Mãe coopera para a ação salvífica do Filho Redentor do mundo.”*

Tininho Santos



Além de Maria, mãe de Jesus, e o apóstolo amado e companheiro, mais algumas pessoas conhecidas do Divino Mestre se encontravam nas proximidades da cruz, em meio a uma grande multidão dentre soldados, escribas, judeus e curiosos de todo o tipo. Já vimos que um dos seguidores era José, natural de Arimatéia, que foi quem tomou todas as providências para o sepultamento de Jesus.

Os evangelistas destacam quatro mulheres presentes no Calvário, três delas com o mesmo nome de Maria: 1) Maria, a Mãe de Jesus; 2) Maria, uma irmã (ou parente) da Mãe de Jesus, casada com Cléofas, pais de Tiago (o Menor) e de um tal José. Há quem afirme que esse Cléofas era irmão de José, esposo de Maria, o pai adotivo de Jesus, razão pela qual era considerada “irmã”. De qualquer forma, fica bem caracterizado que esse apóstolo Tiago era realmente um primo de Jesus (V.pg.53); 3) Maria Madalena; 4) Salomé, mulher de Zebedeu, pais dos apóstolos João, ali presente, e Tiago maior.

Tininho Santos



Embora historicamente possa haver dúvidas quanto à identidade de Maria Madalena - seria aquela pecadora, que ungiu os pés de Jesus e foi por este perdoada? Seria Maria de Magdala, de quem Jesus expulsou sete demônios? Seria a mesma que estava aos pés da cruz e foi a primeira a ver o Ressuscitado e anunciar isso aos apóstolos? - Dúvidas à parte, o fato é que o papa Gregório Magno (+ 604) disse que se tratava da mesma pessoa, incluindo seu nome no calendário litúrgico. O papa João XXIII (+1962), ao tempo da reforma desse calendário gregoriano, confirmou o fato, definindo Santa Maria Madalena como a “penitente” que voltou ao Pai pela Salvação do Filho.

Sua festa é nos dias 22 de Julho.

O altar de Nossa Senhora da Imaculada Conceição fica no lado leste da igreja, onde ainda se acham as imagens de Santa Luzia e Santa Inês. Essa bela imagem de Maria é de 1933.

O fato da Mãe de Jesus ter nascido “*sem mácula*” - daí o seu título de *Imaculada* -, já era aceito pela Igreja desde o princípio, e reconhecido pelos Santos Padres. Mesmo assim, o papa Pio IX decidiu fazer uma ampla consulta junto a todos os bispos do mundo inteiro, sobre a conveniência de se proclamar o dogma da Conceição Imaculada de Maria. Em vista da aprovação unânime, isso foi feito a 8 de dezembro de 1854. Quatro anos depois,

ao aparecer para Santa Bernadette Soubirous, em Lourdes na França, a Mãe de Deus confirmou: “*Eu sou a Imaculada Conceição.*”

E nem poderia mesmo ser de outra forma: Maria, ao ser concebida no seio de sua mãe Ana, foi preservada de todo o pecado, pois um dia se tornaria o Sacrário Vivo do Menino Deus. Na anunciação, Maria foi chamada pelo próprio Deus de “cheia de graça”, através do mensageiro Gabriel.

Ora, essa mensagem salvífica do Criador, infinito em sua Misericórdia para com toda a humanidade, já se manifestara desde o princípio, na figura da mulher que surge como antagonista do mal, simbolizado pela serpente, e lhe esmaga a cabeça (Gen 3,15). Maria aparece como a primeira beneficiária da Salvação Misericordiosa Divina.

A concepção imaculada de Maria é essencial, porque Deus e pecado são incompatí-



Trininho Santos

veis, jamais poderiam estar juntos. Deus é Vida, é Amor, e nunca poderia, em essência, ter a mínima probabilidade de contágio com a Morte, com a ausência de Amor.

Falando-se impropriamente, mas a título de comparação por questões didáticas, dir-se-ia que na concepção de Jesus por Maria (Mistério da Encarnação), por obra do Espírito Santo, “biologicamente” seriam 23 cromossomos da parte do gênero humano unidos a 23 “cromossomos divinos”, fornecidos de forma milagrosa e misteriosa, constituindo-se a partir daí o bebê humano-divino - união perfeita de duas naturezas na única pessoa de Jesus.

Logicamente, nessa íntima união das duas naturezas na pessoa do *Deus Conosco*, não poderia haver qualquer possibilidade de mácula (pecado) na formação do Menino. Fica evidente a beleza do projeto de Deus ao preservar a *escolhida* de todo o pecado, salvando-a por primeiro, desde o princípio.

Maria Imaculada é a Rainha do Universo, simbolizado pela lua aos seus pés, citada no primeiro (Gen 3,15) e no último livro das Sagradas Escrituras (Ap 12,1). O vitral, desse altar, mostra seu Coração Imaculado.

Em nosso país, a Padroeira do Brasil também tem esse título: Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida. Maria tem centenas de títulos, mas o da Imaculada Conceição tem um significado tão profundo e marcante que a data de sua festa, 8 de Dezembro, é Dia Santo de Guarda, por recomendação da Igreja.



Timinho Santos



Santa Luzia, Virgem e Mártir, é uma das santas mais populares do mundo. Sua representação tradicional a mostra com a “palma do martírio” em uma das mãos, enquanto na outra segura um pequeno prato com dois globos oculares. Desde o séc. V seu nome foi inserido na liturgia, e seu culto é antiquíssimo, todo com base em tradições passadas de geração em geração. Naqueles tempos, as Virgens eram meninas consagradas a Deus geralmente desde a infância, viviam mais isoladas, recolhidas em templos, igrejas, e possuidoras de forte fé. Dentre tantas, Luzia, Inês, Ágata, Cecília... É significativo que no altar da Imaculada estejam, portanto, duas Virgens como Luzia e Inês.

Consta que Luzia nasceu em Siracusa, na Sicília (grande ilha ao sul da Itália), cidade esta visitada por

São Paulo, no primeiro século, depois de seu naufrágio em Malta. Luzia teria nascido por volta do ano 280. Pouco se sabe de seus pais. Um dia, sua mãe, que se chamava Eutíquia e lhe dera uma boa formação, sofrendo grave doença, foi levada por Luzia até ao túmulo de Santa Ágata, na Catânia, morta 50 anos antes. Sua mãe se curou nesse momento, e Luzia ali mesmo se consagrou a Deus. De volta a Siracusa, vendeu todo o seu dote e o distribuiu aos pobres. Denunciada como cristã, ao tempo da cruel perseguição de Diocleciano, foi a julgamento. Mesmo sob tortura, não renegou a Fé. E no dia 13 de dezembro de 304, Luzia foi morta. Não consta que lhe tenham arrancado os olhos: é uma lenda popular. A explicação mais usual para o significado dos dois olhos, que tem no pratinho, é que o nome “Lu-

zia”, em italiano, é *Lucia*, ou seja, de “luz”, e os olhos são a luz da alma, e com eles vemos a Luz. “*O olho é a luz do corpo*” (Mt 6,22). E a Igreja a considera a Padroeira dos Olhos, sendo invocada pelos fiéis em geral, e em particular pelos que sofrem doenças nas vistas.

O corpo de Santa Luzia se encontra na Igreja de São Jeremias e Santa Luzia, em Veneza, na Itália, havendo algumas de suas relíquias em sua cidade natal, Siracusa.

Sua festa é aos 13 de dezembro.

Santa Inês, igualmente com a palma do martírio, tem em seus braços um cordeiro, símbolo da pureza e inocência. Todos os anos, nos dias de sua festa, a 21 de janeiro, dois

cordeiros brancos são levados da Igreja de Santa Inês, em Roma, até ao Vaticano e oferecidos ao Papa. É uma antiga tradição, que data do ano 336, pelo papa Marcos. Com a lâ desses cordeiros, são ornamentadas algumas estolas especiais, denominadas “pálio”, oferecidas a bispos em algumas ocasiões. O segundo bispo de Barretos, Dom Antonio Mucciolo, já a recebeu.

Consta, pela tradição, que Inês foi morta quando tinha apenas 12 anos, pura e virginal como um cordeiro, igualmente na perseguição do imperador romano Diocleciano, na mesma época que Luzia. Não há registros históricos sobre a sua curta vida, mas seu nome passou à memória e veneração dos cristãos, tendo seu nome inserido na liturgia pelo papa Gregório Magno.

Tininho Santos



Ao lado direito do altar da Imaculada, está o altar de São Sebastião, onde estão ainda as imagens de Santo Antônio de Pádua e a de Santo Expedito. Foi o último dos quatro altares laterais em mármore a ser sagrado, em agosto de 1937, com missa nele celebrada. Nessa foto, é possível se notar perfeitamente o Sacrário. Como vimos, dentre eles apenas o de N. Sra. Aparecida não o tem.



O vitral apresenta uma coroa de flores, e em seu centro um “T”. Dentre outros significados, esse T se reporta a Ez 9,4, onde o profeta narra simbolicamente a destruição do Templo, sendo poupados, no entanto, todos os que tinham sido marcados com o sinal da redenção, uma *cruz em tau* (no formato de um “T”), ou seja, aqueles que permaneceram fiéis à fé, mesmo caindo em batalha. Foram os casos sobretudo de Sebastião e Expedito.

São Sebastião e Santo Expedito têm histórias parecidas, tanto em relação à parte lendária (que inclui fatos não comprovados ainda historicamente), como à parte verídica, que inclui a existência de ambos, já dada como certa. Trata-se de dois militares das legiões romanas, que viveram no final do séc. III e início do IV, ambos sendo mortos sob o imperador Diocleciano nas violentas perseguições aos cristãos que empreendeu.

A iconografia cristã tradicionalmente representa São Sebastião semi-despido, cravado de flechas fatais. Aos seus pés, um elmo marcando sua profissão, mas nele uma pequena cruz frontal, o que fez a diferença e o levou à morte.

Juntando-se a tradição popular com a sua história narrada por Santo Ambrósio, dois séculos depois, sabe-se que Sebastião nasceu em Milão, ao norte da Itália, e ainda jovem

entrou para a carreira militar, chegando a se tornar amigo pessoal do imperador Diocleciano. Mas Sebastião havia se convertido ao cristianismo, e na verdade era mais amigo do papa, passando a trabalhar decididamente no apostolado junto aos seus colegas de exército, conseguindo também a adesão ao cristianismo de inúmeros soldados. Quando o genro de Diocleciano, de nome Galero, convenceu o sogro de que os cristãos precisavam ser eliminados, pois representavam uma ameaça ao império, começou uma das mais cruéis perseguições movidas contra a Igreja, que duraram até o ano 324. Sebastião foi denunciado, preso, torturado barbaramente, acusado de “traidor” pelo próprio Diocleciano, que ainda insistiu para que o amigo voltasse atrás e queimasse incenso aos deuses pagãos de Roma, mas Sebastião

Tininho Santos



suportou as torturas, preferindo o martírio.

Sua festa é nos dias 20 de janeiro.

Santo Antônio de Pádua é outro dos santos mais populares do mundo. É o Padroeiro de Portugal, tendo nascido em Lisboa em 1195, em família nobre. Chamava-se Fernando, e aos 15 anos, muito inteligente, foi estudar com os agostinianos. Em poucos anos, sua cultura bíblica era tanta, que chegou a ser apelidado de “Arca do Testamento”.

Certo dia, em Lisboa chegaram os corpos de cinco frades franciscanos martirizados no Marrocos. Decidiu ser franciscano, passando a se chamar “Frei Antônio”. Em 1221, seguia rumo ao Marrocos (também queria ser mártir), mas o navio naufragou próximo à Sicília. Com seu superior, foi para Assis, onde conheceu Frei Francisco (futuro “São Francisco de Assis”). Antônio, em seguida, com oratória brilhante, generoso com os pobres e dotado de brilhante cultura, tornou-se missionário

pela Itália, França e outros lugares da Europa. Chegou a fazer milagres em vida. Em 1229, doente, retirou-se para um convento em Pádua, onde morreu aos 13 de junho de 1231, com apenas 36 anos. Sua estada nessa cidade foi tão marcante, que passou a ser conhecido como Antônio de Pádua. Foi nessa cidade que, certo dia, um seu amigo, de nome Tiso, o viu em êxtase, com o Menino Jesus nos braços. Em sua imagem, é retratado com o Menino Jesus ao colo, portando ainda um lírio, atributo da Pureza e Santidade. O papa Gregório IX canonizou Francisco de Assis em 1228, e Antônio de Pádua em 1232. A fama de taumaturgo sobrepujou a inteligência e a cultura de Antônio, que só em 1946 foi proclamado “Doutor da Igreja” por Pio XII.



Trininho Santos



Santo Expedito, tão venerado no Brasil, invocado como Patrono das Causas Urgentíssimas, é também o Padroeiro dos Militares, dos Estudantes e dos Viajantes. Sua imagem o mostra vestido como soldado romano. Os seus pés esmagam um corvo, que grita “crás” - um som imitativo da voz desse pássaro. “Crás”, porém, também é uma palavra latina, que significa “amanhã”. Daí, por exemplo, o verbo “procrastinar” - adiar, transferir para outro dia.

Por isso, na mão direita erguida, Expedito segura uma cruz, onde está escrito “HOJE” - em algumas imagens, também em latim “HODIE”. Simbolicamente, o corvo é prenúncio de desgraça, de morte, mas na lenda de Santo Expedito conta-se que o tentador, sob a forma de um corvo, gritava para que Expedito adi-

asse seus planos de se converter ao cristianismo, mas ele, ao contrário, tomou essa decisão no mesmo dia.

O próprio nome “Expedito” é de difícil explicação por seus hagiógrafos. “Expeditus”, em latim, significa “rápido”, “urgente”, “ligeiro”. Alguns dizem que em seu féretro, foi escrito “expeditus”, que queria dizer “transporte urgente”, mas as freiras que o receberam, em Paris, tomaram-no como o nome do mártir. Outros dizem que o local de seu sepultamento é desconhecido. E há quem diga que esse nome era uma designação de soldados de uma legião que tinha pouco armamento, e portanto se tratava de uma infantaria ligeira.

Santo Expedito foi decapitado em Melitene, na Armênia, em 303, nas perseguições de Diocleciano.

Sua festa anual é aos 19 de Abril.

Santa Cecília, Virgem e Mártir, é a Padroeira dos Músicos, e por isso essa sua imagem (igualmente da década de 30 do séc. passado), que se encontra no coro da igreja, só possível de ser vista por quem até lá puder se dirigir, tem um órgão de tubos aos seus pés. Na mão direita, a palma símbolo do martírio; na esquerda, uma partitura musical.

Consta que essa jovem era de uma família rica, em Roma, mas que convivia com os pobres e participava assiduamente de missas celebradas nas catacumbas ao longo da Via Appia.

Casou-se por obrigação com um pagão de nome Valeriano, mas fez ver a ele que havia prometido ser Virgem consagrada a Deus. O marido, além de respeitar o seu voto, ainda se converteu e também foi martirizado. Cecília, denunciada como cristã, foi decapitada, em torno do ano 230 durante o governo de Alexandre o Severo.

Primeiramente sepultada na cripta dos papas, nas catacumbas de São Calixto, posteriormente seu corpo foi trasladado para a basílica construída em sua honra no bairro Transtevere, em Roma, provavelmente no começo do séc. IV ao fim das perseguições aos cristãos, onde até hoje se encontra. Depois do ano 1500, seu sarcófago foi aberto e seu corpo encontrado milagrosamente em excelente estado de conservação, vestido de um hábito de seda e ouro.

Sua ligação com a música é devido ao fato de constar, segundo a tradição, como compositora de uma “Passio” - Paixão -, além de se dedicar ao canto na liturgia da época.

Sua festa é nos dias 22 de novembro.



Timinho Santos



O coro da igreja, onde está a imagem de Santa Cecília, está situado na parte anterior e superior da catedral, onde, notadamente até à década de 60, ficavam os grupos de canto para as cerimônias litúrgicas. Até àquele tempo, os cânticos eram sobretudo em latim, destacando-se o estilo gregoriano (do papa Gregório I ou Gregório Magno (+ 604), estilo também cognominado “cantochoão”, devido a ser essencialmente monódico, com um ritmo ou ausência de ritmo frisando apenas a acentuação e as divisões das frases. Eram lindas melodias, permitindo aos corais desenvolverem várias vozes, limitando-se os fiéis a ouvir.

Pós-concílio, deu-se preferência a grupos de canto que auxiliassem a assembléia a participar mais efetivamente da liturgia, principalmente nas missas, razão pela qual passaram a se postar mais junto ao povo, geralmente à frente, ou no próprio presbitério. Daí em diante, o canto litúrgico no idioma pátrio se desenvolveu muito mais, tanto que hoje há uma infinidade de belas composições, tocadas e cantadas por um sem número de grupos musicais.

Na estrutura arquitetônica, a frente do coro é encimada por um arco romano, onde consta a inscrição, em maiúsculas e em latim “*TU REX GLORIAE, CHRISTE*” - Tu, ó Cristo, és o Rei da Glória”.

Um outro significativo marco, no centro do coro, é o vitral multi-colorido do Dia do Pentecostes (inaugurado em janeiro de 1934), vitral este que, embora não podendo ser admirado do lado de fora, compõe admiravelmente a fachada da igreja por estar situado em seu ponto central, de modo que permanece de frente para a cidade, que nasceu sob a proteção do Padroeiro dos Barretos, o Divino Espírito Santo, assim como a Igreja nasceu na manhã daquele primeiro dia da semana: *“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E lhes apareceram umas línguas como que de fogo, que se distribuía, e sobre cada um deles pousou uma. E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.”* (Atos 2,1-4)

Jesus voltava, como prometera, para ficar com a Igreja até o final dos tempos (Mt 28,20). O *fogo* simboliza a energia transformadora dos atos do Espírito Santo. João Batista já anunciara o Cristo como *“aquele que batizará com o Espírito Santo e com o fogo”* (Lc 3,16). E da boca de Jesus: *“Vim trazer fogo à terra, e quanto desejaria que já estivesse aceso!”* (Lc 12,49).

Embora nessa pintura o artista tenha preferido colocar à volta da Mãe de Jesus apenas 11 apóstolos, consta no capítulo I dos Atos que Matias já havia sido escolhido para substituir Judas Iscariotes, completando de novo o número dos Doze. Mas é certo que ali



Trininho Santos

estivessem outras pessoas e discípulos. Se o artista não se preocupou em ser preciso quanto ao número de apóstolos, no entanto fez questão de centralizar a cena na presença da Mãe de Deus, demonstrando a força de Maria no nascimento oficial da Igreja, que naquele instante acontecia.

Do coro, tem-se uma visão ampla de toda a igreja, destacando-se o estilo romano de seus arcos. Logo à frente, em um deles, lê-se em letras garrafais

“ESTA É A CASA DE DEUS E A PORTA DO CÉU”.

Tininho Santos



No arco seguinte, o início da “Invocação ao Espírito Santo”. E por fim, no arco do presbitério, a figura central dos Sagrados Corações, ladeada por dois anjos genuflexos.

Ao se ler a frase “Esta é a casa de Deus e a porta do céu”, faz-se de imediato uma associação com o primeiro grande painel do teto da Igreja, - a reprodução de parte do quadro de Rafael “A Transfiguração” -, existente na Pinacoteca Vaticana. Pois essa passagem bíblica conta aquele fato maravilhoso presenciado por Pedro, Tiago e João, que tiveram a ventura de dar uma pequena espiadela no céu, através de uma porta que por um momento se entreabriu. Isso aconteceu num monte chamado Tabor, quando Jesus se transfigurou milagrosamente na presença dos três, tendo ficado seu rosto resplandecente como o sol e suas roupas de uma alvura que nenhum tintureiro conseguiria fazê-las assim tão brancas” (Mc 9). Os três apóstolos experimentaram uma alegria indescritível. Jesus conversou com Moisés e Elias. “Falavam de sua partida que iria se consumir em Jerusalém” (Lc 9,31). “Por um instante, Jesus mostra sua glória divina, confirmando assim a confissão de Pedro. Mostra também que, para entrar na sua glória (Lc 24,26), deve passar pela Cruz em Jerusalém. Moisés e Elias haviam visto a glória de Deus sobre a Montanha; a Lei e os profetas tinham anunciado os sofrimentos do Messias. A Paixão de Jesus é sem dúvida a vontade do Pai: o Filho age como servo de Deus. Uma nuvem os cobre e uma voz do céu diz: “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o (Lc 9,35). A Trindade inteira apareceu: o Pai, na voz; o Filho, no homem; o Espírito, na nuvem clara” (Catecismo da Igreja Católica, 554 e 555).

Rafael Sanzio (1483-1520) pintou “A Transfiguração” no último ano de sua curta vida, no período do classicismo



Trininho Santos



na Alta Renascença, e o quadro reproduzido na catedral barretense por Theodósio Morescalchi, em 1944, é apenas parte do original (foto ao lado), que tem várias outras personagens.

A moldura do quadro da catedral, porém, apresenta diversos símbolos e inscrições, cada um com riquezas de informações que merecem ser destacadas. Em cada um dos seus quatro cantos, por exemplo (V.pg.anterior), foram colocadas pequenas cruzes com motivos da Paixão, todos portanto alusivos ao fato principal do quadro, como vimos. São lanças, martelo, coroa de espinhos, a inscrição INRI ordenada por Pilatos, escada, a esponja com vinagre na ponta de uma vara, etc.

Isso tudo nos faz entender o quanto um artista se esmera no momento de sua arte, a vontade que tem de expressar o que lhe vai na alma, mesmo que as pessoas, em geral, passem ao largo e não consigam ver tudo aquilo que ele quis transmitir. Conta-se que, certa vez, alguém disse a um artista que estava “caprichando” demais em minúsculos detalhes de uma de suas esculturas, que ficaria no cume de uma igreja, a dezenas de metros de altura, e do quê isso adiantaria, se as pessoas nunca poderiam observá-los. Ao que o artista respondeu: “Mas Deus e seus anjos vão ver...”

Nas duas laterais desse mesmo quadro, as frases: “*Se padecemos com Cristo, com Cristo seremos glorificados*”, frase de Paulo aos Romanos (Rm 8,17), e “*Jesus, o mesmo, ontem, hoje e para todo o sempre*” (Heb 13,8). Ambas se harmonizam com o acontecimento do Tabor, que nos ensina: ninguém, nem mesmo o Filho, está dispensado de carregar a cruz de cada dia, para “ser glorificado”. E isso não mudou e nem vai mudar. Jesus é.



A catedral de Barretos, assim, tem três principais divisões no teto de sua nave. Na entrada, a primeira mostra Cristo, o Rei da Glória (arco do coro), em sua manifestação do Tabor, onde a Revelação da necessidade da Paixão, como caminho reservado pelo Pai, é o mesmo caminho que o homem deve trilhar em todos os tempos para chegar à eternidade com Cristo: através da Igreja, a nova Casa de Deus da Nova Aliança, a Porta do Céu que almejamos.



Trininho Santos

Na divisão do meio, o tema é a “*Invocação ao Espírito Santo*”, tradicional oração da Igreja, aqui enfatizada, logicamente, devido ser a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade o Padroeiro da paróquia.

Na terceira parte da nave, já próxima ao presbitério, o grande destaque, no teto, é a representação da Santíssima Trindade, formando assim todo um conjunto harmônico em sua visão artística e temática.

Tininho Santos



Tipos de cruzeiros: 1- Cruz na roda; 2- Cruz grega; 3- Cruz latina, ou Cruz da Paixão; 4- Cruz de Sto. André; 5- Cruz em tau ou Cruz de Sto. Antônio; 6- Cruz em forquilha; 7- Cruz de asa ou Cruz egípcia; 8- Suástica; 9- Cruz de âncora; 10- Cruz de folha; 11- Cruz de muletas; 12- Cruz de Jerusalém; 13- Cruz repetida; 14- Cruz dos patriarcas; 15- Cruz papal; 16- Cruz russa; 17- Cruz joanita ou Cruz de Malta; 18- Cruz-gama; 19- Cruz de pata; 20- Cruz tolosana; 21- Cruz de balão ou Cruz de maçã; 22- Cruz de bolas; 23- Cruz de ramos; 24- Cruz dupla; 25- Cruz de cardeal; 26- Cruz de Tiago; 27- Cruz de gancho; 28- Monograma de Cristo; 29- Símbolo da Trindade.

A oração da “Invocação” começa assim: “*Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.*” Nos quatro arcos do meio da nave, essa oração foi dividida em quatro frases:

a) *VINDE ESPÍRITO SANTO*, está no arco norte.



Trincho Santos

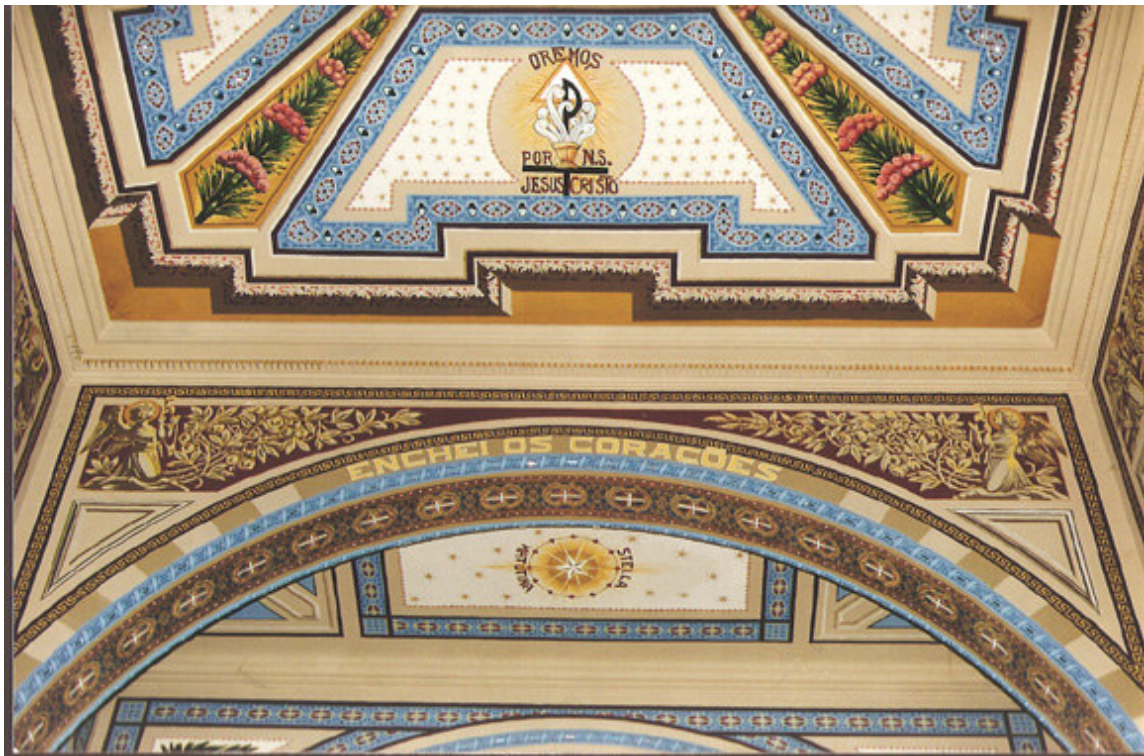
Não são todas as pessoas que notam dois anjos genuflexos, um de cada lado, em meio às folhagens que decoram as paredes em cima desses arcos. É bem visível, porém, uma outra prece colocada no teto, no mesmo lado norte: “*Vinde, Santificador, abençoai este sacrifício*”, sob o símbolo do Espírito Santo rodeado por pequenas línguas de fogo.

Esta oração se refere àquela existente momentos antes da Consagração, nas missas, em que se pede ao Pai que envie o Espírito Santo.



b) *ENCHEI OS CORAÇÕES*, a segunda frase, no arco do lado leste:

Timinho Santos



Aqui, a pintura no teto mostra um monograma de Cristo (uma cruz - estilizando as duas letras gregas iniciais de “Cristo” - X equivalente ao C com pronúncia de “qui”, e a letra “Ro” que parece um “P” mas é “R”). Sobre esse monograma, o triângulo símbolo da Trindade.

A recomendação “Oremos por N.S. Jesus Cristo” faz referência à promessa de Jesus, que disse “*e tudo o que pedires ao meu Pai em meu nome, eu o farei*” (Joa 14,13). Se, portanto, estamos pedindo ao Pai que nos “encha os corações com o fogo do vosso amor”, que essa prece também seja feita em nome de Jesus.

c) *DOS VOSSOS FIÉIS E ACENDEI* - no arco do lado sul, na parte central da nave:



Trininho Santos

O detalhe, nesse lado, é a primeira frase do Símbolo dos Apóstolos, também conhecido como “Creio” ou “Credo” (em latim). Fica bem clara, aqui, a intenção de se manter o tema da “Santíssima Trindade”, presente em toda a igreja. A “Invocação” é direta ao padroeiro Espírito Santo, mas a fé na Trindade é inquestionável.

No desenho, três círculos formam um triângulo. O círculo significa a perfeição. Cada pessoa da Trindade é perfeita. O triângulo equilátero é uma comparação: assim como ele tem três ângulos iguais, mas é um só triângulo, Deus é um só, em três pessoas, totalmente iguais em seus atributos infinitos. Aqui, a nuvem simboliza o Pai, a cruz o Filho, e o fogo o Espírito Santo.

O “Creio” sempre é professado em todas as Missas.



d) *O FOGO DO VOSSO AMOR* - no arco do lado oeste:

Tminho Santos



O monograma de Cristo aqui se repete, dessa vez unido aos símbolos eucarísticos do pão e do vinho, fechando a “Invocação” com duas frases de Jesus: “*Tomai e comei*” (Mt 26,26) e “*Eu sou a videira, vós as varas*”. Não basta invocar “Senhor, Senhor”, é preciso produzir frutos. E quem não se alimenta de sua carne e de seu sangue, não tem vida, não pode produzir frutos, fica sem ação, como um galho arrancado de uma árvore, que deixa de receber a seiva vital, seca e morre, e está condenado ao fogo. “*Eu sou a videira; vós sois as varas. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.*” (Joa 15,5)



No teto da nave, próximo ao presbitério, desde 1945 o quadro da Santíssima Trindade encanta todos quantos o admiram. A representação é clássica, com o Filho empunhando a Cruz - “sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso”, e o símbolo do Espírito Santo compondo um triângulo, e, no centro das três figuras, o globo terrestre, símbolo da criação. O quadro mostra a Majestade de Deus na Glória do Filho.

Ao sul desse quadro, há símbolos eucarísticos. À frente, no sentido do presbitério, a imagem do *Cordeiro de Deus*. Note-se que a “bandeira da vitória”, que já vimos ser um atributo do Cristo Ressuscitado (V.pg.40), o é também do *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (Joa 1,29).

O mistério da Santíssima Trindade é um dogma de fé. “É o mistério de Deus em si mesmo. É,

portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na hierarquia das verdades de fé. Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado” (Catecismo da Igreja Católica, 232ss).

Na vivência cristã hodierna, a mensagem que se prefere passar à humanidade é a de um Deus mais “Todo-Amoroso” que um “Todo-Poderoso” observador das ações humanas sempre pronto a castigar... Jesus, na docilidade de seus ensinamentos, sempre procurou ressaltar que Deus é tão bom e misericordioso, que podemos até chamá-lo carinhosamente



Trininho Santos

de “*Abba*”, que quer dizer “Pai” (Gl 4,6). Ora, poder chamar a Deus de “Pai Nosso que estás nos céus” poderia ser considerado até uma audácia do ser humano, caso o Filho não nos estivesse Ele mesmo nos ensinando a proceder assim.

A inscrição do início da segunda parte da Oração do Senhor, do lado direito do quadro da Santíssima Trindade, complementa essa visão do Deus Todo-Amoroso, tão conhecedor das nossas necessidades que até os cabelos de nossas cabeças estão contados (Mt 10,30).

Mesmo assim, somos convidados a Lhe pedir o pão nosso de cada dia, certos de que nada do que é importante nos faltará. Afinal, somos filhos adotivos, e valemos muito mais do que as aves dos céus e os lírios dos campos (Lc 12).

Essa honra de podermos ser “filhos” nos deve levar a duas atitudes:

a) termos o desejo e a vontade de nos assemelharmos a Ele - “*Sede perfeitos como o Pai é perfeito*” (Mt 5,48).

b) e a cultivarmos um coração humilde e confiante, porque é aos pequeninos que Deus se revela (Mt 11,25). Por isso, do lado esquerdo desse quadro encontramos a expressão latina, dita pelo centurião romano -



“*Domine, non sum dignus*” “*Senhor, eu não sou digno*” (Mt 8,8). Esse oficial do império romano tinha poder, a autoridade de seu cargo, diversos subordinados, bom salário e outras vantagens... e ao mesmo tempo humildade, nada se considerando diante do verdadeiro “Senhor”... E confiança: “basta dizer uma só palavra, daqui mesmo onde estamos, e o meu servo será curado” - como de fato aconteceu.

O homem chega à Humildade ao considerar a Majestade de Deus e a fragilidade das coisas terrenas.





Finalmente, o último arco, diante do presbitério, apresenta como que um *coroamento* da temática dos Sagrados Corações abordada por toda a igreja, colocados em destaque bem no alto, no ponto central, ladeados por dois anjos genuflexos.

Vimos que os pedidos de Jesus e Maria, - através de aparições a pessoas escolhidas por sua humildade e piedade - de que seus Sagrados Corações sejam honrados por todo o mundo, começaram principalmente a partir do séc. XVII (V.pg.87), e ganharam força no século passado, a partir de Fátima.

Eis, contudo, que surgiu um fato novo, em 1985, quando o papa João Paulo II começou incentivar os fiéis à prática de uma nova devoção: a “**Devoção aos Dois Corações**”. E aí concluímos o quanto a ca-

tedral barretense continua “atualizada”, ao apresentar por toda a parte aos fiéis essa **Aliança dos dois Sagrados Corações**, desde 1945.

Doutrinariamente, sabemos pela Revelação:

- a) o Coração de Jesus existe porque Maria disse um SIM a Deus, que veio do fundo do seu Puríssimo Coração;
- b) o Coração de Jesus foi feito com a mesma carne do Coração de Maria; assim, as propriedades humanas desses Dois Corações são iguais;
- c) o Coração de Jesus foi nutrido pelo Sangue do Coração de Maria, sua Mãe Santíssima;

d) o Sangue, que Jesus jorrou da cruz, promana do mesmo Sangue que circulou no Coração de sua Mãe;

e) o Coração maternal de Maria sempre cuidou carinhosamente do Coração de Jesus, da gravidez à Cruz;

f) no céu, o Imaculado Coração de Maria continua unido ao Sagrado Coração de Jesus.

O presbitério, em semi-círculo se projetando rumo à cúpula, apresenta três divisões bem definidas: o local do altar propriamente dito; a parede intermediária entre o presbitério e a cúpula; e, finalmente, a própria cúpula.

Originalmente, o presbitério era cercado por uma divisória, denominada “Mesa da Comunhão”, da mesma forma como ocorria em todas as igrejas e capelas em todo o mundo. Naquela época, só era permitido aos fiéis receber a Santa Eucaristia diretamente na boca. Os fiéis se aproximavam, ajoelhavam-se no degrau superior próximo a essa “Mesa”, e aguardavam o sacerdote que ia de um lado a outro distribuindo a Eucaristia. Esse padre sempre era acompanhado por um “coroíña” vestido de uma batina vermelha e com sobrepeliz, portando o “pratinho da comunhão”, peça prateada ou dourada que tinha a função de evitar a queda de partículas da hóstia consagrada.

Até meados de 1934, a “Mesa da Comunhão” era em madeira, quando foi substituída por outra em mármore (foto acima), com uma portinhola em ferro no centro. Em 1973, foi retirada junto com o altar-mor, na adaptação às novas disposições litúrgicas conciliares. Na parede de fundo do presbitério, substituindo o altar-mor, foi fixada uma grande imagem do Cristo Crucificado, que aí ficou até 1998, quando também foi retirada, e cedida para o Centro Comunitário Santo Antônio, no bairro Christiano Carvalho. Na reforma de 98, essa parede, que tinha desenhos de cortinas, ganhou os Quadros dos Sete Dons.



José Paulo Lombardi

Foto de uma 1ª Comunhão realizada aos 04/11/1956

O canto frontal do presbitério, lado oeste, foi o escolhido em 1998 para a colocação da Pia Batismal, que estava do mesmo lado, mas no fundo do presbitério desde a década de 80. Originalmente, se localizava na entrada da igreja, onde hoje estão os Jazigos (V.pg.43)



Trininho Santos

Por essa Pia Batismal, que tem o tampo todo trabalhado com aduelas decorativas - instalada e abençoada em novembro de 1921 -, milhares de barretenses já receberam a Graça do Sacramento de Iniciação à Vida Cristã.

O Batismo é o primeiro dos 7 Sacramentos, fundamental e necessário, tão importante que o próprio Ungido de Deus (Cristo) quis dar o exemplo, deixando-se ser batizado por João. E ao término de sua Missão na Terra, passou essa missão aos apóstolos: *“Ide, ensinai a todas as nações, batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”* (Mt 28, 19).

Longe, pois, de se tornar meramente um ato social, ou por qualquer outra conveniência terrena, mister se faz saber que a água do Batismo lava todo o pecado, porque o batizando é mergulhado nas profundezas da morte com Cristo mas nasce com Ele Ressuscitado, como *“nova criatura”* (2Cor 9,17). Portanto, um ato sagrado, porque lhe abre as portas do céu, transforma esse novo cristão em filho de Deus, dá-lhe o Espírito Santo, torna-o membro da Igreja e participante de sua missão. Só após passar por essa Porta é que se pode ir rumo aos demais Sacramentos. Sem esse novo nascimento, pela água e pelo Espírito, *“ninguém pode entrar no Reino de Deus”* (Joa 3,5).

A imagem de São Pedro, “Príncipe dos Apóstolos”, primeiro Papa, líder dos discípulos e dos primeiros cristãos, está em destaque nessa coluna à frente do presbitério.

Obviamente, é uma imagem toda simbólica, demonstrando mais o Primado de Pedro e sua Dignidade no Governo da Igreja: capa, luvas, estola sacerdotal, e a Tiara - uma Mitra com a Tríplice Coroa, cada uma representando respectivamente o Magistério Doutrinal, o Sacerdócio, e a Realeza Pontifícia. Além disso, tem na mão esquerda “a chave” do Reino dos Céus, e por isso popularmente se diz que é São Pedro que toma conta da porta do céu.

Mas claro que não é isso o que significa. Jesus outorgou à Igreja, que Pedro na ocasião representava, o poder de ligar e desligar as relações humanas para com Deus. Mudou-lhe o nome de Simão para “Kefas”, que quer dizer “Pedra”: *“Eu te declaro: Tu és Pedra, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra Ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que ligares na Terra, será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra, será desligado nos céus.”* (Mt 16,18-19). Depois da Ressurreição, Jesus confirmou essa autoridade, que sempre foi reconhecida pelos demais apóstolos,

pelos discípulos e pelos milhares de cristãos que passaram a seguir a doutrina evangélica desde então.

Consta que Pedro, nos anos 40 do primeiro século, já seguiu para a capital do império, Roma, onde ficou por mais de 20 anos, até ser morto numa cruz, de cabeça para baixo, por



Trininho Santos

não se sentir digno de morrer como o seu Divino Mestre. Seu túmulo ainda está no mesmo local onde foi originariamente sepultado, e sobre essas sagradas relíquias se ergue o Altar da Basílica de São Pedro, no Vaticano, sede mundial do catolicismo.

São Paulo, o Apóstolo dos Gentios, morto à espada no mesmo dia do martírio de

Timinho Santos



Pedro, também em Roma, não conviveu com Jesus em sua vida terrena, mas teve visões do Mestre, a começar do episódio de sua conversão, em que a Luz causou-lhe uma cegueira, curada posteriormente por Ananias (Atos 9,12).

Esta sua imagem está na coluna do presbitério, lado leste, e como as demais é datada dos anos 30 do século passado.

Paulo foi o incansável viajante e pregador do evangelho por grandes regiões da Europa, fundando comunidades e as incentivando a permanecerem fiéis à doutrina que lhes transmitira.

Sublime, no entanto, é a teologia paulina, expressa maravilhosamente pelas quatorze cartas (epístolas) que escreveu, contidas no Novo Testamento, e simbolizadas aqui pelo livro que segura em sua mão esquerda.

“É impossível resumir tudo o que São Paulo fez em favor do

cristianismo em todos os tempos. Uns o apresentam como o maior promotor da liberdade do cristianismo. Outros, como autor da síntese mais completa do mistério de Cristo. E ninguém consegue resumir a grandeza e a sublimidade de sua pessoa.” (Cardeal Arns).

A pintura de sete quadros relativos aos Sete Dons do Espírito Santo, ao fundo do presbitério, foi uma feliz iniciativa promovida na última restauração, praticamente completando a temática em torno do Padroeiro da paróquia, de Barretos e da diocese.

Os quadros, de autoria de Perozzi e Ceperó, apresentam na sua parte superior um motivo comum a todos: o Fogo do Espírito do Senhor, todo envolto em Luz, se espalha em Sete Raios brilhantes em direção à humanidade. A partir daí, em cada quadro, seguem-se outros motivos, ricos em simbologia em torno de cada um dos Sete Dons.

Timinho Santos



A tradição catequética é enumerar esses Sete Dons na seguinte seqüência: Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Fortaleza, Piedade e Temor de Deus.

Na catedral, a sua disposição ficou assim:

- no centro, em um quadro maior, a Sabedoria;
- no lado oeste, Fortaleza, Conselho, Entendimento.
- do outro lado, Ciência, Piedade e Temor de Deus.

Vejamos um a um, da esquerda para a direita:



1) *FORTALEZA* - símbolos: torre, escudo com cruz, espada, âncora e palma.

Por esse Dom, recebido do Espírito Santo, o homem se *fortalece*. As imagens do escudo e da espada mostram que o cristão deve ter força e coragem para as lutas do dia-a-dia, e, se necessário, estar disposto a doar a própria vida - palma do martírio - em defesa dos valores cristãos, na esperança da Salvação eterna. Desde a catequese, aprendemos: o Sacramento da Crisma nos faz “soldados de Cristo”.

A âncora passou a significar, para os cristãos, a segurança

que devemos ter nas promessas de Deus, “*nosso único refúgio em alcançar a esperança proposta. Esperança esta que seguramos qual âncora firme e sólida da nossa alma, e que penetra até além do véu no Santuário onde Jesus entrou por nós como precursor e Pontífice eterno, segundo a ordem de Melquisedec.*” (Heb 6,18ss)

2) **CONSELHO** - símbolos: ampulheta (relógio de areia), lamparina de óleo.

O Dom do Conselho faz-nos conhecer, nas situações difíceis, o que é conforme com a vontade de Deus. *“Não vos preocupeis com o que haveis de responder para a vossa defesa, porque o Espírito Santo vos inspirará naquela hora o que haveis dizer.”* (Lc 12,12).

A ampulheta nos lembra de imediato como é fundamental descobrir logo qual é essa vontade divina, o sentido da vida, que é curta a nossa passagem pela terra. E a imagem da lamparina se associa à luz que se acende na alma, por esse Dom, iluminando as trevas e permitindo que o cristão não só vislumbre o caminho da retidão, mas inclusive seja luz para os demais caminantes. Também se recorda o ensinamento de Cristo sobre a virtude da Prudência, na parábola das virgens prudentes e das insensatas (Mt 25), quando estas não tiveram o cuidado de ter óleo suficiente para suas lâmpadas, e ficaram sem o Esposo.



Trincho Santos

3) *ENTENDIMENTO* - símbolos: as duas Tábuas da Lei e a Sarça Ardente.

O Dom do Entendimento faz-nos distinguir a verdadeira doutrina revelada de qualquer outra e torna-nos capazes de a defender com brilhantismo. Por esse Dom, também chamado de INTELIGÊNCIA, as faculdades intelectuais são iluminadas a tal ponto que se consegue ter uma profunda convicção sobre essa doutrina, sobre os mandamentos do Senhor, já inscritos desde o princípio no coração dos homens.

A “sarça ardente” é a passagem bíblica (Ex 3) do encontro, no Monte Horeb, de Moisés com Deus, que o escolhera como libertador do povo israelita da escravidão do Egito. Posteriormente, no Monte Sinai, Deus lhe passou os Dez Mandamentos (Ex 19).

Tininho Santos





4) **SABEDORIA** - símbolos: Sagradas Escrituras, barca, círio pascal, turíbulo.

Esse Dom nos permite descobrir o verdadeiro sentido da vida, ao reconhecer Deus como o Supremo Bem a ser buscado incessantemente. As Sagradas Escrituras, mais que simples símbolo, é a própria Palavra de Deus dirigida aos homens de todos os tempos. É a Revelação culminada com o Filho (círio pascal), Luz da Luz, Palavra-Viva, Palavra-Encarnada, a conduzir a Igreja (barca) pelos mares da vida, e consequentemente a nós todos, membros desse Corpo Místico de Cristo (1Cor 12), através do Amor a Deus (turíbulo) sobre todas as coisas.

“Feliz o homem que encontrou a Sabedoria, daquele que adquiriu o Entendimento, porque vale mais que a prata, e seus frutos valem mais que o fino ouro.” (Prov 3,13-14).

5) **CIÊNCIA** -
símbolos: livros, globo
escolar, chama do
conhecimento, tubo de
ensaio, coroa de louros.

Pelo Dom da Ciência das coisas celestiais, nem é preciso se ter estudos para compreender a doutrina, a mensagem evangélica. São inumeráveis os exemplos de santidade, que mesmo analfabetos passaram verdadeiras aulas de doutrina e práxis até a sábios doutores e estudiosos da Lei. Os próprios Apóstolos, alguns semi-analfabetos e medrosos, ganharam coragem e uma ciência clara dos desígnios divinos no Pentecostes, ao receberem os Dons do Espírito Santo, assim como se chega à ciência terrestre nos livros, em salas de aula ou em laboratórios.

Não se quer dizer que as ciências humanas sejam dispensáveis: *“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes omitido o que há de mais importante na lei, a saber, a justiça, a misericórdia e a fé; estas coisas, porém, devíeis fazer, sem omitir aquelas.”* (Mt 23,23)





6) **PIEDADE** - símbolos: mãos em prece, terço, trigo, uvas.

O Dom da Piedade nos leva a amar e honrar a Deus cada vez mais, à medida que O vamos conhecendo e descobrindo seu grande Projeto de Amor estabelecido para a humanidade.

Uma pessoa se santifica quando ela se dispõe a ficar tão unida a Deus que nada mais quererá fazer que não seja de Sua Vontade. Ou melhor: quando ela se propõe a praticar essa Vontade em todo os minutos de sua vida. *“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.”* (Mt 7,21).

E qual é a vontade do Pai? - É que o amemos sobre todas as coisas, e ao próximo como nos amamos: *“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me*

ama. E aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele.” (Joa 14,21). Uma pessoa, com o Dom da Piedade, descobre enfim que só cumprirá essa Vontade através de Oração e Ação. Assim: **OrAção**.

A Eucaristia é fundamental, como sabemos e já vimos (V.pg.118). Diversas outras práticas cristãs, ainda, nos ajudam a nos mantermos permanentemente ligados a Deus.

Uma das mais belas devoções é a do Santo Rosário, recomendado pela própria Mãe de Deus a São Domingos (1170-1221). Fácil e simples até para as crianças, o Rosário, “um pequeno evangelho”, segundo Pio IX, é uma coroa de 150 rosas (“Ave-Marias”) que se oferece a Nossa Senhora, enquanto se medita nas principais passagens da vida de Cristo, desde a Anunciação até à gloriosa recepção de Maria nos céus pela Trindade.

Divide-se o rosário em três partes, por isso denominados “Terços”, que podem ser recitados separadamente. De início, após a declaração de intenções pelas quais se fará essa Oração - dentre todas, deve-se sempre rezar pelas intenções do Sumo Pontífice, da Igreja e pela salvação dos pecadores que tanto ultrajam a Deus -, recita-se o “Creio”. Em seguida, reza-se três Ave-Marias, com a intenção específica de se conseguir a intercessão de Maria junto ao Pai, para que nos aumente cada vez mais nossa Fé, Esperança e Caridade. É bom lembrarmos que Jesus nos ensinou que devemos pedir ao Pai coisas importantes - “*Buscai primeiro o Reino de Deus e sua Justiça*” (Mt 6,33) -, e nada mais importante que termos, em abundância, Fé - Esperança e Caridade.

Feita essa introdução, passa-se à meditação dos quinze “Mistérios”, no caso de se recitar todo o Rosário, ou dos cinco “Mistérios” do terço do dia - palavra que nos recorda que todo o Mistério da Redenção é de fato incompreensível pela nossa tão limitada inteligência. Mas sabemos se tratar de um infinito Mistério de Amor. Cada dezena de Ave-Marias é principiada pela oração ensinada por Jesus, o “Pai-Nosso”.

a) no primeiro terço do Rosário se meditam os “Mistérios Gozosos” - de “gozo - alegria”, porque tem seu ponto central na alegria da humanidade em ter finalmente “Deus Conosco” - Jesus de Nazaré. Em cada uma das cinco dezenas de “ave-marias”, medita-se sequencialmente: 1) na Encarnação de Jesus no seio da Virgem, em anúncio feito por Deus a Maria pelo anjo Gabriel; 2) na Visitação de Maria à sua prima Isabel; 3) no nascimento de Jesus em Belém; 4) na apresentação de Jesus por seus pais no Templo; e 5) na presença de Jesus no Templo, quando tinha 12 anos, em meio aos Doutores da Lei.

b) da mesma forma se procede no segundo “Terço”, com o nome de “Mistérios Dolorosos”, que tem esse nome pela Dor sofrida pelo Filho, e por sua Mãe: 1) Agonia e Prisão de Jesus no Monte das Oliveiras; 2) A flagelação; 3) A coroação de espinhos; 4) A condenação e o caminho para o Calvário; e 5) Crucificação, Morte e Sepultamento de Jesus.

c) no terceiro “Terço”, os “Gloriosos” - Glória da Vitória: 1) a Ressurreição; 2) A Ascensão: Jesus, Homem-Deus, à direita do Pai; 3) Pentecostes: a vinda do Espírito Santo; 4) A dormição de Maria e Assunção aos céus; 5) a recepção à Mãe de Deus nos céus, coroada Rainha do Universo.

Ao final de cada dezena de Ave-Marias, rezam-se “jaculatórias” (curtas orações), precedidas pela saudação “Glória ao Pai”, tão conhecidas dos fiéis. Uma delas - “Ó meu Jesus, perdoai-nos, levai as almas todas para o céu, socorrei principalmente aquelas que mais precisarem” foi ensinada por Nossa Senhora de Fátima à irmã Lúcia.

Ao fim de cada “Terço”, saúda-se especialmente a Mãe de Deus com uma “Salve, Rainha”, oração hoje muito popular, de autoria de um devoto beneditino do séc. XI. As últimas palavras: “*Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!*”, foram acrescentadas por São Bernardo (1090-1153).

De um modo geral, estimulando todos à prática da devoção ao Rosário, a Igreja sugere que os “Mistérios Gozosos” sejam recitados às segundas e quintas-feiras; os

“Dolorosos”, às terças e quintas; e os “Gloriosos”, às quartas, sábados e domingos.

Outra prática que todos devemos cultivar é a de visitar amiúde Jesus no Sacrário.

Qualquer cristão, enfim, no exercício do Dom da Piedade, acaba por chegar à plenitude da união com Deus, quando puder dizer como o Apóstolo: *“Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim”* (Gal 2,20).

7) *TEMOR DE DEUS* - símbolos: balança com coração e pena, espinhos.

O sétimo Dom do Espírito Santo faz com que tenhamos receio de ofender a Deus, de tanto que Ele nos ama e pelo tanto que O amamos. Este sentimento é bem diferente daquele em que a pessoa tem medo de Deus, medo de ser castigado por Ele.

Timinho Santos

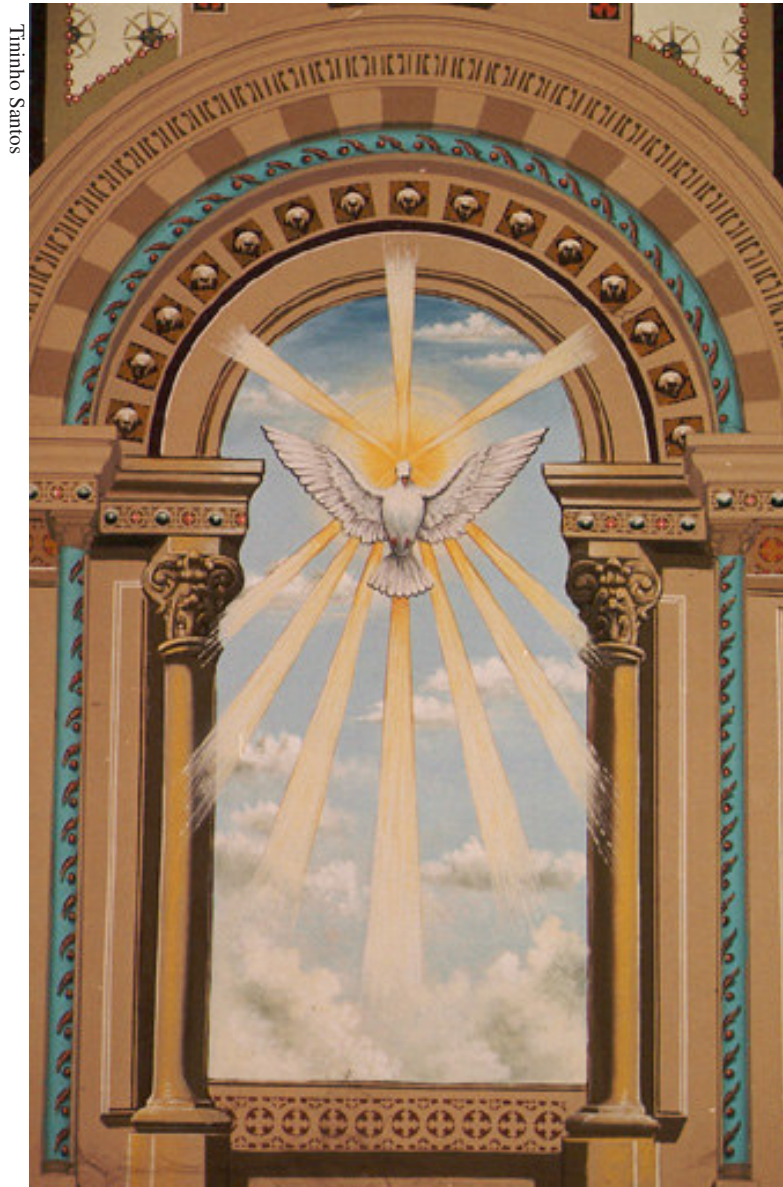


Sabemos que muitas pessoas deixam de fazer coisas erradas, por vergonha ou com medo de serem descobertas pelos outros, pelas autoridades. Assim, não o fazem não por convicção, mas simplesmente por medo mesmo. E é muito triste que cristãos assim procedam, ou seja, deixem de pecar por medo dos castigos de Deus...

Nosso Temor a Deus não deve ser servil, mas **filial** (Rom 8,15). Temer menos o ser castigado do que ofendê-Lo. Quem ainda não consegue agir assim, siga, então, o ensinamento de Sto. Agostinho, que diz: “É necessário fazer, por temor do castigo, o que ainda se não faz por amor”.

A vida não é fácil, é cheia de obstáculos, de espinhos e da cruz de cada dia (Mt 16,24), de perseguições e opressão por parte dos que têm poder (Mc 10,42). Deus é Justo, e só Ele conhece a história completa de

cada um. No final dos tempos de cada um de nós, seremos, sim, julgados. Nosso “coração”-nosso eu, o que somos, e não o que temos - será colocado na balança. Se tivermos esse coração “puro”, isento de pecados, repleto de Amor a Deus, estará leve como uma pena, pronto para viver a eternidade na Casa do Pai, que tem muitas moradas (Joa 14,2). O Temor a Deus nos guia, pois, rumo à Perfeição.



No centro do presbitério, ao alto, sobre os quadros dos Sete Dons, está o símbolo do Espírito Santo -a pomba -, do qual se espalham Sete Raios. Sobre ele, outros Três Raios,

simbolizando a presença da Trindade no Espírito Santo, pois em cada Pessoa, - no Pai, no Filho e no Espírito Santo - a Trindade sempre está presente.

A arte sacra cristã elegeu, desde os primórdios, a pomba como símbolo e representação do Espírito Santo, principalmente devido às narrativas dos quatro evangelistas sobre o Espírito Santo ter descido sobre Jesus, no Jordão, no momento de seu batismo, na forma de uma pomba. Também se refere ao Espírito de Deus que pairava sobre as águas, na Criação (Gen 1), lembrando o pairar dos pássaros nos ares; e à pomba solta por Noé, ao fim do dilúvio, que voltou com um ramo verde de oliveira em seu bico (Gen 8,11), anunciando a Paz de Deus com os homens, a nova criação, símbolo profético da Parusia e da nova ordem na Terra, no final dos tempos.

O Espírito Santo, terceira pessoa da Sma. Trindade, é o Amor Infinito entre o Pai e o Filho (*procede do Pai e do Filho*), é o **amor recíproco** entre ambos. Com os mesmos atributos divinos, sem princípio nem fim, esse Amor Abrasador é a energia do universo, é a Vida. Sem ele, sequer existiríamos. O Pai é Amor, o Filho é Amor, o Espírito Santo é Amor, Deus é todo Amor, e por isso existimos: por Amor (por Deus).

Esse AMOR INFINITO se transformou num projeto de Bondade Infinita: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*” (Gen 1,26). Uma “pessoa-amor” é tudo o que Deus quer de cada um de nós. Pelo projeto original de Deus, cada pessoa deveria agir assim, exercendo esse Amor em cada minuto de sua vida. Seria maravilhoso, seria o céu já na terra, o paraíso terrestre. Mas, a “imagem e semelhança” incluem “vontade e liberdade”, que o ser humano também ganhou, e não sabe usar. O amor se transforma em desamor, em desordem...



Tininho Santos

De cada lado do símbolo do Espírito Santo, temos, da esquerda para a direita, os quatro grandes Doutores da Igreja: São Tomás de Aquino, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo.

Tomás de Aquino (1225-1274), nessa imagem é retratado com um pergaminho e pena de escrita nas mãos, significando os livros que escreveu. O nome de um dentre os mais famosos, “Summa Theologiæ”, aparece aqui parcialmente.

Nascido na Itália, de família nobre, entrou para a ordem dos dominicanos aos 19 anos, chegando até a ser raptado por familiares, que se opunham à sua idéia de se tornar frade. Não houve jeito de que desistisse da idéia. Gordo e circunspecto, acabou ganhando

um apelido de seus colegas: “boi mudo”. (Santo) Alberto Magno, seu professor, que já vislumbrara o seu potencial, pela sua brilhante inteligência, comentou brincando: “Boi mudo, sim, mas quando mugir, o mundo inteiro o ouvirá.” Não deu outra: seus ensinamentos filosóficos e teológicos são tão profundos, que o “tomismo” é estudo obrigatório até os dias de hoje, com profunda influência desde o seu tempo e chega a ser considerado a doutrina oficial da Igreja.

Foi canonizado por João XXII em 1323, e declarado Doutor da Igreja (título limitado aos máximos expoentes do saber e de santidade) em 1567, por Pio V.

Sua festa é nos dias 28 de janeiro.

Timinho Santos



Santo Ambrósio (340?-397), bispo e Doutor da Igreja, está aqui vestido com roupas episcopais, com o cajado (símbolo do pastor) e com um livro, que demonstra sua cultura: advogado, teólogo, exímio no grego e no latim, músico e compositor - até hoje ainda existe a liturgia ambrosiana, com cânticos intercalados de salmos e outros hinos -, administrador competente, poeta, orador brilhante, defensor intransigente do bispo de Roma, é um dos mais notáveis padres e doutores da Igreja. Aos 30 anos, foi nomeado prefeito de Milão. Interessou-se pelo cristianismo, tornando-se catecúmeno. Em 374, nem ainda fora batizado, quando foi, de surpresa, nomeado bispo dessa cidade, para substituir o que acabava de morrer. Por isso, a imagem da Catedral de Milão ao seu lado. Muitos queriam esse cargo, menos ele. Conta-se que, de repente, uma criança que ainda não aprendera a falar, começou a gritar: “Ambrósio Bispo! Ambrósio Bispo!”. O povo, vendo aí um sinal de Deus, também passou a gritar assim. Foi então batizado, e na semana seguinte recebeu as Ordens Sacras. Rico, doou todos os seus bens para os pobres. Com sua influência política, autoridade, administração e vida exemplar, Ambrósio foi por muitos considerado um segundo papa. Fez até imperadores romanos respeitarem mais a Igreja.

Dono de um estilo de pregação fora do comum, Ambrósio esmiuçava a Palavra de Deus, e movia corações. Um deles foi o de Agostinho (próxima pg.), que acabou por se converter, sendo batizado pelo próprio Ambrósio.

Sua festa é nos dias 7 de dezembro.



Timinho Santos



Santo Aurélio Agostinho (354-430), o famoso Bispo de Hipona, no norte da África, nasceu nessa região, na Numídia, filho de um pagão, Patrício, e de (Santa) Mônica. Aos 20 anos, já era pai de um menino, Adeodato, que tivera com uma concubina. Ele mesmo contará mais tarde, em sua *Confissões*, os seus pecados da juventude, e as orações de sua santa mãe pela sua conversão. Em Cartago, ali próxima, formou-se em Retórica, e foi tentar ser professor em Roma, quando tinha 29 anos. Em 384, foi para Milão, onde Ambrósio era bispo e de quem recebeu enorme influência. Estava angustiado por problemas pessoais, ansioso por novos conhecimentos da

Doutrina Cristã, quando, em visão, uma criança o aconselhava que lesse o que tinha nas mãos: eram os dois últimos versículos do cap. 14 da carta de Paulo aos Romanos: “*Caminhemos honestamente, como de dia: não em orgias e em bebedeiras; não em desonestidades e dissoluções, não em contendas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos preocupeis com a carne para satisfazer os seus desejos.*” Converteu-se, foi batizado por Ambrósio em 387, e finalmente encontrou a paz de espírito. Autor de célebres frases, é dele: “Meu coração está inquieto, Senhor, enquanto não repousar em Ti” - como nessa imagem, em que seu coração ardente repousa sobre a Sagrada Escritura, que foi decisiva no seu processo de conversão.

Penitente, com um afilhado e o filho, voltou para a África em 396, onde foi sagrado padre, e logo depois tornou-se Bispo de Hipona, pequena cidade à margem do Mediterrâneo. Uma das lendas mais conhecidas, a seu respeito, é a célebre aparição de um menino, quando

Agostinho se encontrava, certa vez, à beira-mar, meditando sobre o Mistério da Santíssima Trindade. O garoto ia várias vezes até às águas, recolhia em um pequeno recipiente uma porção, voltava à areia e a despejava em um buraquinho que ali havia cavado. “O que você está fazendo?”, perguntou-lhe Agostinho. “Vou colocar toda a água do mar aqui”, ouviu como resposta. “Mas você não vê que isso é impossível?”, questionou o santo. “Pois é mais fácil eu colocar toda a água do mar aqui nesse buraquinho, do que um homem entender o Mistério da Trindade”, finalizou o garoto antes de desaparecer.

Escritor infatigável, deixou milhares de cartas e livros estudados até hoje. A principal se chama “Da Trindade”, com 15 volumes. É considerado o fundador da Teologia. Uma de suas obras mais famosas é “A Cidade de Deus”, em latim “*Civitas Dei*” -, como se vê nesse quadro. Ao escrevê-la, à época em que Roma estava perdendo seu poder, Agostinho diz que a grande cidade imperial dos césares, que durante tantos séculos dominara o mundo de então, com todo poder e glória, poderia até acabar, mas “A Cidade de Deus”, porém, a “Igreja de Roma”, esta jamais terá fim.

A festa de Santa Mônica é nos dias 27 de agosto, e a de seu filho Agostinho no dia seguinte, 28.

São Jerônimo (c347-420), nascido na Iugoslávia, formou-se em Gramática e Retórica, fez estudos jurídicos e de Filosofia. Estudioso contumaz, dedicou-se em seguida, antes de sua conversão, à decifração de escritos e símbolos em túmulos nas catacumbas, viajando depois para a Ásia, com os mesmos objetivos. Acometido de grave doença, em um delírio febril vê a Cristo, que lhe reprova o comportamento pagão. Restabeleceu-se e se converteu.

Em 379 foi ordenado padre. Em 382, passou a ser secretário particular do papa Dâmaso I, encarregado por este para dirimir dúvidas sobre interpretações da Bíblia, da qual havia várias traduções não-oficiais. Era um tempo de grandes heresias, porque muitos se tornavam cristãos por conveniência e interesses políticos. Morto esse papa, Jerônimo preferiu deixar Roma e seu “ar irrespirável”, tantas as questiúnculas e polêmicas, passando a morar em Belém, na Judéia. Lá, completou seu trabalho de tradução da Bíblia para o latim direto dos textos hebraicos, e não do grego como se fazia. Sua tradução ficou tão boa, que passou a ser divulgada (“*vulgata*”) como a Bíblia oficial. Por isso, nesse quadro, São Jerônimo aparece com um pergaminho onde se lê “Bíblia Sacra”.

Ainda em Belém, escreveu diversos comentários sobre os livros de Isaías, Jeremias, Ezequiel e outros profetas. Foi ele quem introduziu na liturgia latina o termo “Allelu-Iá”, que quer dizer “Louvor a Javé”. A sílaba final “Iá” é como os judeus se referiam a Deus, de quem o nome não podia ser pronunciado, e “Iávê” quer dizer “Aquele que é”. Lembre-se que, no Monte Horeb, no encontro de Moisés com Deus, na sarça ardente, o Senhor se referiu a Si mesmo como “Eu sou Aquele que é” (Ex 3,14).



Tímio Santos

Nesse quadro de São Jerônimo, aos seus pés vê-se um chapéu vermelho de cardeal, embora ele nunca o tenha sido; mas é um atributo de santos com grande proximidade à Igreja de Roma, ele que foi secretário particular de um papa. E ainda um açoite, que significa duas coisas: seu estilo vibrante nas argumentações, sua “língua ferina” com que derrubava hipocrisias e heresias, às vezes em tom irascível ou irônico. E sua sistemática ascese, com muitas orações, penitenciando-se severamente, até com castigos físicos que se impunha.

Morreu em Belém, com cerca de 73 anos, e ostenta hoje um grande respeito entre os Padres da Igreja.

Sua festa é aos 30 de setembro, encerrando o mês da Bíblia.



No presbitério, de frente para os quadros dos Sete Dons, olhando-se para o alto, vê-se a parte interna da cúpula no sentido da foto acima. Tem o formato octogonal.

Nos quatro pontos - norte, leste, sul e oeste - há desenhos sacros, intercalados por anjinhos no formato de rostos alados.

Das oito paredes internas da cúpula, só a do lado sul não tem pintura de alguma imagem. Os sete quadros, arredondados, que se encontram a uma altura de 12 metros, estão dispostos na seguinte ordem:

- no centro, de modo que da nave se torna bem visível aos fiéis, um “Anjo com a Eucaristia”, ou “O Pão dos Anjos”;
- nas três paredes a oeste, tem-se dois evangelistas: São Lucas e São João e, entre eles, São Gabriel de Nossa Senhora das Dores;
- a leste, outros dois evangelistas (São Mateus e São Marcos) e, entre eles, Santa Terezinha do Menino Jesus.

Da nave, só se vê o quadro do centro; um pouco mais difícil de se ver são os dois que se encontram ao seu lado, à esquerda e à direita. Os outros (São Gabriel e São Lucas, Santa Terezinha e São Marcos), só são vistos por quem for até ao presbitério.



Timinho Santos

No centro, está a figura de um anjo com Cálice e Hóstia. Numa interpretação mais livre, poder-se-ia associar essa imagem como atributo de Santo Onofre, que viveu durante 60 anos solitário, no deserto de Tebaida, no Egito, no século IV, e foi encontrado pelo monge Pafnúcio. Sua devoção se espalhou para o Ocidente à época das Cruzadas, na Idade Média. Assim como os santos Antão e Paulo, eremitas que viveram próximo ao Mar Vermelho e eram alimentados com o pão do céu por “corvos”, à semelhança do que ocorrera com o profeta Elias (I Reis 17, 6 e I Reis 19,5ss), o eremita Santo Onofre também mereceu essa graça, segundo a tradição cristã. Atualmente, a devoção a Santo Onofre se desviou bastante do seu verdadeiro sentido, porque costuma ser invocado por apreciadores de jogos de azar, que querem ter sorte no jogo, de qualquer tipo.

Embora a arte sacra faça essa associação do “Anjo com a Eucaristia” com aquele santo, é mais verossímil, no entanto, que se veja nessa figura o “Pão dos Anjos”, o “Pão Vivo que desceu dos céus” - como o próprio Jesus disse sobre si mesmo (Joa 6,51).

O pão, alimento ancestral da humanidade, é referência universal em todas as culturas, e Jesus o escolheu para se tornar, a partir da Última Ceia com seus apóstolos, a sua própria carne oferecida em sacrifício perene pela redenção da humanidade, em substituição às carnes de todos os animais que até então eram oferecidos. Como “Cordeiro de Deus”, no

Altar da Cruz, é imolado, e sua carne e seu sangue são dados em alimento para todos os povos que nele acreditam. O velho sonho da humanidade, em ter vida eterna, vida para sempre, se realiza porque Jesus se apresenta como o “Pão da Vida”: *“Eu sou o pão vivo que desci do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo.”*

Quando Jesus ensinou essas coisas, muitos, que o seguiam, foram embora, por não aceitar essa doutrina, e isso ainda acontece até hoje. A Igreja, porém, fiel depositária da Mensagem, pratica a Eucaristia como o centro da vida cristã, momento em que todos os discípulos, unidos aos pastores, se reúnem em torno da Mesa para a partilha do Pão, no Memorial do Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, que é fundamentalmente cada Missa celebrada a cada hora no mundo.

Se se perguntasse a alguém: qual o momento mais importante da sua vida? - Muitas respostas poderiam ser dadas, mas talvez a mais correta seja: “O momento em que eu comungo!” Porque nesse momento sagrado e sublime da Comunhão, o ser humano, com toda a sua indignidade, vivendo ainda as misérias terrestres de vícios e tentações, tem a extraordinária graça de se alimentar com carne e sangue divinos, unindo-se (comum união) com o Deus Verdadeiro, o Caminho, a Verdade e a Vida. Que outro momento seria mais importante do que esse? Não está essa pessoa, ao comungar, com o Deus Todo-Poderoso, transformando-se então em templo sagrado do Amor, que tudo governa?

Da mesma forma, é impossível acreditar que alguém, depois que comungue, saia da igreja e volte para sua casa da mesma forma como tinha ido. Ou pior. Porque quem comunga, não pode egoisticamente guardar Jesus só para si, trancando-o em seu coração. Há que transbordar tanto Amor, precisa ser aquela “pessoa-amor” à imagem e semelhança de Deus, onde quer que se encontre, a começar da própria casa.

Engana-se quem pensa que o mundo não tem conserto, não pode melhorar. Na verdade, o mundo melhora à medida que cada pessoa se converta em uma pessoa melhor, mais generosa, menos egoísta, menos dependente de bens terrenos, mais interessado em coisas importantes - que são as coisas do alto. O lar de uma pessoa é um inferno, quando ela mesmo é um inferno, pela sua língua ferina, pelas suas atitudes grosseiras, falsidades, irritações... que a tornam insuportável. Tudo isso faz com que o ambiente familiar se deteriore, e se transforme num local desagradável.

Ao contrário, se se quer ter um céu, em casa, já aqui na terra, não é tão difícil. A primeira coisa que tem a fazer é se transformar, a si mesmo, em um céu. Uma pessoa generosa, servicial, bondosa para com os demais familiares. Ser Cristo em casa, porque quem comunga numa Missa, automaticamente se transforma em um missionário, como o fermento na massa, como o sal que tempera o alimento. Uma pessoa que comunga, e não age assim, é como comida sem sal - insossa, insípida. Não está cumprindo sua missão.



Timinho Santos

À esquerda da figura do “Pão dos Anjos”, há o quadro de João o evangelista; à direita, São Mateus.

Aqui, mais uma vez João tem a companhia de seu atributo, a águia (V.pg.61). Já vimos que, principalmente por São Jerônimo, João é comparado à águia pela sublimidade do evangelho que escreveu. Mas um dos seus escritos que mais curiosidade desperta, até hoje, é o livro do Apocalipse. Nas mais variadas comunidades, sempre surgem pedidos de cursos bíblicos, e invariavelmente se pede para que neles seja incluído esse último livro do Novo Testamento. Há pessoas que imaginam estar nele contidas profecias sobre o final dos tempos, e o tão temido fim do mundo, segredos estes que querem ver desvendados...

Não é isso, ensinam os Padres e exegetas das Sagradas Escrituras. João, ao escrevê-lo, se encontrava exilado numa pequena ilha do Mar Egeu, chamada “Patmos”, e já era de idade avançada. Ele teria morrido no ano 106, em Éfeso, depois de libertado dessa ilha, onde, aliás, tinha sido imerso em um tacho de óleo fervente e nada sofrera, segundo conta o escritor cristão Tertuliano (? 155 - ? 222). Se levarmos em conta que João conheceu Jesus quando este tinha aproximadamente 30 anos, e João deveria ter uns 15 a 18, calcula-se que tenha morrido com cerca de 90 anos, pelo menos. Para a época, viver tanto era quase um milagre.

Ele estava nesse exílio justamente devido às perseguições aos cristãos, violentas, rancorosas, ceifando milhares e milhares de vidas de seguidores de Cristo, que se protegiam

através do uso de senhas e mensagens cifradas, pois viviam na semi-clandestinidade. Além disso, já surgiam heresias, ensinamentos duvidosos a respeito da doutrina, e João sentiu a necessidade de escrever um livro encorajando os cristãos da época a se manteres firmes na fé. Preferiu então usar um estilo literário já conhecido na cultura da época, o mesmo dos livros de Ezequiel e Daniel: o gênero *apocalíptico* ou *enigmático*.

“Apocalipse” é uma palavra grega que se traduz por “Revelação”. João se dirige às comunidades (igrejas) da Ásia Menor, onde morava. É bastante enigmático, realmente, mas o escritor sagrado quer demonstrar aos cristãos (assim chamados desde os primórdios - Atos 11,26) que, embora pareça que o Mal vai vencer, a vitória final será do Senhor.

Não deve ser lido, pois, no século em que vivemos como uma história dos tempos futuros. O livro, simbolicamente, chama Cristo de “o Cordeiro”; a Igreja cristã, de “mulher” que foge para o “deserto” - ou seja, para um lugar de Deus, onde está a força de Deus; o dragão são as forças hostis ao Reino de Cristo, que provoca grandes estragos no mundo terreno “varrendo com sua cauda um terço das estrelas do céu e as arremessando de encontro à terra”; a “fera”, do capítulo 17, é uma clara referência ao imperador romano, implacável perseguidor da Igreja, ao qual é inclusive dado o grande número imperfeito 666 - o número da Besta... e assim por diante, numa linguagem cheia de metáforas, símbolos, alusões numerológicas etc.

Nessa mensagem, inspirada, em que se fala de passado, presente e futuro, o que importa é o seu cerne, ou seja, Jesus, que pela ascensão pós-Ressurreição está à direita do Pai, glorioso, e voltará em sua “Parusia” - Manifestação Gloriosa -, no final dos tempos, derrotando o Mal, vencendo a Morte, e restabelecendo tudo em uma nova criação.

“E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já se foram o primeiro céu e a primeira terra, e o mar já não existe. E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu noivo. E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve; porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. Disse-me ainda: está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem tiver sede, de graça lhe darei a beber da fonte da água da vida. Aquele que vencer herdará estas coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, quanto aos medrosos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte.” (Ap 21, 1-8)



Timinho Santos

À esquerda do quadro de São João, há o quadro de São Gabriel de Nossa Senhora das Dores. Como se encontra na parede oeste da cúpula, é necessário estar no presbitério para vê-lo.

Francisco Possenti, futuro Gabriel de Nossa Senhora das Dores, nasceu em Assis, na Itália, em 1838, país em que morreu em 1862, com apenas 24 anos. Sentindo-se inspirado pela Virgem Maria, entrou aos 18 anos para a Congregação dos Padres Passionistas, fundada por São Paulo da Cruz (1694-1775) na Itália, e que se dedicam a pregar, de modo especial, a Paixão de Cristo.

Gabriel se distinguiu pelo seu caráter jovial, a sua piedade eucarística e, sobretudo, pelo seu extraordinário amor à Virgem das Dores e a Jesus Crucificado. No convento dos Passionistas, sente tanta felicidade em ser religioso e cumprir suas obrigações na oração, no estudo e no trabalho que, escrevendo à família, diz: “Caríssimo papai, o contentamento e a alegria que provo dentro destas paredes é quase inexplicável... não troco 15 minutos desta minha nova vida, por um ano de espetáculo e divertimento. As vinte e quatro horas que compõe o dia me parecem 24 breves instantes...”

Canonizado por Bento XV (1920), foi declarado co-padroeiro da Juventude Católica Italiana (1926) e padroeiro da região dos Abruzzi (1959).

O Santuário de S. Gabriel de N. Sra. das Dores é um dos mais procurados de Itália.



Tininho Santos

Ainda do lado oeste da cúpula, à esquerda de São Gabriel, outra pintura de São Lucas e, como costume, tendo junto a si o seu atributo, o touro (V.pg.67).

Mister se faz, porém, anotar aqui mais algumas informações sobre os seus escritos: o terceiro evangelho e o Atos dos Apóstolos. Quanto ao evangelho, Lucas certamente se serviu de outros dois já anteriormente escritos, os de Mateus e Marcos. Ele próprio disse que tinha procurado investigar minuciosamente as histórias sobre Jesus então existentes. Escrevendo mais diretamente para os pagãos, Lucas mostra um Jesus mais bondoso e misericordioso, atraente e comovedor.

Como se acredita que ele tenha escrito seu segundo livro, os Atos, por volta do ano 68 - antes do martírio de Pedro e Paulo, com quem conviveu, principalmente com Paulo, seu companheiro nas viagens -, é provável que tenha escrito seu evangelho entre os anos 60 a 68.

Os três primeiros evangelhos são também chamados de “*sinópticos*” - palavra de origem grega, que significa “conjunto de coisas que se vê com um só golpe de vista”. Tem esse nome porque muitos dos fatos narrados são bastante parecidos, mostrando que todos provavelmente se utilizaram das mesmas fontes ou dos vários escritos esparsos que já havia sobre os acontecimentos e ensinamentos do Mestre Jesus. Formas de abordagem e outros detalhes, contudo, demonstram a originalidade de cada um.



Tininho Santos

Do lado leste, a primeira pintura, após a figura central do “Pão dos Anjos”, é a do evangelista São Mateus, com o seu atributo - o homem alado (V.pg.66).

O cobrador de impostos Levi escreveu seu evangelho, originalmente, em aramaico, um antigo dialeto usado por muitos judeus, mas esse texto posteriormente se perdeu, não sem antes ter sido traduzido para o grego. A intenção de Mateus era mostrar Jesus o Messias para os próprios judeus, e por isso há abundância de referências aos textos do Antigo Testamento, sobretudo às profecias, para que compreendessem ser Jesus aquele que tinha sido predito pelos profetas e que todos esperavam. Acredita-se que tenha sido o primeiro evangelho a ser escrito, reunindo diversas narrativas sobre episódios e passagens da vida de Jesus.

É impróprio dizer-se que “são quatro evangelhos”. Na verdade, o evangelho é um só, e nem um anjo do céu poderia pregar um outro que não fosse o anunciado pelos apóstolos (Gl 1, 7-8). Há um só Evangelho, porque também “*há um só Senhor, uma só fé, um só batismo*” (Ef 4,5). Assim, o correto é referir-se ao Evangelho *segundo* Mateus, *segundo* Marcos, *segundo* Lucas e *segundo* João.



À direita de Mateus, está a figura de Santa Terezinha de Lisieux (1873-1897), segurando rosas, seu atributo, e um Crucifixo, com que morreu abraçada, com apenas 24 anos. Nasceu na França, perdeu a mãe quando tinha só 4 anos, e foi criada pelo pai com todo carinho. Aos 15, entrou para o convento do Carmo, em Lisieux, emitindo seus votos aos 17. Possuidora de uma piedade admirável, soube dedicar os sofrimentos do dia-a-dia, muitos, por sinal, para a conversão dos pecadores, e pelo êxito dos missionários.

Acometida de grave doença, usou-a, dedicando-se mais ainda à oração e à penitência, pedindo misericórdia a Deus pelos pecados dos homens. Por ordem da madre superiora, escreveu a sua biografia - *História de uma Alma* -, editado só em 1956 e um sucesso editorial em todo o mundo. Ao morrer, dizia que ainda queria se oferecer mais a Deus em sacrifícios de expiação, e pelas necessidades da Igreja.

É conhecida também por “Terezinha do Menino Jesus”, pela sua devoção a Jesus Menino, com quem dizia que gostaria de brincar muito, de qualquer jeito, mesmo que, se preciso fosse, se transformasse em uma bola para que ele a chutasse à vontade, ou seja, doando-se inteiramente aos seus caprichos infantis...

Foi canonizada pelo papa Pio XI em 1925, e proclamada “Padroeira das Missões” em 1927. O papa João Paulo II proclamou-a “Doutora da Igreja”, a primeira mulher a ganhar esse título, no Centenário de sua morte, em 1997. Ela nos ensina que podemos ir até Deus através dos pequenos atos do cotidiano. Sua festa é nos dias 1º de outubro.



São João Marcos, evangelista. Hebreu de nascimento, João era seu nome hebraico. Posteriormente, teve acrescentado o sobrenome romano Marcos, pelo qual ficou mais conhecido. Seu quadro, na cúpula, só é possível de ser visto por quem for ao fundo do presbitério. Como de costume, é representado com seu atributo, o leão (V.pg.64).

Se Lucas foi o companheiro de Paulo, Marcos foi o de Pedro, embora o tenha sido, por pouco tempo, de Paulo também. Não se tem certeza se conheceu Jesus pessoalmente, mas a tradição cristã narra que era ele o rapaz que fugiu nu, do Horto das Oliveiras, quando o Mestre foi preso. É o único a contar esse episódio (Mc 14,51-52).

Sua mãe se chamava Maria, uma das mulheres que acompanharam Jesus até Jerusalém. Sua casa, depois do Pentecostes, era lugar de reunião de muitos cristãos. E foi para a casa de Marcos que Pedro se dirigiu, na noite em que foi milagrosamente libertado da prisão por um anjo. Era a terceira vez que Pedro tinha sido preso, dessa vez por ordem de Herodes, logo depois de ter este mandado matar Tiago, irmão de João (Atos 12,12).

Com seu primo, Barnabé, João Marcos seguiu primeiramente o apóstolo Paulo em sua primeira viagem de evangelização. Mas quando Paulo quis ir para uma região mais longínqua e perigosa, Barnabé e Marcos decidiram seguir em outra direção. Barnabé foi morto provavelmente no ano 53, apedrejado, segundo a tradição. Marcos recolheu seu corpo e o sepultou.

Passou a ser companheiro de Pedro, indo com este para Roma. Por isso, seu evangelho

até poderia ser chamado de “O evangelho segundo Pedro...”, pois Marcos basicamente escreveu tudo o que pôde apreender das pregações do primeiro “bispo” de Roma, que era um homem simples, que vivia das lides da pesca antes de conhecer Jesus, e portanto provavelmente analfabeto. A riqueza de detalhes com que narra certos episódios, sobretudo alguns que envolve Pedro, deixa transparecer isso bastante claramente.

De um modo geral, pode-se dizer que escreveu para os pagãos, ou, mais especificamente, para os romanos, em torno do ano 60. Por isso, enfatizou mais os grandes feitos de Jesus, os milagres que assombravam multidões, para provar aos pagãos que tal poder demonstrava cabalmente ser Jesus o Filho de Deus, morto pelos judeus mas que ressuscitou três dias depois.

Quando Paulo chegou a Roma, Marcos teve de novo a oportunidade de trabalharem juntos no ministério (II Tim 4,11), até que o Apóstolo foi preso e morto. Daí em diante, as notícias sobre João Marcos ficam mais esparsas. Há várias versões na tradição cristã: segundo alguns, continuou seu trabalho missionário, viajando muito, até que chegou a Veneza, Itália, onde morreu. Segundo outros historiadores, numa versão mais verossímil, ele foi barbaramente torturado, num dia de Páscoa, quando se encontrava no Egito, tendo sido arrastado preso a um cavalo, deixando um rastro de sangue. Seu corpo foi recolhido por cristãos, que lhe deram sepultura. No séc. X, dois venezianos conseguiram se apoderar de suas relíquias em Alexandria, levando-as para a suntuosa e visitadíssima Catedral de São Marcos, em Veneza.

Sua festa é nos dias 25 de abril.



Detalhe - imagem de N.Sra. da Imaculada Conceição

Uma outra novidade na catedral, a partir do ano 2000, foi a instalação de uma “Capela do Santíssimo Sacramento”, antiga aspiração de muitos fiéis. Até à reforma de 1973, o Sacrário ficava no Altar-Mor. Depois de sua demolição, ficou situado no presbitério, ao fundo, lado leste (V.foto à pg.110).

Principalmente numa catedral como a de Barretos, que se tornou um ponto turístico recebendo grande número de visitantes, a idéia de se ter um lugar próprio para os fiéis visitarem Jesus no Sacrário, não poderia ter sido mais feliz. Situada na sala a leste da igreja, onde antigamente funcionava o Expediente Paroquial (este transferido para a Sacristia), é uma capela simples, decorada convenientemente pelos artistas Perozzi e Ceperó, que seguiram o estilo adotado em toda a igreja. O vitral também é novo, com motivos sacros.

O altar é em mármore, e o Sacrário é ladeado por duas imagens de anjos com lampadários, os mesmos que se encontravam no antigo Altar-Mor desde 1920.

Às sextas-feiras, o Santíssimo Sacramento é exposto no ostensório, sobre o Sacrário (V. pg.154), para adoração.

Visitar Jesus, no Sacrário ou em exposição na Hóstia, é dos atos piedosos um dos mais significativos, mas a Igreja sempre recomenda aos fiéis que saibam realmente o que estão fazendo, para que os atos de adoração não se tornem momentos que beiram à ostentação. Zelosa, a santa Mãe Igreja lembra o ensinamento de Jesus, de que não basta ficar batendo no peito e dizendo “Senhor, Senhor!”... Pode acontecer que tais pessoas estejam



Trininho Santos



sendo hipócritas, por demonstrar uma piedade que na verdade não tem sequer para as pessoas, no seu dia-a-dia.

A propósito, reproduzimos a seguir um artigo do Frei José Ariovaldo da Silva, OFM, intitulado: “Eu te adoro, Hóstia Divina”.

1. A prática de adorar o Santíssimo na missa hoje: alguns exemplos

Chega a ser impressionante, nestes últimos anos, a volta das manifestações de adoração ao Santíssimo Sacramento durante a celebração do memorial do sacrifício de Cristo, isto é, durante ou imediatamente após a missa.

Muita gente, na hora da consagração, tem o costume de sussurrar exclamações como: Meu Jesus, eu te adoro”, ou “Meu Senhor e meu Deus”, ou “Senhor, eu creio, mas aumentai a minha

fé” etc.

Muitos padres, na hora da consagração, levantam devagar e solenemente, bem alto, a hóstia consagrada e, depois, o cálice, para adoração dos fiéis. Olhos fixos no pão e vinho consagrados, ao som das campainhas, todos adoram a Jesus que “desceu sobre o altar”, como dizem.

Há padres que, logo após a consagração, interrompem a Oração Eucarística, saindo com o Santíssimo Sacramento em procissão pela nave da igreja - chamam essa procissão de “passeio” -, para adoração dos fiéis em manifestações de aplausos, toques na hóstia por parte dos fiéis para receber a cura etc.

Muitos, após a consagração, substituem a aclamação memorial “Anunciamos, Senhor,

a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição” por cantos de adoração como “Eu te adoro Hóstia Divina”, ou “Bendito, louvado seja, o Santíssimo Sacramento” etc.

Muitos cristãos e cristãs, assim que recebem a comunhão, têm o hábito de se ajoelhar na capela do Santíssimo Sacramento para adorar Jesus presente ali no sacrário. Como se não tivessem acabado de “receber Jesus” no templo do seu próprio corpo!...

Há padres - e leigos também - que incentivam a adoração do Santíssimo imediatamente após a missa, dando assim a impressão que a comunhão não valeu, ou valeu pouco. Pois, dada a importância que se dá à adoração e à bênção do Santíssimo logo após a missa, a comunhão no corpo e sangue de Cristo acaba caindo no esquecimento, em segundo plano. Como vi e ouvi, certa vez pela televisão, um padre animador proclamar solenemente e com todo entusiasmo para a multidão, assim que terminou a missa presidida pelo bispo: “Meus irmãos, agora vamos receber a bênção do Santíssimo Sacramento... Não existe bênção mais importante do que esta!” Conclusão: A maior bênção, que foi a participação no memorial do sacrifício de Cristo, isto é, na missa recém-celebrada, deixou de ser a mais importante!...

Alguns chegam a substituir a bênção final da missa pela bênção do Santíssimo Sacramento.

São alguns exemplos ilustrativos de como estão resgatando por aí o sentido da missa mais como ato de adoração ao Santíssimo Sacramento imediatamente após a Missa, colocando-a em segundo plano...

São costumes que tiveram uma origem, bem como um motivo por que se originaram, na história da Igreja. Vejamos o que diz a história a respeito. Ela pode nos ensinar muita coisa e nos iluminar em nossas práticas celebrativas da eucaristia hoje.

2. Quando e por que evoluiu a prática de adorar o Santíssim na missa

A prática de adorar o Santíssimo Sacramento durante a missa se desenvolveu com toda força na passagem do primeiro para o segundo milênio. Em plena Idade Média.

Antes, isto é, no primeiro milênio, sobretudo até o século IX, a eucaristia era vista e vivida sobretudo como celebração memorial da páscoa de Cristo, em clima de ação de graças, da qual participava ativamente toda a assembléia, tendo como ponto alto desta participação a comunhão no corpo e sangue de Cristo. Não havia adoração ao Santíssimo durante a missa, como se entende e se faz hoje.

Aos poucos, porém, sobretudo a partir do século VIII-IX, a missa vai se tornando cada vez mais “coisa do padre”. Os motivos são vários, e não vem ao caso elencá-los aqui. Basta dizer que o clero vai aos poucos monopolizando tudo na celebração eucarística. Os padres começam a rezar a missa sozinhos. E, mesmo havendo assembléia, adota-se o costume de os padres fazerem tudo sozinhos (orações, leituras etc), em voz baixa, de costas para o povo, em latim. O povo apenas assiste, de longe. Já não participa mais, como antes.

Com isso, os cristãos perdem também o estímulo em participar da comunhão recebendo o corpo e o sangue do Senhor. Esquecem-se assim da ordem que Jesus mesmo

deu: “Tomai e comei... tomai e bebei”. (Jesus mandou comer e beber! Comer e beber é parte integrante e ponto alto da participação na missa). Cada vez menos gente participa da comunhão. Apenas assiste a “missa do padre”.

Outro fator que distancia o povo da mesa da comunhão na missa: Aos poucos, por influência dos povos franco-germânicos, os cristãos de nossa Igreja romana absorvem uma mentalidade quase doentia em relação à divindade, vendo nesta um ser terrível, ameaçador, vigiando e controlando nossas atitudes. Ligado a isso, se acentua uma mentalidade obsessiva em relação ao pecado, ao castigo, ao inferno e purgatório. O clima era, pois, de medo. Resultado: o povo fica com medo de comungar. Pois comungar significava aproximar-se do Juiz terrível e ameaçador e, possivelmente, correr perigo de castigo por nossos pecados.

Assim, no século XII, já praticamente ninguém comungava mais. Foi precisol que o quarto concílio de Latrão, realizado em 1215, decretasse uma lei determinando que todo católico devia comungar pelo menos uma vez por ano, por ocasião da Páscoa, depois de fazer uma boa confissão. Pelo menos uma vez por ano! Como se vê, não era mais costume comungar em cada missa.

O que o povo fazia então, enquanto o padre, lá distante no altar, “rezava a missa”? Entreteinha-se com rezas, novenas, devoções etc. E a comunhão, o povo a substituiu pela adoração da hóstia. Ver a hóstia, de longe, adorando-a, tornou-se uma forma de “comungar”. Por isso que, então, os padres adotaram o costume de levantar bem alto a hóstia e, depois, o cálice, na hora da consagração. Para o povo ver e prestar adoração ao Senhor terrível que “desceu sobre o altar”, na hóstia consagrada e no cálice de vinho. O desejo de ver a hóstia tornou-se então uma verdadeira febre para os fiéis, o ponto alto, o momento mais importante da missa. Introduziram até o costume de tocar campainhas na hora da elevação, exatamente para chamar a atenção e enfatizar o momento. Bastava ver a hóstia e o povo já se dava por muito feliz e satisfeito.

Outra informação: a partir do século IX, mas com maior vigor a partir do séc. XI, alguns teólogos de influência, dentre os quais se destaca Berengário de Tours, andaram espalhando idéias que colocavam em dúvida a presença real de Jesus no pão e no vinho consagrados. A Igreja, em reação a estes movimentos heréticos, desencadeou todo um movimento no sentido de afirmar a fé na presença real. Para tanto, propagou e reforçou a prática da adoração ao Santíssimo Sacramento, dentro e fora da missa. Fora da missa, através de procissões do Santíssimo, bênçãos do Santíssimo etc. Conseqüência: a missa, distante do pensamento de Jesus e da prática dos cristãos dos primeiros séculos, se transforma numa espécie de “fábrica de hóstias consagradas” para serem adoradas. Longe do pensamento de Jesus, porque na última ceia Jesus não disse “tomai e adorai”; ele disse “tomai e comei... tomai e bebei”!

Como se vê, o costume de adorar o Santíssimo Sacramento durante a missa foi desenvolvido na Idade Média, quando a Igreja havia perdido de vista o verdadeiro sentido da missa como celebração memorial da páscoa de Cristo e nossa (vejam o que Jesus

disse: “Fazei isto em memória de mim”!), que tem seu ponto no momento da ceia (comunhão). A missa, em vez de ser em primeiro lugar um momento de adoração ao Pai, através do memorial do sacrifício de Cristo que se entrega, na força do Espírito Santo, transforma-se simplesmente numa ocasião privilegiada de adoração à hóstia consagrada, ou, ao Cristo presente no pão e no vinho; mas sobretudo no pão (na hóstia).

Esta mentalidade não foi superada nem com o concílio de Trento (séc. XVI). Perpassou os séculos seguintes, até hoje. Nosso Brasil foi evangelizado com esta mentalidade. Não tivemos outro tipo de evangelização eucarística (refiro-me ao modelo de compreensão dos primeiros séculos de cristianismo). O modelo medieval é que ficou muito bem arraigado no nosso subconsciente religioso. Por isso, o costume de adorar o Santíssimo na missa hoje, segundo os exemplos elencados no início deste artigo, mereceria todo um longo trabalho de evangelização.

3. Desafios para o futuro

Nesses últimos anos, o papa João Paulo II fala de uma nova evangelização. Nós diríamos: precisamos re-evangelizar nossa cultura religiosa eucarística de tipo medieval, valorizando, à luz do concílio Vaticano II, a compreensão bíblica e dos Santos Padres no que se refere à celebração eucarística.

Não se trata de menosprezar e muito menos querer eliminar as devoções ao Santíssimo Sacramento. Trata-se de, teologicamente, colocar as coisas no seu justo lugar. Não misturar as coisas. Missa é missa. Adoração ao Santíssimo é outra, com seu sentido e valor. A mistura é coisa da Idade Média que, como vimos, acabou colocando a adoração ao Santíssimo acima do verdadeiro sentido da missa.

Também não se trata de dizer que não adoramos Cristo na hora da missa! Os Santos Padres o adoraram! Trata-se de evitar exageros que colocam a prática da adoração ao Santíssimo acima da Oração Eucarística e da própria comunhão eucarística.

Neste sentido, a CNBB nos dá com muita sabedoria a seguinte orientação: “Na celebração da Missa, não se deve salientar de modo inadequado as palavras da Instituição (=consagração), nem se interrompa a Oração Eucarística para momento de louvor a Cristo presente na Eucaristia com aplausos, vivas, procissões, hinos de louvor eucarístico e outras manifestações que exaltem de tal maneira o sentido da presença real que acabem esvaziando as várias dimensões da celebração eucarística” (Doc.53)

Enfim, o grande desafio mesmo está em desenvolver na alma dos pastores e dos fiéis tudo o que o concílio Vaticano II resgatou em termos de teologia e celebração da eucaristia. Peça demais a Deus que o espírito deste importantíssimo concílio, no que diz respeito à eucaristia, não seja abafado pelo individualismo religioso tão forte nesta nova passagem de milênio.



Dom Gaspar na Capela do Santíssimo, no dia em que assumiu seu ministério na diocese de Barretos (03/03/2001). Atrás, vê-se ainda os bispos Dom Fré (bispo emérito de Barretos) e Dom , de, . Mas nesse dia estiveram na catedral 22 bispos, inclusive o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns.

A Sacristia, a oeste do presbitério, é a mesma desde o princípio; apenas ganhou dois vitrais novos e acumulou a função do Expediente Paroquial. Antes, também, havia dois toalheiros, um de cada lado de um lavatório, o primeiro para ser usado “ante Missam”, e outro “post Missam”. Agora, ficou só um deles. O outro está no museu.

O que mais chama a atenção, porém, é o grande quadro do Bom Pastor, ao alto; e o armário, em madeira de lei, este confeccionado em 1939 pelos Scannavinos, com sete portas em cima, e cinco embaixo. A propósito, Luis Scannavino fez questão de lembrar que a colocação do escudo da Congregação dos Sagrados Corações na porta central desse armário, foi um pedido pessoal do Padre Raimundo Fuentes.

Também há letras incrustadas em cada uma das demais portas superiores. Na primeira, à esquerda, as letras “SS”; na última, à direita, “CC” - justamente a sigla daquela Congregação.

Na segunda porta, “VC”; na terceira, “JS” - “Viva o Coração de Jesus Salvador!”. Na quinta porta, à direita, “VC”; na sexta, “MI” - “Viva o Coração de Maria Imaculada!”

Mais uma vez, e até na Sacristia, a continuação da temática dos Sagrados Corações, desenvolvida na igreja desde 1884 e perpetuada sobretudo a partir de 1936, quando os padres daquela Congregação chegaram a Barretos.

Quanto ao quadro do “Bom Pastor”, não se tem registro de sua procedência e autoria. Remonta ao princípio do século passado.

Quando o padre Vicente Francisco de Jesus fez o seu inventário, ao assumir a paróquia em 1933, ele já o relacionou entre tudo o que encontrou na sacristia.



Timinho Santos



Timinho Santos



O pastor é figura milenar, porque o pastoreio foi uma das primeiras atividades humanas. E a presença do Senhor como pastor, nas Sagradas Escrituras, é constante: *“O Senhor é meu pastor, nada me falta.”* (Sl 22,1). Até o próprio Jesus declarar pessoalmente:

“Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor dá sua vida pelas ovelhas. O mercenário, porém, e que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, quando vê que o lobo vem vindo, abandona as ovelhas e foge; o lobo rouba e dispersa as ovelhas. (...) Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, como o meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Preciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor.” (Joa 10, 11-12;14b-16).

Ainda na sacristia, a maior novidade são os dois vitrais, com motivos sobre os Sete Sacramentos, sinais visíveis da ação de Deus na vida humana.

À esquerda, os três chamados de “Iniciação Cristã” - Batismo, Crisma e Eucaristia. À direita, os outros quatro: Matrimônio, Penitência, Ordem e Unção dos Enfermos.

No “Batismo”, o desenho de uma mão derramando a água batismal; na “Crisma”, o símbolo do Espírito Santo, a pomba, de onde se espalmam setas de fogo; na “Eucaristia”, espigas de trigo e cachos de uva.

No “Matrimônio”, duas alianças entrelaçadas em um coração, com o monograma de Cristo, a ensinar a necessidade desse Sacramento como uma graça para a santificação de um casamento, quando no

mundo hodierno acontece uma banalização da família. Embora se apregoe que “o casamento caiu de moda”, nada mais falso! O Sacramento do Matrimônio, como os demais, foi instituído por Cristo, necessários portanto para a salvação, e assim é essencial para que o casamento atinja os seus objetivos. Na “Ordem”, o desenho é da estola pendente do mesmo monograma, pois ela é o símbolo do múnus sacerdotal. E, na “Unção dos Enfermos” - antigamente chamada de “Extrema Unção” porque imprópriamente só se administrava quando uma pessoa estava às últimas -, é apresentada na forma de um leito, com a presença de velas que simbolizam Cristo, e portanto a fé na vida eterna.

Hoje, a Unção dos Enfermos pode ser ministrada sempre que uma pessoa corre risco de morte.



Trininho Santos



Tirinho Santos

No fundo da igreja, além das dependências de serviço, há uma antiga escadaria de madeira, que dá acesso ao andar superior da igreja, na sua parte próxima ou ao redor do presbitério. É nesse local que o pároco Pe. Deusmar decidiu implantar, depois de 1998, um “Museu Sacro”, onde estão expostos à visitação pública objetos e utensílios sagrados, dentre outros pertences, utilizados na igreja ao longo de tantos anos, desde o seu início.

Na foto acima, por exemplo, vê-se na parede, em primeiro plano, dois exemplos de “cortinas do Sacrário”: à esquerda, na cor verde do Tempo Comum, lê-se em latim “Ecce Panis Angelorum” - “Eis o Pão dos Anjos”. À direita, na cor vermelha (Pentecostes, festas de mártires), “Veni Creator Spiritus” - início da oração de invocação “Vinde, Espírito Criador...”

No museus estão missais em latim, livros litúrgicos, galhetas, vasos em metal, castiçais, paramentos em estilo romano ou gótico, sobretudo casulas e capas, lamparinas usadas pelos Irmãos do Santíssimo, bandeiras de confrarias, os lampadários que ficavam na fachada da igreja, cofres de esmolos que ficavam embutidos nas colunas da igreja, etc.

Uma bela imagem do Senhor dos Passos também aí está exposta. Provavelmente data do final do século XIX. Muito utilizada em antigas “procissões do encontro”, em que os fiéis, com essa imagem, percorriam um determinado percurso, enquanto uma outra procissão, com imagens de Nossa Senhora das Dores e outras, saía de alguma capela próxima, acontecendo o encontro das duas diante da matriz.

Atualmente, a tradicional “procissão do Senhor Morto”, nas sextas-feiras da Paixão, sai do Santuário de São Benedito, por volta das 19h00, dirigindo-se até à praça Francisco Barreto. Outras paróquias da cidade realizam suas próprias procissões, que também podem ser substituídas por outra devoção, como a oração da Via-Sacra.



Tininho Santos

Ainda no lado oeste, está guardado um dos quatro confessionários em madeira, que aqui deixaram de ser utilizados principalmente depois das reformas conciliares. Datam da década de 40 do século passado. Eram dois de cada lado da igreja, na sua parte anterior. Para atender as confissões, o padre se postava em seu interior, e de cada lado, por uma pequena janela com madeira perfurada, ouvia os fiéis e os aconselhava. Note-se, à direita

Tininho Santos



dessa janela, um pequeno quadro onde ficava a oração do penitente: *“Eu pecador me confesso...”*

Apesar do confessionário em madeira, desse tipo, ter caído em desuso e se encontrar no museu, é bom que se frise que o Sacramento da Penitência continua tão atual quanto antes. Ou seja, o poder dado por Jesus à Igreja, na pessoa de Pedro (Mt 16,19), de perdoar os pecados, ligando e desligando os homens a Deus, é o mesmo.

O penitente arrependido, com a humildade de se postar junto ao sacerdote, a quem confessa seus pecados, na verdade está se confessando à Igreja que esse sacerdote representa, e é a Igreja quem restabelece a ligação dessa pessoa com o Pai Misericordioso, que sempre perdoa a quem se arrepende sinceramente.

Encostado a esse confessionário, vê-se um quadro de São Francisco de Sales, bispo, (1567-1622), padroeiro dos jornalistas, quadro esse que ficava na casa paroquial. Conviveu com outros santos, dentre os quais São Vicente de Paulo.

Sua festa é aos 24 de janeiro.



É ainda nesse lado oeste do museu que se encontram os quadros com pinturas ou fotos da maioria dos párocos, e alguns vigários, da paróquia do Divino Espírito Santo de Barretos, desde o Pe. Francisco Valente, o segundo a administrá-la.

Aí estão também os “Estandartes” - quadros em madeira com desenhos sacros, muito

utilizados até à década de 60 sobretudo pelas crianças da catequese, ou pelas “Cruzadinhas”, corporações infantis que usavam uniformes brancos e eram muito procuradas pelas crianças que delas queriam fazer parte. Esses estandartes eram carregados em procissões - com disputas entre as crianças para ter esse direito -, e na igreja seus cabos eram encaixados em argolas de metal já existentes nos bancos da igreja, do lado do corredor central da nave, classe por classe. Ainda hoje algumas dessa argolas são vistas em alguns dos bancos.





Passando-se para o lado leste, ainda no andar superior, outras peças e objetos sacros aí se encontram. De imediato, vê-se uma imagem de Cristo Ressuscitado - uma das primeiras a chegar à igreja, em março de 1922 - sob um “pálio”.

O pálio é esse sobre-céu portátil, com seis varas em metal, antigamente carregado pelos membros da Confraria do Santíssimo Sacramento (V.pg.18), utilizado em procissões sobretudo do “Corpus Christi”. Muitas paróquias, por todo o mundo, ainda o usam, mesmo aqui em Barretos, pois não perdeu seu significado: a dignidade real de Cristo, que é Rei: “*Sim, eu sou Rei*” (Joa 18,37).

Sob a imagem, estendido, pode ser apreciado um véu umeral, ou véu de ombros, utilizado pelo sacerdote ao empunhar a custódia, ou ostensório, com a Hóstia consagrada, seja nas procissões eucarísticas ou para dar a Solene Bênção com o Santíssimo Sacramento.

Esses castiçais, vistos no chão à frente, ficavam no antigo Altar-Mor. Percebe-se que até eles, em seu pedestal, são decorados.



Tiniho Santos

Desse lado, tem-se um altar em madeira, com diversos utensílios litúrgicos e objetos sacros: um sacrário em metal, castiçais, vasos para flores, cruz para procissões, quadros com orações em latim, turíbulos (à direita do altar); na parede, a antiga “lâmpada do Sacrário”.

A “lâmpada do Sacrário”, em metal, é uma bonita peça, adquirida em 1934, e que ficava dependurada no presbitério, ao lado direito da porta entre este e a sacristia. À semelhança das lâmpadas do Santíssimo, em todo o mundo, na verdade se tratava de um recipiente para óleo (azeite), combustível para o pequeno pavio que precisava ficar aceso continuamente noite e dia. Na sua parte superior, um invólucro de vidro, de cor vermelha,

permitia que a luz fosse vista de longe nessa cor.

Hoje, mesmo tendo sido trocado esse tipo de luminária pelas modernas lâmpadas elétricas, nem por isso seu objetivo mudou: indicar aos fiéis a presença de Jesus no sacrário. Ao vê-la acesa, a pessoa de imediato já se dispõe a um gesto de adoração ao Santíssimo Sacramento, através de uma genuflexão simples, ou mesmo de uma sensível reverência ao Senhor Jesus ali presente.

Quando, porém, a Hóstia consagrada está exposta em um ostensório (=custódia), como ocorre na Capela do Ssmo. na catedral de Barretos às sextas-feiras, o fiel, se possível, deve fazer uma genuflexão dupla, ou seja, com os dois joelhos ao chão.

O único dia em que a Eucaristia não fica no sacrário principal, nas igrejas, é da noite da Quinta-

Feira Santa, após a Missa, até à noite do sábado da Vigília Pascal, quando a Eucaristia permanece para adoração dos fiéis em um altar lateral, e depois das cerimônias da sexta-feira santa é recolhida em outro sacrário interno. Nessas horas, as lâmpadas de Sacrário em todo o mundo são apagadas.

Timinho Santos





Timinho Santos

Nessa sala, ainda do lado leste do andar superior, estão expostas mais casulas romanas, hoje substituídas por outras, confeccionadas em tecidos bem mais leves e em estilo gótico. A casula é um paramento que se usa sobre a alva e a estola. Acompanha as cores do ano litúrgico, com seus diversos significados:

- Branco: para ser usado nos dias de festas, principalmente no tempo pascal, e nas festividades marianas. O branco sempre foi a cor da Teofania - manifestações de Deus: Jesus no Tabor, por exemplo. Por ser símbolo da pureza e inocência, os catecúmenos também têm suas roupas nessa cor. O branco da batina do papa (imagem de São Pedro) significa a glória da Igreja, o Reino de Deus terrestre.

- Vermelho: lembra o sangue, o fogo, o coração... É a cor do Amor, do martírio, daqueles que preferem derramar seu sangue do que pecar, por intenso amor a Deus. Os paramentos dessa cor são utilizados, assim, no dia de Pentecostes e nas festas dos mártires.

- Verde: a chamada “Cor da Esperança”, do tempo atual do mundo, à espera da Parusia. Usada no Tempo Comum.

- Roxo: cor circumspecta, entre o vermelho e o azul, indica penitência, meditação, reflexão equilibrada. Por isso, usada no tempo do Advento e da Quaresma, e em funerais.

- Róseo: uma cor amena, intermediária entre o roxo e o branco. Paramentos nessa cor só em dois domingos do ano: 4º domingo da Quaresma e 3º domingo do Advento. Significa quase uma pausa, um descanso, em tempos de penitência.

O preto não é mais usado como cor de paramentos. Como ausência de cor, significando a escuridão das trevas, a liturgia eclesial entendeu que poderia deixar de ser utilizada, pois a morte terrena tem o grande sentido de ser uma simples passagem para outra fase da mesma vida, e portanto carregada de esperança na salvação eterna.

Mas foi usada por séculos, e logicamente na igreja barretense, nas Missas de 7º Dia e em funerais. Recorde-se que, até à década de 70, ainda se tinha o costume de se passar com féretros pela igreja, para a última bênção dos corpos, antes de se seguir para o Cemitério Municipal, no alto da Av. 21. O sacerdote usava, nessa ocasião, não a casula (esta, só em Missas), mas a estola nessa cor: na foto acima, a estola está bem visível, sobre a casula.



Trininho Santos

Em missas de 7º Dia, até os anos 60, muitas vezes se armava um tipo de mausoléu, em madeira, no centro da nave, no cruzamento de ambos os corredores central e laterais, com afastamento dos bancos para esse fim, monumento este que era todo recoberto com alfaia em preto, chamado “Urna Mortuária”. Era uma homenagem póstuma à pessoa recém-falecida, prestada pelos seus familiares.

Atualmente, em uma catequese renovada e bem mais significativa, ensina-se que uma Missa tem tanto valor, em si mesma, que nunca foi nem é preciso que uma “Missa de Sétimo Dia” seja exclusivamente nessa intenção.

Não se deve pensar que **Liturgia** (do grego "leitourgía" - função pública) seja apenas

o conjunto de normas e rituais que devam ser obedecidos em alguma celebração. O sentido é muito mais amplo e todo cristão deve estudá-la e vivê-la. Esse estudo e essa vivência são fundamentais. Transcrevemos aqui um trecho da *Constituição sobre a Sagrada Liturgia - Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II, para termos uma informação mais precisa:

"A Liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros. Disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia nenhuma outra ação da Igreja iguala, sob o mesmo título e grau." (SC n.7)

Para a vivência dessa ação sagrada de Cristo Sacerdote, através de seu Corpo Místico, que é a Igreja, foi estabelecido, desde os primórdios, um método de se realizar esse Memorial da Redenção, válido para todo o mundo. Assim, chama-se **Ano Litúrgico** a Representação anual e sensível da vida de Cristo, recordando os principais acontecimentos que a precederam ou a seguiram. O "Tempo Litúrgico", pois, acontece



Trininho Santos

Além de objetos e imagens que adornavam antigos altares, vemos acima o lábaro da "Legião de Maria" (Legio Mariae), confraria religiosa fundada na Europa em 1921 e que se espalhou por todo o mundo, tendo presença atuante também em muitas paróquias no Brasil.

em ciclos de três anos, cada um recebendo a seguinte denominação: Ano A - São Mateus; Ano B - São Marcos; e Ano C - São Lucas.

Para se definir a seqüência desses Anos, a Igreja estabeleceu o seguinte método: todos os anos cuja soma de seus algarismos for divisível por 3, é o Ano C "São Lucas". Exemplos: 2004, a soma destes algarismos é 6, que é divisível por 3, sem deixar resto ($6 : 3 = 2$); portanto, 2004 é Ano C "São Lucas"; conseqüentemente, 2003 é B "São Marcos", 2002 é A "São Mateus". 2005 é Ano A, e 2006 é Ano B.

Os Anos C "São Lucas" desse início do século XXI são, portanto, os seguintes: 2001, 2004, 2007, 2010, 2013, 2016, 2019, 2022, 2025, 2028... e assim por diante.

Nos anos A, é lido nas Missas o Evangelho segundo Mateus; nos B, o de São Marcos; nos C, o de São Lucas; além desse método valer para as demais leituras de outros trechos de livros e salmos da Bíblia. O Evangelho segundo João é lido no tempo pascal e nas principais festas litúrgicas, todos os anos.

Além disso, cada Ano Litúrgico é dividido em outros três ciclos principais: **1) NATAL**; **2) PÁSCOA**; **3) PENTECOSTES**, correspondendo aos mistérios do Nascimento e Ressurreição do Salvador, e ao da missão do Espírito Santo, o Espírito do Senhor Jesus enviado para conosco permanecer até à consumação dos séculos. Cada um destes três ci-

Tininho Santos



Uma batina utilizada pelo primeiro bispo de Barretos, Dom José de Mattos, também se encontra exposta no museu, na sala do lado leste, dentre outros objetos que fazem parte da história da igreja.

culos (ou festas principais) é precedido de um tempo de preparação, e seguido de outras festas que lhe são anexas:

1) NATAL: o Ano Litúrgico começa com os quatro domingos antes de 25 de dezembro (Tempo do Advento). Celebrado o Natal, seguem-lhe as comemorações da Sagrada Família, da Apresentação no templo, Epifania (manifestação aos povos - Reis Magos), e a festa do Batismo de Jesus;

2) PÁSCOA: começa com os cinco domingos da Quaresma (Campanha da Fraternidade); vive-se a Semana Santa (Tríduo Pascal) e a "Páscoa" - a festa das festas, a principal do Ano. Os domingos que lhe seguem (Tempo Pascal) correspondem ao período de Cristo glorificado até à Ascensão.

3) PENTECOSTES: A preparação se inicia na festa da Ascensão e vai até o Domingo de Pentecostes. O Dia de Pentecostes é considerado o aniversário da Igreja de Cristo, como se fosse a data oficial de sua fundação.

Quando não se está em algum dos tempos acima elencados, os demais domingos pertencem ao *Tempo Comum* (em número variável), que significam o tempo presente da humanidade e do mundo, e que se encerra, junto com o Ano Litúrgico, na Festa de Cristo-Rei do Universo, uma semana antes do Advento, ou de um novo Ano Litúrgico.



Igreja do Timinho Santos

O estilo greco-romano da igreja é percebido desde a sua fachada. Exemplo são as duas colunas em cada lado da porta principal e do vitral do centro, estilo esse que continua no seu interior, quanto à arquitetura. A decoração basicamente se apóia no estilo neoclássico.

Sobre a **PÁSCOA**, a principal festa da Igreja - “*Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação*” (1Cor 15,14), têm grande significado as interessantes forma e fórmula empregadas, desde o Concílio de Nicéia, no ano 325, para se estabelecer em que domingo os cristãos deveriam comemorar esse grande dia. Não se tinha uma data específica para a Páscoa, pois não só o calendário era o antigo, como ninguém nunca se preocupara em marcar as datas em que os acontecimentos da vida de Jesus haviam se dado. Nem mesmo os evangelistas, alguns poucos anos depois da morte de Cristo, tinham tido essa preocupação. Assim, naquele Concílio, uma vez que a Páscoa merecia ser festejada no tempo mais bonito do ano, concluiu-se que a Primavera seria a época mais adequada, também pelo que ela representa para a natureza: é quando a vida parece renascer, depois dos rigores do inverno. A Salvação operada por Deus, completada pela Ressurreição do Filho, resgata a humanidade do inverno em que se encontrava.

Naquele tempo, a lua também tinha importância fundamental no dia-a-dia das pessoas, que costumavam marcar inúmeras atividades de acordo com suas fases, sobretudo em relação às práticas agrícolas. Escolheu-se então a Lua Cheia - a mais bonita das fases - para se comemorar a Páscoa. É por isso que, até hoje, em todos os anos, a Páscoa acontece no primeiro domingo depois da Lua Cheia do início da primavera no hemisfério norte.



Tíniho Santos

Ao término da construção da igreja, houve a preocupação com acabamentos em sua arquitetura, sendo aplicadas molduras não só na fachada principal, mas nas laterais e em sua parte traseira.

Para nós, no Brasil, e no hemisfério sul - colonizado mais de mil anos depois daquele Concílio, a estação da Páscoa não é a Primavera, mas o Outono. Mas a fórmula empregada continua a mesma.



José Paulo Lombardi

O estilo greco-romano da igreja, percebido desde a fachada principal, é empregado até em sua parte traseira. Como exemplo, as duas “colunas” de cada lado dos dois vitrais centrais.

Um observador mais atento irá perceber também o cuidado no acabamento em cada um dos cantos, vértices, beirais, faixas, do solo ao cume, compondo harmonicamente toda a sua arquitetura. Essas molduras e detalhes foram aplicados a partir de 1910.



A cúpula é octogonal, com pares de vitrais em sete de suas paredes e, no cume central, o zimbório - adorno que é o remate da cúpula, popularmente chamado de “a Torre do Galo”.

Os oito vitrais do zimbório, além de o embelezarem, dão ainda a luminosidade necessária para o efeito de luz que se pode observar bem no centro da cúpula, no lado interno, por quem se encontra no presbitério (V.pg.142).



Timinho Santos

A figura de um galo começou a ser usada em torres de igrejas a partir do séc. IX, na Itália, e logo se difundiu. O galo, nas artes em geral, em épocas anteriores, era retratado ora em sua forma positiva, ora negativamente.

Sua associação mais famosa é com a negação de Pedro quando, depois da prisão do Mestre, disse que não o conhecia. Jesus, já no Monte das Oliveiras, depois da Última Ceia, lhe havia dito que isso iria acontecer, antes que o galo cantasse, ou seja, logo em seguida (Mc 14,26ss).

Mas não é para lembrar esse triste fato da vida de Pedro que o galo ali é colocado. Na verdade, assim como ele anuncia a chegada do amanhecer, e saúda com seu canto o nascer do Sol, também a Igreja é a anunciadora de um novo amanhecer para a humanidade, com o Cristo que vem, em sua Parusia, para o resgate final dos homens de boa-vontade de todos os tempos, pondo ordem em todas as coisas, surgindo então “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1).

Esse anúncio é feito continuamente ao mundo em todas as direções, como se vê na simbologia das setas que saem do centro do círculo (este, símbolo da perfeição de Deus), no cume.



O campanário, a 18 metros de altura - o ponto mais alto da torre atinge 26,5 m -, embora terminado em 1911, só ganhou sinos bem mais tarde, assim mesmo os menores. O atual “carrilhão” - conjunto de quatro sinos (vistos abaixo, em destaque) - só foi completado em 1948, com a chegada dos dois maiores.

Originalmente, eram soados por cordas que, amarradas nas suas peças móveis de sustentação, provocavam o seu balanço e os toques pelos seus respectivos badalos. Seus sons eram ouvidos a quilômetros de distância. Hoje, são acionados por dispositivos elétricos.

Os dois sinos menores são soados pelo relógio, abaixo do campanário, que aciona os respectivos martelos em intervalos de quinze minutos.





Tininho Santos

Originalmente, os sinos eram muito mais usados do que atualmente. Soavam às 6 horas da manhã, ao meio-dia e às 18h, invariavelmente, lembrando os fiéis a recitarem as Ave-Marias. Chamavam o povo para as Missas, ou o avisava sobre falecimentos na comunidade. Eram motivos de júbilo, nos dias de festas, mas também portadores de tristes notícias, como guerras, tempestades, incêndios... Só se calam na sexta-feira santa, desde o momento do “Glória”, na “Missa do Lava-pés” (Quinta-feira Santa), até ao “Glória” da Missa festiva da Vigília Pascal, quando voltam alegres comemorando a Ressurreição do Senhor. Nesse período de silêncio, usa-se a “matraca”, instrumento de madeira que soa ao bater de ferros nele fixados, produzindo um som característico simbolizando a tristeza pela morte de Cristo.

Os sinos passaram a ser usados a partir da Idade Média. Antigamente, eram usadas trombetas, pelas autoridades e pelos sacerdotes. A partir do séc. IV, surgiram buzinas, depois as matracas, e placas de metal, sempre com os mesmos fins, até que começaram a ser fundidos os sinos, em bronze.

Hoje, a vida moderna das cidades, aliada à maior pluralidade religiosa, bem como todo o potencial tecnológico das comunicações, fez com que eles permaneçam por muito mais tempo em silêncio.

O maior sino da catedral de Barretos, no centro do campanário, tem

0,95 m de altura, 0,90 m de diâmetro, e pesa 600 quilos. Veio de Campinas, onde foi fabricado, e tem a data de 16/05/48 nele impressa, além de nomes dos seus doadores, o símbolo do Padroeiro, ao alto, e o nome do então “vigário”, Pe. Aurélio Arbeloa, SS.CC.

“Não foi fácil colocá-lo lá em cima”, lembra Luis Scannavino (um dos nomes nele impressos).





Tininho Santos

Se a torre a oeste se tornou campanário, a da parte leste é vazia e aberta. Depois da construção de ambas, em 1910, elas foram fechadas por venezianas.

Cada uma delas é encimada por um zimbório em bronze, cor esta recuperada agora na reforma de 98. Elas haviam sido pintadas na cor grafite, que escondera a sua beleza original.



Em cada quina de ambas as torres, foi colocado o símbolo “Cruz na Roda” (V.pg.114), mas aqui nos dois sentidos dos pontos cardeais: Norte-Sul, Leste-Oeste.

Mesmo aqui, a quase 30 metros de altura, nota-se a mesma preocupação no estilo arquitetônico, com a aplicação das molduras greco-romanas, e agora mais destacadas com a cor branca nelas empregada.



No centro do prédio, ao alto, a Cruz. Símbolo máximo do cristianismo, a partir notadamente do ano 313, quando o imperador Constantino, filho de (Santa) Helena, teria visto projetada no céu uma Cruz, com a inscrição “*In hoc signo vinces*” - Por este sinal, vencerás -, antes de uma batalha decisiva que, aliás, ganhou.

Santa Helena foi a rainha-mãe cristã que, em peregrinação a Jerusalém, trabalhou incansavelmente no resgate dos lugares históricos e sagrados da vida de Jesus, fazendo Constantino construir a Igreja do Santo Sepulcro no Calvário.

Hoje, uma gigantesca imagem de Santa Helena, com uma cruz, fica bem no centro da Basílica do Vaticano, em Roma, à volta do altar erguido sobre o túmulo de São Pedro. Túmulo este sobre o qual esse mesmo imperador, que à época proibiu as perseguições aos cristãos, erigiu a primeira basílica constantiniana, depois substituída pela atual.

Os romanos, principalmente, tinham horror à cruz, cruel instrumento de morte> Para os judeus e outros povos, representava um suplício vergonhoso. De Constantino em diante, porém, os cristãos passaram a cultuar a Cruz, como símbolo da Redenção obtida por Cristo.

Perdeu seu caráter de opróbrio, transformou-se em Sinal da Vitória do Filho, e Sinal do Cristão.

No cume central da catedral, reina imponente, como um sol a espalhar seus raios de salvação a todos quantos queiram acreditar no Salvador Jesus.



Trininho Santos



Sobre o cume de cada torre, novamente aparece a Cruz, dessa vez em seu estilo que, na arte-sacra, é chamado de “Cruz na Roda”.

Enquanto, porém, a sua versão simples consta de uma única cruz, aqui é usada a versão dupla, com duas cruzes em dois círculos, apontando para os quatro pontos cardeais, Norte-Sul, Leste-Oeste.

Já vimos que o círculo é um símbolo de Deus, por não ter início nem fim, Ele que é o Alfa e o Ômega.

Nesse caso, os vértices da catedral do Divino Espírito Santo servem como um fecho admirável para essa obra de todo um povo cristão, que há mais de 150 anos habita essa parte abençoada do planeta, hoje moradia de todos os Barretos, de nascimento ou de coração.

PEQUENO VOCABULÁRIO DE TERMOS LITÚRGICOS

* **DIRETÓRIO LITÚRGICO:** Pequeno livro, publicado anualmente pela CNBB, e distribuído em todas as dioceses do país, que contém dados sobre a organização administrativa da Igreja no Brasil, nomes, endereços e outras informações sobre todos os cardeais, arcebispos e bispos brasileiros e suas respectivas dioceses. Traz também as informações litúrgicas do dia-a-dia para as diversas celebrações, de acordo com o Ano Litúrgico, e que devem ser seguidas em todas as comunidades paroquiais.

* **MISSAL, LECIONÁRIO, SANTORAL, FERAL ...:** Livros especiais com Orações, Leituras, Salmos, Rituais, a serem utilizados em Missas, celebrações litúrgicas diversas, Sacramentos e Sacramentais.

* **VELA:** Simboliza Cristo Ressuscitado, Luz do Mundo, e sempre deve estar acesa nas celebrações.

* **CANDELABROS ou CASTIÇAS:** Objetos apropriados para se colocar velas.

* **CÍRIO PASCAL:** Vela especial para o Tempo da Páscoa; preparado na noite da Vigília Pascal (sábado de Aleluia), logo em seguida à bênção do fogo novo, ao se iniciar a celebração. Simboliza Cristo Ressuscitado, a Luz por excelência, que agora ilumina o mundo. Nele, está desenhada uma cruz; sobre ela, a letra A (ou Alfa - em grego) e, embaixo, a letra Z (ou Ômega - em grego, correspondente ao nosso Z), simbolizando que Cristo-Deus é o Princípio e o Fim; também é inscrito no Círio os algarismos do ano civil atual; e nele também são cravados cinco grãos de incenso, lembrando as cinco chagas de Cristo.

* **CORES LITÚRGICAS:** São o *BRANCO*, *VERMELHO*, *VERDE E ROXO*. Geralmente utilizadas em toalhas, velas, e combinando com a estola do presbítero, e de acordo com o Tempo do Ano Litúrgico. *BRANCO* (luz, claridade, pureza), usado no Tempo Pascal e festas principais; *VERMELHO* (sangue, fogo, amor, martírio), no Pentecostes, festas de mártires...; *VERDE* (natureza, esperança), no Tempo Comum; *ROXO* (penitência, humildade, tristeza), no Advento, Quaresma, funerais.

* **PARAMENTOS:** Vestes litúrgicas, usadas nas diversas celebrações.

* **AMITO:** lembrando o capuz de certos religiosos, é um pano de linho sobre os ombros e pescoço do presbítero; veste-se antes da túnica ou alva, mas poucos padres ainda o usam.

* **TÚNICA, ALVA ou VESTE TALAR:** Túnica de linho branco, que desce até aos pés, ou calcanhar (talar). Lembra a veste nupcial exigida por Cristo (Mat 22, 12).

* **CORDÃO, CÍNGULO:** Para amarrar, prender a alva ao corpo, facilitando o andar ("Cingi os vossos rins" - Lc 12, 35)

* **ESTOLA:** lembra a antiga toga dos romanos. Simboliza a dignidade sacerdotal, e é usada em todas as celebrações litúrgicas. Os diáconos a usam em diagonal.

- * **CASULA:** Vestimenta com uma abertura para a cabeça, para se usar por sobre a alva e estola, cobrindo até aos joelhos. Geralmente é usada em celebrações mais solenes.
- * **MANÍPULO:** (do latim “manus”, “mão”), um tipo de lenço antigamente preso ao pulso esquerdo do sacerdote, que posteriormente se tornou um paramento, perdendo a função de “lenço”, e hoje raramente usado.
- * **SOBREPELIZ:** Veste curta, até à cintura, na cor branca, que os clérigos ou sacerdotes (e mesmo acólitos) usam sobre a batina, em algumas funções litúrgicas.
- * **BATINA:** Veste talar de padres, bispos, abades e clérigos, de cores variadas, com pouco uso atualmente no Brasil desde o final da década de 60. Tem sido substituída, às vezes, pelo “*clergyman*”.
- * **SOLIDEU:** Pequeno chapéu, em forma de calota, usada por bispos. O nome deriva da expressão “Soli Deo”, ou seja, o bispo o tira da cabeça em respeito “só a Deus”.
- * **BARRETE:** Pequeno chapéu quadrangular, vermelho, usado mais por cardeais.
- * **MITRA:** Barrete alto e cônico, fendido lateralmente na parte superior e com duas faixas que caem sobre as espáduas, que o Papa, os bispos, arcebispos e cardeais põem na cabeça em solenidades pontificais.
- * **TIARA:** Mitra do Papa.
- * **PLUVIAL:** (do latim “pluvia”, chuva) ou Capa: Espécie de manto, em geral ornamentado, utilizado pelo sacerdote em certas cerimônias, como em exposições ou procissões do Santíssimo Sacramento.
- * **VÉU UMERAL:** (do latim “humerus”, ombro): Vestimenta no formato retangular, como uma pequena capa ornamentada, utilizada sobre o pluvial, em bênçãos solenes ou procissões com o Ssmo. Sacramento.
- * **PÁLIO:** Sobrecéu portátil, com varas, que se conduz em procissões, caminhando sob ele o sacerdote com o Ssmo. Sacramento na Custódia ou Ostensório. É nome também da estola especial e honorífica dada pelo Papa a arcebispos e outros prelados como distinção.
- * **OSTENSÓRIO ou CUSTÓDIA:** (do latim “ostendere”, ostentar, mostrar): Objeto específico que serve para expor à adoração pública o Corpo de Cristo, na forma de Hóstia consagrada.
- * **HÓSTIA** (do latim “hostia”, vítima oferecida à divindade em sacrifícios públicos): Partícula fina, circular, de pão ázimo (massa de farinha de trigo e água, assada sem fermento), que por milagre se transforma em Jesus Cristo, nas missas, durante o rito da Consagração. Sem fermento, para lembrar a fuga do povo hebreu do Egito e a pureza de Cristo. A forma redonda significa o círculo, forma da perfeição, ou seja, de Deus, sem princípio e sem fim.
- * **PARTÍCULA:** Pequena parte de hóstias consagradas; sobras, ou até mesmo uma hóstia inteira.
- * **EUCARISTIA:** (do grego “eucharistia”, ação de graças): Presença real de Jesus neste mundo, com seu corpo, sangue, alma e divindade, em forma de alimento, e por isso parecendo pão e vinho. “Se não comerdes da carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós” (Jo 6, 53). Outros nomes: Pão Vivo dos Céus, Pão dos Anjos, Ssmo. Sacramento do Altar, Hóstia; Viático (quando dado a moribundos como força para sua viagem à eternidade), Mistério da Fé (porque cremos mesmo sem compreender como se dá a transubstanciação).

* **TRANSUBSTANCIAÇÃO:** Ato de transformar a essência de um objeto. No caso da Eucaristia, pelo poder de Deus, o pão e o vinho, na Consagração, deixam de ser pão e vinho substancialmente (essencialmente, na sua essência); permanecem apenas as aparências de pão e vinho.

* **TRANSLADAÇÃO** (do latim “transladere”) ou **TRASLADAÇÃO:** Ato de se mudar algo de um lugar para outro. Exemplo: na Quinta-feira Santa, após a Missa da Ceia do Senhor, o Ssmo. Sacramento é transladado para um altar especial, previamente preparado, onde fica para adoração pública até à celebração da Paixão, na 6ª feira Santa.

* **ALTAR ou ARA:** Desde a antiguidade, mesa especial consagrada para os sacrifícios religiosos, onde as vítimas (hóstias) eram imoladas. Na Nova Aliança de Deus com os homens, a Cruz foi e é o novo, único e verdadeiro Altar, onde a Hóstia é o próprio Filho de Deus - “Cordeiro de Deus”, abolindo os sacrifícios antigos e, desde então, as Missas são Memorial perene desse holocausto de Cristo.

* **TOALHA:** Da mesma forma que são estendidas nas mesas, às refeições, em todas as celebrações deve ser estendida uma toalha sobre o altar ou sobre a mesa a ser utilizada.

* **PRESBITÉRIO** (do grego “presbyter”, ancião): Local da igreja ou capela onde fica o altar, ou o lugar do sacerdote ou dos sacerdotes nos sacrifícios eucarísticos.

* **NAVE** (de “navio”, “barca”): O espaço central, em igrejas ou capelas, onde fica o povo. Em sentido restrito, o corredor central desde a entrada até ao presbitério.

* **CÁTEDRA:** Cadeira do bispo ou do presbitério que, nas celebrações, preside a assembléia e dirige a oração.

* **AMBÃO:** Lugar apropriado e digno para o anúncio da Palavra, para o qual espontaneamente se dirige a atenção dos fiéis durante o Rito da Palavra nas celebrações. Não confundir com “púlpito”, lugar próprio para pregações, homilias...

* **SACRÁRIO** (do latim “sacrus”, sagrado) ou **TABERNÁCULO:** É o cofre onde se guardam as hóstias consagradas, nas igrejas, em lugar de destaque, geralmente no presbitério, ou em pequenas capelas próximas. Lembra a Tenda, no deserto, onde se guardava a Arca da Aliança (que continha as Tábuas dos Mandamentos e o “Maná” (pão do céu), alimento dado ao povo hebreu em sua caminhada rumo à Terra Prometida, Arca esta que depois ficou no Templo de Jerusalém, até à sua destruição no ano 70.

* **CORTINA DO SACRÁRIO:** Dentro, e às vezes também na frente do Sacrário, a cortina tem um também um significado: o de que Cristo está apenas escondido, sob as aparências de pão e vinho, como que por trás de uma cortina...

* **LÂMPADA DO SACRÁRIO:** Sinal da presença de Cristo, Luz do Mundo, no tabernáculo ou sacrário. Deve permanecer sempre acesa, dia e noite, se nele estiver o Ssmo. Sacramento. Geralmente na cor “vermelha” (ver “cores litúrgicas”).

* **CIBÓRIO:** Vaso sagrado onde se guardam ou se transportam hóstias consagradas.

* **VÉU DE CIBÓRIO:** Uma capa que recobre o cibório quando este contém hóstias consagradas.

* **ÂMBULA:** Pequeno recipiente onde se guardam ou se transportam os Santos Óleos (para Batismo, Crisma, Unção de Enfermos).

* **MESA CREDENCIAL:** Pequena mesa onde se colocam os utensílios a serem utilizados nas celebrações, como galhetas, manustérgio, cálice, cibório, missal, dentre outros.

Pode ficar no presbitério, ou até na entrada da igreja quando se for fazer procissão com oferendas.

* **GALHETAS** (do espanhol “galleta”): Pequenos recipientes, em geral de vidro, para a água e o vinho, que serão utilizados nas Missas.

* **COLHERINHA DAS GALHETAS**: Pequena colher para se colocar uma gota de água no vinho, no cálice, simbolizando a união perfeita da natureza humana (água) e da natureza divina (vinho) na única pessoa de Cristo.

* **MANUSTÉRGIO**: Pequeno pano para o sacerdote enxugar os dedos após purificá-los, durante a preparação das oferendas.

* **LAVABO**: Pequena vasilha com água para se purificar os dedos, antes de se tocar com eles na Eucaristia. Purificador.

* **ABLUÇÃO** (do latim “abluere”, lavar): Ato de se purificar com água, simbolizando o desejo de pureza do nosso interior diante de Deus, além de questões de higiene. Os ministros da Eucaristia também devem fazer a ablução dos dedos no Lavabo, antes e depois de tocar nas hóstias consagradas. Esta água, depois, deve ser derramada em lugar digno, diretamente na terra, por exemplo em um vaso de plantas.

* **CORPORAL** (do latim “corpus”): Pano engomado sobre o qual o presidente da Celebração coloca a Hóstia e o Cálice no altar.

* **SANGUINHO ou SANGUÍNEO** (de “sangue”): Pequeno pano que o sacerdote ou ministro usa para enxugar e limpar cálices, cibórios, patenas usados em Missas. Esse paninho, da mesma forma que o corporal, só podem ser lavados posteriormente em utensílios cuja água seja derramada na terra, em locais apropriados, como vasos de plantas. Jamais em pias com ligação a redes de esgoto.

* **CÁLICE**: Vaso especial, de metal dourado ou prateado, vidro ou cristal, usado nas Missas para o vinho que se transforma em sangue de Cristo.

* **PATENA ou PÁTENA**: Pequeno prato, em formato circular, de metal dourado ou prateado, que recebe a Hóstia.

* **PALA**: Cartão quadrado revestido por um pano, com que o sacerdote recobre o cálice ou a patena.

* **TECA** (do grego “theke”, cofre, estojo): Pequeno recipiente, em geral redondo, para acondicionamento e transporte de hóstias consagradas, destinadas a comunhões fora da missa, ou em celebrações da Palavra com distribuição da Eucaristia.

* **ASPERGIR** (do latim “aspergere”): Borrifar ou respingar gotas de água benta em pessoas ou objetos, em celebrações litúrgicas.

* **HISSOPE** (do grego): Aspersório; objeto próprio para se aspergir água benta.

* **ANDOR** (do sânscrito “hindola”): Padiola portátil e ornamentada, na qual se conduzem imagens nas procissões.

* **ANTÍFONA**: Curto versículo recitado ou cantado pelo presidente da celebração, antes e depois de um salmo, e ao qual respondem alternadamente duas metades do coro.

* **GENUFLEXÃO** (do latim “genu” - joelho): Flexão do joelho. Ato de se dobrar um ou os dois joelhos, em atitude de adoração.

* **GENUFLEXÓRIO**: Móvel próprio para se ajoelhar, com apoio para os braços.

* **INCENSO:** Substância mineral que, ao ser queimada, produz uma fumaça com perfume característico, utilizado desde a antiguidade para os reis ou em cerimônias religiosas. Hoje é utilizado em missas solenes, Exposições do Ssmo Sacramento e algumas procissões.

* **TURÍBULO:** Recipiente especial, preso a correntes, onde se queima o incenso.

* **NAVETA** (do italiano "navetta" - pequeno navio): Recipiente em forma de barca onde se serve o incenso para ser colocado no turíbulo.

* **TURIBULÁRIO:** Quem carrega o turíbulo nas celebrações ou procissões.

* **CRUZ:** Sobre o altar ou na parede do presbitério. É indispensável na celebração, pois recorda o sacrifício de Jesus. A Missa é renovação em memorial (não "lembrança") da Morte e Ressurreição de Jesus.

* **CRUCIFERÁRIO:** Aquele que carrega a cruz geralmente à frente de celebrações ou procissões.

* **ACÓLITO:** Aquele que serve os sacerdotes em celebrações litúrgicas. Primeira das Ordens Menores. Auxiliar; coroinha.

* **DIÁCONO:** Geralmente no último ano de seus estudos, no 4º. Ano de Teologia, o futuro sacerdote recebe o sacramento da Ordem no seu primeiro grau, chamado DIACONATO. Ao finalizá-los, é "ordenado padre", como se diz, ou seja, recebe o segundo grau do sacramento da Ordem, o PRESBITERATO. O terceiro grau, ou a plenitude deste sacramento, somente um bispo recebe ao ser sagrado: o EPISCOPADO. O diácono, mesmo o que tenha recebido o Diaconato Permanente (leigo que recebe apenas o primeiro grau do sacramento da Ordem), utiliza a estola, mas em sentido diagonal.

* **FLORES:** Representam a alegria, a festa. No tempo do Advento e no Tempo da Quaresma, não são usadas. Só flores naturais podem ser utilizadas. Deve-se evitá-las diretamente sobre a mesa do altar.

* **PEIXE:** O peixe, tradicionalmente, também representa Cristo, não só por Ele ter escolhido, para apóstolos, uma maioria de pescadores, mas porque, na época das perseguições, os cristãos desenhavam este símbolo em suas casas e nos lugares sagrados, como uma espécie de senha, pela qual se davam a conhecer. Na verdade, a palavra "peixe", em grego, é "Iktus":

I - letra jota (pronuncia-se "i") = Jesus

O - letra K (pronuncia-se "qui") = Cristo

I - letra T, de "Téos" = Deus

h - letra U, de "Uiós" = Filho

E - letra S, de "Sotér" = Salvador

Assim, as primeiras letras das palavras "Jesus Cristo, Deus Filho, Salvador", em grego, eram o acróstico oriundo da palavra "peixe".

INRI - Inscrição colocada no alto da cruz, por ordem de Pilatos (Joa 19,19).

Em latim: "Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum", isto é, Jesus Nazareno, Rei dos Judeus".

BIBLIOGRAFIA

1. BARBET, Pierre. *A paixão de Cristo segundo o cirurgião*. 4ª ed., Loyola, São Paulo, 1976.
2. CAPORILLI, Memmo. *I papi*, Ed.Spada, Roma, 1985.
3. CATECISMO da Igreja Católica. 4ª ed., Vozes-Paulinas-Loyola-Ave Maria, 1993.
4. CNBB. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil Doc. 43*, Paulinas, São Paulo, 1997.
5. COELHO, Pe. Ildeu P., OFM. *São Vicente, uma voz de ontem para hoje*, Vozes, Petrópolis, 2001.
6. COMPÊNDIO do Vaticano II, *Constituições, Decretos, Declarações*, 10ª ed., Vozes, Petrópolis, 1968.
7. HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte, vol.1 e 2*, 4ª ed., Ed.Mestre Jou, São Paulo, 1982.
8. HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos, imagens e sinais da arte cristã*, Paulus, São Paulo, 1994.
9. LAZZARIN, Piero. *Il libro dei Santi*. Ed.M.Padova, Pádua, 1987.
10. MICHEL, Jean-Claude. *Quem és tu, Maria?*, Ed.Ave-Maria, São Paulo, 1996.
11. PERSCH, Pe. Léo. *Um só evangelho ou Harmonia dos Evangelhos*, Raboni, Campinas, 1996.
12. PROJA, G. Battista. *Santa Lucia*, Roma, 1991.
13. SPIRAGO, Francisco. *Catecismo Católico Popular*, 4ª ed., União Gráfica, Lisboa, 1944.

ÍNDICE

**Atenção: a numeração a seguir corresponde à do livro impresso.
Nesse arquivo PDF, deve-se somar 7 a cada número;
por ex., “Acróstico” se encontra nas páginas 46 e 196;
“Bancos e móveis”, à p. 32; etc**

Acróstico	39, 189
Altars laterais	15, 21, 24, 34, 80, 81, 99, 103
Altar-Mor	15, 20, 23, 29, 31, 80, 81, 122, 166
Âncora	39, 127
Anjos	23, 39, 40, 77, 115, 121, 143, 153
Artes-sacras	4, 5
Atributos	61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 141, 145, 148, 149
Auréola	76, 77
Bancos e móveis	25
Bom Pastor (quadro)	20, 159, 160
Campanários	16, 178
Capela do Santíssimo	34, 153, 168
Cesário Ceperó	33, 44, 126, 153
Cidade de Maria	82
Colégio Maria Auxiliadora	27, 32, 85
Colunas	45
Confessionário	20, 27, 164
Congregação dos Sagrados Corações	24, 159
Cordeiro de Deus	44, 119, 143
Coro	25, 108
Cristo Ressuscitado	15, 44, 81, 166
Cruz	39, 59, 91, 92, 93, 94, 95, 112, 114, 119, 122, 182, 183, 184
Cúpula	14, 15, 122, 142, 176
Dedicação da Catedral	36, 37
Dom Antônio Maria Mucciolo - 2º bispo	33
Dom Antônio Gaspar - 4º bispo	38, 158
Dom José de Mattos Pereira - 1º bispo	32, 33, 43, 44, 91
Dom Pedro Fré - 3º bispo	33, 37, 158
Educandário Sagrados Corações	24, 90
Espírito Santo	9, 10, 23, 27, 31, 51, 63, 71, 77, 109, 110, 113, 115, 126, 135, 136, 180
Estandartes	165
Estigmatinos (Congregação dos...)	30, 32
Eucaristia	70, 72, 79, 118, 143, 144, 154, 155, 156, 157
Fundação de Barretos	8, 9
Humildade	120
Imaculado Coração de Maria	23, 31, 77, 87, 88, 159
Imagens	5, 60

Inauguração	15, 20, 21, 23, 26, 27
Início das obras	11
Irmãos do Santíssimo (Confraria dos)	18, 58, 162, 166
Irmãos de Santo André	27
Jazigos para bispos	43
Lâmpada do Sacrário	20, 167, 168
Liturgia - Utensílios litúrgicos	6, 7, 8, 162, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 185
Mandamentos	89, 129, 132
Mesa da Comunhão	16, 20, 122
Missas do Galo	81
Monogramas de Cristo	116, 118, 161
Morescalchi (João e Theodósio)	20, 21, 25, 81
Museu sacro	23, 34, 162, 165, 166, 167, 169, 172
Nossa Senhora	74, 75, 110
Nossa Senhora Aparecida	11, 80, 81, 82, 100
Nossa Senhora da Imaculada Conceição	69, 73, 76, 99, 100
Nossa Senhora das Dores	11, 96, 163
Pai Nosso	120
Pálio	102, 166
Parusia	61, 136, 146
Pe. (Dom) Antônio de Souza - 17º pároco	31
Pe. Aurélio Arbelôa - 11º e 13º pároco	24, 27, 180
Pe. Carlos Otaviano Dias - 8º pároco	18
Pe. César Luzio Jr - 15º e 19º pároco	30, 33
Pe. Deusmar Jesus da Silva - 20º pároco	34, 38, 162
Pe. Félix Gonzalez - 12º pároco	26
Pe. (Mons.) Francisco Esteves - 18º pároco	32
Pe. Francisco Valente - 2º pároco	11
Pe. (Dom) Hélio Pascholal - 16º pároco	30
Pe. Henrique Sassi - 1º pároco	10
Pe. José Ceccere - 4º pároco	12
Pe. José Martins - 5º pároco	14
Pe. Manoel da Costa Gomes - 6º pároco	15
Pe. Paulo Campos Dall'Orto - 14º pároco	30
Pe. Raimundo Fuentes - 10º pároco	24, 159
Pe. Ramiro de Campos Meirelles - 3º pároco	11
Pe. Vicente Francisco de Jesus - 9º pároco	20, 159
Pe. Vicente Coira - 7º pároco	16
Pedro Perozzi	33, 44, 126, 153
Pia Batismal	15, 33, 34, 43, 44, 123
Pia de água benta	25, 39, 42
Piedade	132, 153, 154, 155
Placas	26, 27, 35
Presbitério	14, 15, 20, 31, 33, 34, 122, 142

Prudência	128
Púlpito	20, 25, 54, 58
Relógio	16, 17, 19, 20, 34, 178
Sacristia	24, 153, 159, 161
Sagrado Coração de Jesus	11, 23, 31, 40, 72, 77, 86, 87, 159
Sagrados Corações	24, 27, 77, 78, 86, 110, 121, 159
Salve-Raíinha	133
Santa Ana	89
Santa Cecília	107
Santa Helena	183
Santa Inês	102
Santa Luzia	101
Santa Maria Madalena	15, 98
Santa Mônica	139, 140
Santa Rita de Cássia	84
Santa Terezinha do Menino Jesus	150
Santíssima Trindade	31, 113, 117, 119, 136
Santo Agostinho	139, 140
Santo Ambrósio	138
Santo André	54, 59
Santo Antônio de Pádua	24, 105
Santo Expedito	24, 103, 106
Santo Rosário (terços...)	132, 133
São Bartolomeu (Natanael)	53, 55
São Felipe	53, 56
São Francisco de Assis	15, 90
São Gabriel de Nossa Senhora das Dores	147
São Jerônimo	140, 141
São João Bosco	85
São João evangelista	54, 60, 65, 97, 145, 172
São José	15, 23, 31, 66, 68, 73, 83, 98
São Judas Tadeu	45, 48
São Lucas	45, 49, 67, 148, 172
São Marcos	64, 151, 152, 172
São Mateus	45, 47, 66, 149, 172
São Matias	45, 51, 109
São Sebastião	11, 24, 103, 104
São Simão	46, 50
São Paulo	20, 53, 125, 151
São Pedro	20, 54, 124, 151, 183
São Tiago	53, 57
São Tomás de Aquino	137
São Tomé	46, 52
Sarça ardente	129, 140

Senhor dos Passos	11, 91, 92, 163
Senhor Morto	11, 34, 44, 91, 163
Sete Dons do Espírito Santo	122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134
Sete Sacramentos	123, 161, 164
Símbolos	2, 3
Símbolo dos Apóstolos (Creio)	117
Sinos	34, 178, 179, 180
Sociedade de São Vicente de Paulo	12, 13, 15
Templo	7
Torres (fachada)	12, 14, 173, 174, 175, 181, 182
Transfiguração no Monte Tabor	111, 113
Via-Sacra	21, 22
Vitrais	16, 19, 20, 34, 41, 62, 63, 68, 69, 70, 71, 73, 76, 78, 79, 83, 88, 100, 109
.....	153, 159, 161, 176
Zimbório	176, 177, 181